



LISA KLEYPAS
A autora best-seller do *The New York Times*

*Uma chance
para recomeçar*

É tudo de que você precisa



Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Prólogo

Capítulo 1

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

LISA KLEYPAS



*Uma chance
para recomeçar*

Tradução:
Bárbara Menezes



Título original: Christmas Eve at Friday Harbor
Copyright © 2010 by Lisa Kleypas
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kleypas, Lisa

Uma chance para recomeçar / Lisa Kleypas
; tradução Bárbara Menezes. -- Ribeirão
Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: Christmas Eve at Friday
Harbor.

ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

1. Ficção brasileira I. Título.

14-09130 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial
Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Ireta e Harrell Ellis

Por me mostrarem o que é o amor e por viverem-no todos os dias. Amor eterno,

L. K.

Prólogo

Querido Papai Noel

Eu só quero uma coisa este ano

Uma mãe

Por favor, não esqueça que eu moro em
Friday Harbor agora.

obrigada

com amor

HOLLY

1



Até a morte da irmã, Mark Nolan havia tratado a sobrinha Holly com a afeição despreocupada de um tio solteiro. Ele a via em eventuais reuniões nos feriados e nunca deixara de lhe comprar um presente no aniversário e no Natal. Em geral, vale-presentes. Aquele havia sido

o limite das suas interações com Holly, e fora o suficiente.

Porém, tudo mudou em uma noite de abril chuvosa em Seattle, quando Victoria morreu em um acidente de carro na I-5. Como ela nunca tinha falado em testamento ou se havia traçado um plano para o futuro de Holly, Mark não fazia ideia do que aconteceria com sua filha de seis anos. Não havia pai na história. Victoria nunca revelou quem ele era, nem para os amigos mais próximos. Mark tinha quase certeza de que ela nunca havia contado ao pai sobre a existência de Holly.

Quando Victoria se mudou para Seattle, ela se juntou a uma turma de

boêmios, um grupo de músicos e artistas. Assim, teve vários relacionamentos curtos, que proporcionaram toda a loucura artística pela qual Victoria ansiava. Às vezes, no entanto, fora forçada a admitir que a busca por realização pessoal precisava ser equilibrada por um salário regular. Tentou um emprego em uma empresa de softwares e acabou conseguindo uma vaga em recursos humanos, com um bom salário e ótimos benefícios. Por azar, naquela época, Victoria descobriu que estava grávida.

— É melhor para todo mundo se ele não estiver envolvido — disse ela a Mark, quando ele perguntou pelo pai.

— Você precisa de ajuda — protestou Mark. — No mínimo, o cara devia cumprir com as suas obrigações financeiras. Ter um filho não é barato.

— Posso lidar com isso sozinha.

— Vick... Ser mãe solteira não é uma coisa que eu deseje para ninguém.

— A ideia de ser pai, de qualquer forma, deixava você louco — respondeu Victoria. — O que é perfeitamente compreensível, tendo um passado como o nosso. Mas eu quero este bebê. E vou fazer um bom trabalho.

E tinha feito. Victoria se revelou uma mãe responsável, paciente e gentil com sua única filha; protetora sem ser

supercontroladora. Só Deus sabia de onde esses talentos maternos haviam surgido. Tinham de ser instintivos, já que com certeza ela não os tinha aprendido com os próprios pais.

Mark não tinha qualquer dúvida de que ele não possuía aqueles instintos. E foi por isso que recebeu um choque após o outro ao descobrir que não apenas havia acabado de perder uma irmã, mas também acabava de ganhar uma filha.

Ser nomeado tutor de Holly não era algo que ele houvesse imaginado. Conhecia suas próprias capacidades e sabia o que provavelmente conseguiria fazer em situações que ainda não havia enfrentado. Mas cuidar de uma criança

estava além das suas possibilidades.

Se Holly fosse um menino, talvez Mark tivesse uma mínima chance. Não era assim tão difícil desvendar os meninos. Mas o sexo feminino, por outro lado, era um mistério. Mark já havia aceitado havia muito tempo que as mulheres eram complicadas. Elas falavam coisas como “Se você ainda não sabe, eu não vou falar”. Quando pediam uma opinião sobre qual roupa usar, sempre usavam a que você não tinha escolhido. Ainda assim, embora Mark nunca fosse dizer que entendia as mulheres, ele as adorava: seu jeito elusivo, suas surpresas, suas mudanças complicadas e fascinantes de humor.

Porém, *criar* uma... Céus, não! Os riscos eram altos demais. Não havia jeito de ele poder dar um bom exemplo. E guiar uma filha pelo clima traiçoeiro e complicado de uma sociedade que apresentava todo tipo de armadilha... Ele não tinha qualificações para isso!

Mark e seus irmãos haviam sido criados por pais cuja versão de casamento fora uma guerra de atritos na qual os filhos eram usados como peões. Como resultado, os três irmãos Nolan — Mark, Sam e Alex — seguiram caminhos separados ao chegar à idade adulta. Victoria, por outro lado, ansiava pelo tipo de ligação em que sua família nunca fora boa. Finalmente, encontrara-a

em Holly e, com isso, sentiu que tinha sorte.

No entanto, uma meia volta errada do volante, um trecho de pista molhado, um movimento fora de controle, e a quantidade de vida determinada para Victoria Nolan fora reduzida com crueldade.

Ela havia deixado uma carta para Mark, guardada com o testamento.

Não há escolha além de você. Holly não conhece nem um pouco o Sam nem o Alex. Escrevo isso esperando que você nunca tenha de ler, mas, se estiver lendo... cuide da minha filha,

*Mark. Ajude-a. Ela precisa de você.
Eu sei o quanto essa
responsabilidade deve parecer
enlouquecedora. Sinto muito. Sei que
você não pediu isso. Mas você
consegue. Vai descobrir como.
Comece amando Holly. O resto virá
por si.*

— Você vai mesmo ficar com ela? —
perguntou Sam a Mark no dia do funeral,
depois da reunião na casa de Victoria.

Tinha sido sinistro ver tudo da forma
como ela tinha deixado: os livros na
estante, um par de sapatos jogados no
chão, um brilho labial na pia do
banheiro.

— É claro que vou ficar com ela — respondeu Mark. — O que mais posso fazer?

— Tem o Alex. Ele é casado. Por que a Vick não deixou a Holly para ele e a Darcy?

Mark lhe deu um olhar expressivo. O casamento do irmão mais novo deles era como um computador lotado de vírus: você não podia abri-lo no modo de segurança, e ele executava programas que pareciam inofensivos, mas realizavam todo tipo de função mal-intencionada.

— *Você* deixaria sua filha para eles? — perguntou Mark.

Devagar, Sam fez que não com a cabeça.

— Acho que não.

— Então, você e eu somos tudo o que a Holly tem.

Sam virou-se para ele com um olhar cuidadoso.

— Você é que está aceitando isso, não eu. Há um motivo para a Vick não ter me nomeado tutor. Não sou bom com crianças.

— Você ainda é tio da Holly.

— Sim, *tio*. Minhas responsabilidades estão limitadas a fazer piadas com funções do corpo e

beber muita cerveja nos almoços de família. Não faço o tipo paterno.

— Nem eu — disse Mark, sério. — Mas temos de tentar. A menos que você queira entregar a menina para a adoção.

Com uma careta, Sam esfregou o rosto com as duas mãos.

— Qual é a opinião de Shelby sobre isso?

Mark moveu negativamente a cabeça à menção de sua namorada, uma decoradora que havia conhecido quando ela estava trabalhando na casa luxuosa de um amigo em Griffin Bay.

— Só estou saindo com ela há alguns

meses. Ou ela vai lidar com isso ou vai embora... Fica por conta dela. Não vou pedir que ajude. A responsabilidade é minha. E sua.

— Talvez eu possa ficar de babá um dia. Mas não conte muito com a minha ajuda; enterrei tudo o que tinha no vinhedo.

— Exatamente o que eu falei para você não fazer, gênio.

Os olhos de Sam, do mesmo azul-esverdeado dos de Mark, se estreitaram.

— Se eu ouvisse os seus conselhos, estaria cometendo seus erros, não os meus.

Ele fez uma pausa.

— Onde a Vick guarda a bebida?

— Na despensa.

Mark foi até um armário, encontrou dois copos e os encheu de gelo.

Sam procurou na despensa.

— É estranho tomar as bebidas dela sendo que ela... se foi.

— Ela seria a primeira a nos pedir para ficarmos à vontade.

— Você deve estar certo.

Sam foi até a mesa com uma garrafa de uísque.

— Ela tinha seguro de vida?

Mark fez que não com a cabeça.

— Ela deixou vencer.

Sam lançou para ele um olhar de preocupação.

— Acho que você vai colocar a casa à venda.

— Sim. Duvido que eu vá conseguir uma boa oferta para ela neste mercado.

Mark empurrou um copo para ele.

— Não se preocupe — disse.

— Pode deixar.

Sam não parou de colocar bebida nos dois copos até eles estarem com uma quantidade generosa.

Voltaram aos seus lugares um em frente ao outro, erguerem o uísque em um brinde silencioso e beberam. Era uma boa bebida. Mark a sentia escorregar suavemente pela garganta, enviando uma onda de fogo para o seu peito.

Ele encontrou um consolo inesperado na presença do irmão. Parecia que a história da infância desagradável deles — as brigas, as pequenas traições — não iria mais atrapalhá-los. Eram adultos agora, com um potencial para a amizade que nunca existiu enquanto seus pais ainda viviam.

Com Alex, no entanto, nunca era possível se aproximar o bastante para

gostar ou não dele. Ele e a esposa, Darcy, tinham ido ao funeral, mas não ficaram mais de quinze minutos e, depois, foram embora sem falar com quase ninguém.

— Eles já foram? — Mark havia perguntado, sem acreditar, ao não ver mais o casal.

— Se queria que eles ficassem mais — disse Sam —, devia ter feito a recepção do funeral na Nordstrom.

Sem dúvida, as pessoas se perguntavam como três irmãos podiam morar em uma ilha cuja população não passava de sete mil pessoas e conviver tão pouco. Alex morava com Darcy em

Roche Harbor, no lado norte. Quando não estava ocupado com a construção de um condomínio, estava levando a mulher a eventos sociais em Seattle. Mark, por sua vez, mantinha-se ocupado com um pequeno negócio de torrefação de café em Friday Harbor. E Sam, que sempre estava em seu vinhedo, cuidando das vinhas e mimando-as, sentia uma ligação maior com a natureza do que com as pessoas.

A única coisa que tinham em comum era seu amor pela ilha de San Juan. Ela fazia parte de um arquipélago que consistia em mais ou menos duzentas ilhas, algumas delas abarcadas pelos condados de Whatcom e Skagit, no

território continental de Washington. Os Nolan passaram a infância na sombra das Olympic Mountains, um lugar protegido de grande parte do cinza do resto do noroeste do Pacífico.

Cresceram respirando o ar úmido do oceano, os pés descalços constantemente cobertos pelo lodo das marés expostas. Haviam sido abençoados com manhãs úmidas e lilases, dias azuis e secos e o pôr do sol mais bonito da Terra. Nada se comparava à visão das aves caçando as ondas. Ou de águias-carecas disparando para baixo em perseguição de suas presas. Ou a dança das orcas, suas formas lustrosas mergulhando, erguendo as cabeças para fora da água e cortando

o mar de Salish conforme se alimentavam da rica vibração dos cardumes de salmão.

Os irmãos andavam por toda a ilha, subindo e descendo declives varridos por ventos acima da costa, entre colunas sombrias de florestas de madeira e cruzando prados cobertos de grama e flores silvestres com nomes bonitos... lírios-chocolate, estrelas cadentes, rugas do mar. Nenhuma mistura de água, areia e céu era tão perfeitamente proporcional.

Embora tivessem ido para a faculdade em cidades diferentes e tentado viver em outros lugares, a ilha sempre os atraía de volta. Até mesmo Alex, com todas as

suas ambições irredutíveis, havia retornado. Era o tipo de vida no qual se conheciam os fazendeiros locais que cultivavam a maioria dos produtos que se comiam ali, e o rapaz que fazia o sabonete com o qual todos se lavavam, e se tratava de maneira informal os proprietários dos restaurantes aos quais se ia; podia-se pedir carona com segurança, então os simpáticos moradores da ilha levavam uns aos outros de carro quando precisavam.

Victoria foi a única da família que encontrara algo pelo qual valia a pena deixar a ilha. Ela se apaixonou pelos picos de vidro e vales de cimento de Seattle, a cena urbana de café e cultura,

os restaurantes estilosos e sem exageros que seduziam suas papilas gustativas, o labirinto sensorial do Pike Place Market.

Em resposta a um comentário de Sam sobre todos falarem e pensarem demais na cidade, Victoria respondera que Seattle a deixava mais inteligente.

— Eu não preciso ser mais inteligente — havia respondido Sam. — Quanto mais inteligente você é, mais motivos tem para ser infeliz.

— Isso explica por que nós, os Nolan, sempre estamos de bom humor — disse Mark a Victoria, fazendo-a rir.

— Mas não o Alex — comentou ela,

ficando séria depois de um minuto. —
Acho que o Alex nunca foi feliz um
único dia de sua vida.

— Alex não precisa de felicidade —
respondera Mark. — Ele fica bem com
os substitutos.

Voltando para o presente, Mark se
perguntou o que Victoria diria se
soubesse que ele criaria Holly na Ilha de
San Juan. Não percebeu que tinha
expressado o pensamento em voz alta
até Sam responder.

— Como se ela fosse ficar surpresa.
A Vick sabia que você nunca se mudaria
da ilha. Sua empresa de café fica lá, sua
casa, seus amigos. Tenho certeza de que

ela sabia que você levaria a Holly para Friday Harbor se alguma coisa acontecesse com ela.

Mark assentiu, sentindo-se vazio e infeliz. Não conseguia pensar por muito tempo na magnitude da perda da menina.

— Ela disse alguma coisa hoje? — perguntou Sam. — Não ouvi a Holly dar um pio.

Desde que haviam lhe falado da morte da mãe, Holly se manteve em silêncio, respondendo às perguntas com um gesto de cabeça. Tinha uma expressão distante e entorpecida, parecendo ter se recolhido num mundo interior que ninguém podia invadir. Na noite da

morte de Victoria, Mark tinha ido direto do hospital para a casa dela, onde uma babá estava cuidando da menininha. Deu a notícia para a criança pela manhã e ficou ao alcance dela desde então.

— Nada — respondeu Mark. — Se ela não começar a falar até amanhã, vou levá-la ao pediatra. — Ele soltou um suspiro trêmulo antes de acrescentar: — Nem sei quem é o pediatra dela.

— Tem uma lista na geladeira — disse Sam. — Tem alguns números, inclusive o do médico da Holly. Acho que a Vick deixava a lista ali para o caso de uma babá precisar em uma emergência.

Mark foi até a geladeira e destacou um dos lembretes, guardando-o na carteira.

— Ótimo — disse, com sarcasmo. — Agora pelo menos eu sei tanto quanto a babá.

— É um começo.

Depois de voltar para a mesa, Mark deu um gole longo e lento no uísque.

— Tem uma coisa sobre a qual preciso falar com você. Morar no meu apartamento em Friday Harbor não vai dar certo para a Holly e eu. Só tem um quarto e não tem quintal para ela brincar.

— Você vai vender?

— Alugar, talvez.

— E depois, para onde você iria?

Mark parou por um longo e cuidadoso momento.

— Você tem bastante espaço.

Os olhos de Sam se arregalaram.

— Não tenho, não.

Dois anos antes, Sam havia comprado uma grande propriedade em False Bay em busca do antigo sonho de abrir sua própria vinícola. O terreno, com sua areia bem drenada, solo de cascalho e *terroir* de clima fresco, era perfeito para um vinhedo. Junto com a terra viera uma

casa de fazenda vitoriana aos pedaços e cavernosa com uma varanda em toda a volta, várias janelas imensas, uma grande torre no canto e telhas multicoloridas.

“Precisando de reparos” era uma expressão gentil demais para o lugar, com seus rangidos, afundamentos, gotejamentos estranhos e poças sem origem aparente. Os antigos moradores haviam deixado sua marca na casa, instalando banheiros onde eles não haviam sido programados e colocando papel de parede de lascas de madeira, armários sem profundidade com portas de correr sacolejantes, uma abundância de prateleiras de cerejeira e molduras

com tinta branca barata. Os pisos de madeira originais haviam sido cobertos com linóleo ou carpetes ásperos.

Porém, a casa tinha três fatores a seu favor: havia espaço mais do que suficiente para dois solteiros e uma criança de seis anos, havia um grande quintal e um pomar, e sua localização em False Bay era a parte favorita de Mark na ilha.

— Não vai rolar — disse Sam, sem rodeios. — Gosto de morar sozinho.

— O que você tem a perder se nos deixar ficar com você? Não tem um único aspecto da sua vida no qual fôssemos interferir.

Nós. Nos. Pronomes que, aparentemente, iriam substituir o “eu” na maioria das frases de Mark dali em diante.

— Você está brincando, né? Sabe como é a vida para caras solteiros com filhos? Você perde todas as mulheres gostosas porque nenhuma delas quer bancar a babá, e elas não querem criar o filho de outra pessoa. Mesmo se, por algum milagre, você conseguir uma mulher gostosa, não consegue ficar com ela. Nada de fins de semana espontâneos em Portland ou Vancouver, nada de sexo selvagem, nada de dormir tarde, *nunca*.

— Você não faz essas coisas agora — observou Mark. — Passa todo o tempo

no vinhedo.

— A questão é que isso é escolha minha. Mas não há escolha quando você tem um filho. Enquanto seus amigos estão tomando cerveja e vendo um jogo, você está no mercado procurando produtos para tirar manchas e bolachas em forma de peixinhos.

— Não é para sempre.

— Não, apenas para o resto da minha juventude.

Sam baixou a cabeça para a mesa como se fosse bater nela e, depois, contentou-se em apoiar-se nela.

— Como você está definindo sua

juventude, Sam? Porque, do meu ponto de vista, sua juventude já fez a curva alguns anos atrás.

Sam ficou imóvel, exceto pelo dedo do meio da mão direita, que disparou para cima.

— Eu tinha planos para os meus trinta anos — disse ele, com a voz abafada. — E nenhum deles incluía crianças.

— Os meus também não.

— Não estou pronto para isso.

— Eu também não. Por isso, preciso da sua ajuda.

Mark soltou um suspiro tenso.

— Sam, quando foi que eu pedi

alguma coisa a você?

— Nunca. Mas tem de começar agora?

Mark deixou seu tom discretamente persuasivo.

— Pensei nisso desta forma... Vamos começar devagar. Vamos ser os guias de vida da Holly. Guias de viagem tranquilos, que nunca inventam besteiras como “punições razoáveis” ou “porque eu disse que sim”. Já aceitei o fato de que não vou fazer o melhor trabalho de criação de uma criança... Mas, diferentemente do nosso pai, meus erros vão ser benignos. Não vou dar um tapa nela com as costas da mão quando ela

não limpar o quarto. Não vou fazer com que ela coma aipo se ela não gostar. Nada de manipulação psicológica. Com sorte, ela vai acabar tendo uma boa visão de mundo e um emprego que pague as suas contas. Deus sabe que, qualquer que seja o jeito como a gente faça isso, será melhor do que deixar que a menina seja criada por estranhos. Ou, pior, pelos nossos outros parentes.

Alguns palavrões murmurados emergiram do triângulo de músculos tensos formado pelos braços de Sam. Como Mark esperava, o senso inato de justiça do irmão tinha tomado conta dele.

— Certo.

As costas dele subiram e desceram com um suspiro antes de ele repetir:

— Certo. Mas eu vou impor algumas condições. Para começar, quero o dinheiro do seu apartamento quando você o alugar.

— Combinado.

— E vou precisar de ajuda para consertar a casa.

Mark o encarou com cautela.

— Não sou muito bom com reformas. Posso fazer o básico, mas...

— Você é bom nisso. E a visão de ter você dando um novo acabamento para os meus pisos será um bálsamo para a

minha alma.

Agora que Sam prometera o dinheiro do aluguel e o trabalho barato, um pouco da hostilidade dele havia diminuído.

— Vamos tentar por alguns meses. Mas, se não der certo para mim, você vai ter de levar a menina para outro lugar.

— Seis meses.

— Quatro.

— Seis.

— Tudo bem, droga! Seis meses.

Sam serviu mais uísque.

— Céus! — murmurou ele. — Três

Nolan sob o mesmo teto. Um desastre prestes a acontecer.

— O desastre já aconteceu — falou Mark, brevemente, e teria dito mais, mas ouviu um barulho suave de pés se arrastando no corredor.

Holly chegou à entrada da cozinha. Ela havia saído da cama e estava ali com uma expressão desnorteada e confusa pelo sono. Uma pequena refugiada, usando pijama rosa, os pés pálidos e vulneráveis no chão de ardósia escura.

— O que foi, querida? — perguntou Mark com delicadeza, indo até ela.

Ele a pegou no colo — a menina não

pesava mais do que dezoito quilos— e ela se agarrou a ele como um animalzinho assustado.

— Não consegue dormir?

O peso redondo da cabeça dela em seu ombro, a massa embaraçada e macia do seu cabelo loiro, o cheiro de lápis de cera e xampu de morango encheram-no de ternura.

Ele era tudo o que ela tinha.

Comece amando Holly...

Aquela seria a parte fácil. Era com o resto que ele estava preocupado.

— Vou colocar você para dormir, abelhinha — disse Mark. — Você

precisa dormir. Temos vários dias cheios pela frente.

Sam os seguiu enquanto Mark carregava Holly de volta para o quarto. A cama de dossel tinha uma moldura no topo, onde Victoria havia pendurado várias borboletas de tecido com asas leves e transparentes. Acomodando Holly na cama, Mark puxou as cobertas até o queixo dela e se sentou ao seu lado. Ela estava em silêncio e nem mesmo piscava.

Olhando em seus olhos azuis e melancólicos, Mark arrumou o cabelo dela para trás da testa. Teria feito qualquer coisa por ela. A força de suas próprias emoções o surpreendeu. Ele

não podia compensar o que Holly havia perdido. Ele não podia lhe dar a vida que ela teria tido. Porém, iria cuidar dela. Não iria abandoná-la.

Todos esses pensamentos, e mais, inundaram sua mente. No entanto, ele disse apenas:

— Quer que eu conte uma história para você dormir?

Holly fez que sim com a cabeça, seu olhar passando depressa para Sam, que ficou encostado no batente da porta.

— Era uma vez — começou Mark — três ursinhos.

— Dois tios ursos — acrescentou

Sam da entrada, parecendo vagamente resignado — e um ursinho bebê.

Mark deu um sorriso fraco enquanto acariciava o cabelo da menina.

— E eles moravam em uma grande casa perto do mar...



O sino na porta da loja balançou quando o homem dos sonhos de Maggie entrou. Ou, mais precisamente, ele era o homem da realidade de outra pessoa, já que estava segurando a mão de uma menininha que devia ser sua filha. Enquanto a criança se apressou para dar

uma olhada no grande carrossel que girava devagar no canto da loja de brinquedos, seu pai entrou andando mais devagar.

A luz do sol de setembro, inclinándose aos poucos, passou pelo seu cabelo escuro cortado em camadas curtas, as pontas se enrolando um pouco contra a nuca. Conforme passava por um móvel pendurado no teto, baixou a cabeça para evitar bater nele. Ele se mexia como um atleta, relaxado mas alerta, dando a impressão de que, se alguma coisa fosse jogada de surpresa, contra ele, iria pegá-la sem hesitação.

Sentindo o interesse incontrollável de Maggie, o homem olhou na direção dela.

Ele tinha uma beleza forte e de ângulos precisos, e seus olhos de um azul tão intenso podiam ser vistos do outro lado da loja. Embora fosse alto e impressionante, não havia arrogância nele... Apenas uma confiança silenciosa e potente. Com o início da sombra de uma barba que cresceu ao longo do dia e jeans usado até o ponto de se desgastar, era um pouco bagunçado e muito sensual.

E comprometido!

Desprendendo seu olhar dele, Maggie pegou depressa um tear de madeira. Com muito cuidado, recolocou nele alguns laços de tecido elástico.

Enfiando as mãos nos bolsos, o homem se aproximou da filha devagar. Ele se interessou pelo trem que se movimentava pela loja toda, os trilhos posicionados em uma prateleira construída perto do teto.

Desde que a Magic Mirror tinha sido aberta, três meses antes, os negócios continuavam acelerados. Mesas estavam repletas de brinquedos antigos: binóculos, ioiôs feitos a mão, carrinhos de madeira, bichos de pelúcia parecendo de verdade, pipas robustas.

— Aquele é Mark Nolan com a sobrinha Holly — murmurou Elizabeth, uma das atendentes da loja, para Maggie.

Elizabeth era uma aposentada que arranjava um emprego de meio-período na loja. Era uma mulher mais velha e ativa, que parecia conhecer todas as pessoas da ilha. Maggie, que acabava de se mudar de Bellingham para lá no começo do verão, descobrira em Elizabeth uma fonte inestimável de informações.

Elizabeth conhecia os clientes, a história de suas famílias e seus gostos pessoais, e ela se lembrava do nome dos netos de todo mundo. “Não está chegando mais ou menos perto do aniversário do Zachary?”, perguntava a uma amiga que estivesse olhando os produtos da loja. Ou “fiquei sabendo

que a pobrezinha da Madison está doente... Temos uns livros novos perfeitos para ler na cama”. Sempre que Elizabeth estava lá, ninguém saía da Magic Mirror sem comprar alguma coisa. Às vezes ela até ligava para os clientes quando chegava algum artigo novo que achava que eles poderiam apreciar. Quando se mora em uma ilha, o boca a boca ainda é a ferramenta de vendas mais eficiente.

Os olhos de Maggie se arregalaram um pouco.

— Sobrinha?

— Sim, o Mark está criando a menina. A mãe dela morreu em um

acidente de carro há uns seis meses, pobrezinha. Assim, o Mark trouxe a menina de Seattle e eles estão morando no Vinhedo Rainshadow, na casa do irmão dele, o Sam. Eu não podia imaginar aqueles dois tentando cuidar de uma menininha sozinhos, mas eles conseguiram até agora.

— Os dois são solteiros?

Uma pergunta que não era da conta de Maggie, mas escapou antes que pudesse impedi-la.

Elizabeth fez que sim com a cabeça.

— Tem outro irmão, o Alex, que é casado, mas ouvi dizer que estão tendo problemas.

Ela lançou um olhar de pena para Holly.

— Ela precisa de uma mulher por perto. Acho que é um dos motivos de não falar.

Maggie franziu as sobrancelhas.

— Com estranhos, você quer dizer?

— Com ninguém. Desde o acidente.

— Ah — sussurrou Maggie. — Um dos meus sobrinhos não falava com ninguém da escola quando começou o Ensino Fundamental. Mas ele falava com os pais em casa.

Elizabeth sacudiu a cabeça, triste.

— Até onde eu sei, a Holly fica em

silêncio o tempo todo.

Ela colocou um chapéu cônico cor-de-rosa com um véu por cima de cachos brancos que dançavam como antenas de borboletas e prendeu um elástico embaixo do queixo.

— Dizem que ela vai superar isso logo. O médico disse para não forçarem.

Pegando um cetro com uma estrela brilhante na ponta, Elizabeth voltou para o salão de festas, onde estava acontecendo um aniversário.

— Está na hora do bolo, majestades!
— anunciou ela, e foi recebida por gritinhos agudos antes de a porta se fechar atrás de si.

Depois de ligar para um cliente que havia comprado um coelho de pelúcia e um livro ilustrado, Maggie espiou a loja até achar Holly Nolan de novo.

A menina estava olhando para uma casinha de fadas presa na parede. Maggie tinha feito a casa sozinha, decorando o telhado com musgo seco e tampinhas de garrafa pintadas de dourado. A porta circular fora feita com o estojo de um relógio de bolso quebrado. Nas pontas dos pés, Holly apertou os olhos para espiar por uma janelinha.

Emergindo de trás do balcão, Maggie se aproximou dela, sem deixar de ver a sutil tensão nas costas da criança.

— Você sabe o que é isso? —
perguntou Maggie, com delicadeza.

Holly fez que não com a cabeça, sem olhar para ela.

— A maioria das pessoas pensa que é uma casa de bonecas, mas não é. É uma casa de fadas.

Holly então a encarou, seus olhos indo dos tênis de cano baixo de Maggie até seu cabelo ruivo cacheado.

Maggie sentiu uma onda inesperada de ternura enquanto uma estudava a outra. Ela viu a frágil solenidade de uma criança que não confiava mais na permanência de nada. Mesmo assim, sentiu que Holly ainda habitava os

cantos de sua infância, pronta para ser tentada por algo que tivesse um toque de mágica.

— A fada que mora aqui quase sempre sai durante o dia — disse Maggie. — Mas ela volta à noite. Tenho certeza de que ela não se importaria se eu deixasse você espiar dentro da casa. Você gostaria de ver?

Holly fez que sim.

Com cautela, Maggie levou a mão ao fecho na lateral da casa e o soltou. A frente inteira abriu para revelar três pequenos aposentos mobiliados, contendo uma cama feita de gravetos... uma xícara de café dourada como

banheira... uma mesa com a forma de um cogumelo, com uma rolha como cadeira.

Maggie ficou satisfeita em ver um sorriso hesitante se abrir no rosto de Holly, revelando o adorável espaço de um dente que faltava na fileira de baixo.

— Ela não tem nome, essa fada — segredou Maggie, fechando a frente da casa. — Não um nome de gente, quero dizer. Apenas um nome de fada, que, é claro, as pessoas nunca conseguiriam pronunciar. Por isso, estou tentando pensar em outro nome para ela. Quando eu decidir, vou pintar em cima da porta da frente. Alfazema, talvez. Ou Rosa. Você gosta de algum deles?

Holly fez que não com a cabeça e mordeu os lábios, olhando para a casa, pensativa.

— Se você estiver pensando em um nome — continuou Maggie —, pode escrever para mim.

O tio de Holly se juntou a elas, uma mão protetora fechando-se sobre os ombros frágeis.

— Está tudo bem, Holly?

Uma voz atraente, sombria e lentamente preparada. Porém, havia um brilho de aviso no olhar que ele lançou a Maggie. Ela recuou um passo quando se viu confrontada por um homem irredutível com mais de 1,83 m de

altura. Mark Nolan não era exatamente bonito, mas seus traços marcantes e sua aparência bem proporcionada e morena tornavam a beleza irrelevante. Uma pequena cicatriz curva na bochecha, suavemente prateada à luz que vinha da janela, dava-lhe um toque agradável de dureza. E os olhos... Um tom raro de azul-esverdeado, como o oceano em um folheto de viagem para os trópicos. Ele parecia perigoso de alguma forma que ainda precisava se revelar. Era o erro que uma mulher nunca se arrependeria de ter cometido.

Ela conseguiu dar um sorriso neutro.

— Oi. Meu nome é Maggie Conroy.
Esta loja é minha.

Mark não se deu ao trabalho de dizer seu nome. Reparando no fascínio da sobrinha pela casa de fadas, perguntou:

— Está à venda?

— Não. Faz parte da decoração da loja.

Olhando para Holly, Maggie acrescentou:

— Não é difícil de fazer. Se você fizer o desenho de uma e trazer para mim, posso ajudar a construir.

Abaixando-se para se sentar nos calcanhares, ela olhou direto para o rosto da menininha.

— Nunca se sabe se uma fada vai vir

morar nela. Tudo o que você pode fazer é esperar e cruzar os dedos.

— Não acho que... — começou Mark Nolan, mas se calou de repente quando Holly sorriu e estendeu a mão para tocar em um dos brincos de cristal que Maggie usava, fazendo-o balançar.

Alguma coisa na menina, com seu rabo de cavalo torto e seu olhar melancólico, atravessou várias camadas de autoproteção. Maggie sentiu uma tristeza doce, quase dolorida, no peito enquanto elas se contemplavam.

Eu entendo, Maggie queria dizer a ela. *Também perdi alguém*. E não havia regras sobre como lidar com a morte de

alguém que se ama. Era necessário aceitar que a perda sempre existiria e ficaria com a pessoa como um lembrete preso com um alfinete no lado de dentro do casaco. Porém, ainda havia oportunidades de felicidade. Até mesmo alegria. Maggie sabia que não podia duvidar disso.

— Você gostaria de ver um livro sobre fadas? — perguntou ela, e viu a ansiedade iluminar o rosto da menina.

Conforme Maggie se levantou, sentiu a mão de Holly roçar na sua. Sua mão se fechou cuidadosa sobre o frio pacotinho de dedos.

Arriscando um olhar para Mark

Nolan, Maggie viu que o rosto dele revelava surpresa, seu olhar de poucos amigos apontado para as mãos unidas das duas. Ela sentiu que aquilo o havia surpreendido de fato, aquela disposição de Holly em dar a mão para uma estranha. Como ele não fez objeção, Maggie levou Holly na direção dos fundos da loja.

— A seção de livros é aqui — disse Maggie.

Elas chegaram a uma mesa pequena de criança e a um par de cadeirinhas. Quando Holly se sentou, Maggie puxou da estante um exemplar pesado e ricamente colorido.

— Aqui está — disse ela, alegre. —
Tudo o que você sempre quis saber
sobre fadas.

Era um livro bonito e ilustrado.
Várias páginas tinham cenas em pop-up.
Sentada em uma cadeira pequenina ao
lado de Holly, Maggie abriu o livro para
ela.

Nolan ficou por perto, parecendo
verificar as mensagens do celular, mas
Maggie tinha consciência do seu
interesse disfarçado. Embora ele
estivesse disposto a deixá-la interagir
com a sua sobrinha, não aconteceria sem
a sua supervisão.

Maggie e Holly olharam para a seção

intitulada “O que as fadas fazem o dia todo”, mostrando-as costurando arco-íris uns aos outros como longas fitas, podando jardins e tendo reuniões para o chá com borboletas e joaninhas.

Pelo canto dos olhos, Maggie viu que Mark havia pegado um dos exemplares lacrados do livro da prateleira e colocado em uma cesta. Ela não pôde deixar de reparar nas linhas duras e esbeltas do corpo dele, a flexão de músculo por baixo do jeans velho e da camiseta cinza gasta.

O que quer que Nolan fizesse para viver, ele se vestia como um homem da classe trabalhadora, com sapatos gastos, calça jeans e um relógio bom, mas não

espetacular. Essa era uma das coisas de que Maggie gostava nos moradores da ilha, ou sanjuaneros, como eles se referiam a si mesmos sem muita seriedade. Nunca era possível saber quem era milionário e quem era paisagista.

Uma mulher mais velha se aproximou do caixa e Maggie empurrou o livro um pouco mais para perto de Holly.

— Preciso ajudar uma pessoa — disse ela. — Você pode olhar o livro o quanto quiser.

Holly fez que sim com a cabeça, traçando com delicadeza o contorno de um arco-íris com a ponta do dedo.

Indo para trás do balcão, Maggie encarou uma mulher de cabelos grisalhos arrumados com habilidade e óculos de lentes grossas.

— Eu gostaria de um embrulho para presente, por favor — disse a mulher, empurrando um kit de trem de madeira em uma caixa pelo balcão.

— Esse é um ótimo kit para iniciantes — disse Maggie a ela. — Você pode montar os trilhos de quatro jeitos diferentes e, depois, pode acrescentar a ponte giratória. Ela tem portõezinhos que abrem e fecham automaticamente.

— É mesmo? Talvez eu deva comprar uma dessas agora.

— Deixe-me mostrar uma para você. Temos uma em exposição perto da frente da loja...

Enquanto Maggie guiava a mulher até a mesa dos trens, viu que Holly e o tio tinham deixado a área dos livros e estavam olhando para os cabides com asas de fadas na parede. Nolan ergueu a menina para dar a ela uma visão melhor das asas. O estômago de Maggie deu um mergulhinho engraçado quando viu como a camiseta dele se moldava às suas costas.

Desviando o olhar, Maggie começou a embrulhar o trem. Enquanto trabalhava, a cliente apertou os olhos para uma frase pintada na parede atrás do balcão. *Não*

*há sensação que se compare a essa...
animação suspensa, um estado de
alegria...*

— Que frase boa — disse a mulher.
— É de um poema?

— Pink Floyd — falou Nolan
enquanto se aproximava para colocar
uma cesta muito cheia no balcão. — É
de uma música chamada “Learning to
fly”.

Quando o olhar de Maggie cruzou
com o dele, ela sentiu que ficava
vermelha.

— Você gosta de Pink Floyd?

Ele sorriu um pouco.

— Gostava no colegial. Durante uma fase em que me vestia de preto e reclamava do meu isolamento emocional.

— Eu me lembro dessa fase — disse a mulher. — Seus pais queriam ligar para o governador e alistá-lo na Guarda Nacional.

— Graças a Deus eles amavam seu país demais para levar isso adiante.

O sorriso de Nolan se alargou, deixando Maggie momentaneamente deslumbrada, embora ele não estivesse olhando na direção dela.

Ela se atrapalhou um pouco quando deslizou o presente embrulhado para

uma sacola com alças de cordão.

— Aí está — disse, animada, empurrando a sacola na direção da mulher.

Nolan estendeu a mão para ela.

— Parece pesado, Sra. Borowitz. Posso levar até seu carro.

A mulher sorriu.

— Obrigada, eu consigo. Como estão os seus irmãos?

— O Sam está ótimo. Fica no vinhedo a maior parte do tempo. Quanto ao Alex... Não o tenho visto muito ultimamente.

— Ele com certeza está deixando a

sua marca em Roche Harbor.

— É.

Mark contorceu estranhamente os lábios.

— Ele não vai descansar até encher a ilha de condomínios e estacionamentos.

A mulher olhou para Holly.

— Oi, querida. Como está?

A menina fez que sim com a cabeça, tímida, e não disse nada.

— Você acabou de começar a primeira série, não é? Gostou da professora?

Outro aceno tímido.

A Sra. Borowitz fez um barulhinho gentil com a língua.

— Ainda não está falando? Bem, precisa começar logo. Como as pessoas vão saber o que você está pensando se não falar para elas?

Holly fixou o olhar no chão.

Embora a intenção das palavras não tivesse sido maldosa, Maggie viu o queixo de Nolan ficar tenso.

— Ela vai dar um jeito — disse ele, em tom casual. — Sra. Borowitz, essa sacola é maior do que a senhora. Vai ter que me deixar levá-la ou vão tirar minha medalha de mérito.

A mulher deu uma risada.

— Mark Nolan, tenho certeza de que você nunca ganhou uma medalha de mérito.

— Porque a senhora nunca me deixou ajudar...

Os dois discutiram amigavelmente enquanto Nolan pegava o pacote dela e a acompanhava pela porta. Ele olhou para trás por cima do ombro.

— Holly, espere aqui. Vou voltar em um segundo.

— Ela vai ficar bem — avisou Maggie. — Vou cuidar dela.

O olhar de Nolan escorregou para ela

só por um instante.

— Obrigado — disse ele, e saiu da loja.

Maggie soltou um suspiro contido, sentindo-se um pouco como se tivesse acabado de sair de um brinquedo de um parque de diversões, suas entranhas se ajustando depois de terem sido realocadas.

Inclinando-se contra o balcão, ela olhou para Holly. O rosto da menina estava atento, os olhos iluminados, mas opacos, como vidro do mar. Maggie tentou lembrar mais de quando seu sobrinho, Aidan, não conseguia falar na escola. Mutismo seletivo, era assim que

chamavam. As pessoas costumavam pensar que esse comportamento fosse voluntário ou deliberado, mas não era. Aidan tinha melhorado com o tempo, eventualmente respondendo às aberturas pacientes da família e da professora.

— Sabe quem você me lembra? — perguntou Maggie em tom de conversa. — A Pequena Sereia. Você viu esse filme, né?

Virando-se, ela procurou embaixo do balcão e achou uma grande concha cor-de-rosa, parte de uma exposição com tema de praia que tinham planejado colocar em breve na vitrine.

— Tenho uma coisa para você. Um

presente.

Contornando o balcão, ela a segurou para Holly inspecionar.

— Eu sei, parece bem comum. Mas tem alguma coisa especial nessa concha. Você pode ouvir o oceano se colocar perto da sua orelha.

Ela entregou a concha e Holly a segurou com cuidado na orelha.

— Você consegue ouvir?

A menina respondeu com um dar de ombros despreocupado. Estava claro que o truque do oceano na concha não era novidade.

— Você sabe por que dá para ouvir

isso? — perguntou Maggie.

Holly fez que não com a cabeça, parecendo intrigada.

— Algumas pessoas... Pessoas muito práticas e científicas... Dizem que a concha capta o barulho do lado de fora e deixa que ele ressoe dentro dela. Mas outras pessoas — Maggie fez um gesto para ela mesma e lançou um olhar significativo para a menina — acreditam que tem um pouco de mágica na concha.

Depois de pensar nisso, Holly devolveu o olhar significativo dela e tocou no seu próprio e pequeno peito.

Maggie sorriu.

— Tenho uma ideia. Por que você não leva esta concha para casa e pratica fazer barulho dentro dela? Você poderia cantar ou murmurar nela assim...

Ela mandou uma melodia sem palavras para dentro da concha vazia.

— E, algum dia, talvez isso possa ajudar sua voz a voltar. Assim como a da Pequena Sereia.

Holly estendeu os braços e pegou a concha com as duas mãos.

Naquele momento, a porta se abriu e Mark Nolan entrou na loja de novo. Seu olhar foi para Holly, que encarava com atenção a abertura da concha. Ele congelou quando ouviu a menina

começar a cantarolar algumas notas suaves para dentro do objeto. O rosto dele mudou. E, naquele exato momento de guarda baixa, Maggie viu uma rápida sucessão de emoções: preocupação, medo, esperança.

— O que você está falando, Holly?
— perguntou ele em tom casual, aproximando-se delas.

A menina parou e mostrou a concha para ele.

— É uma concha mágica — disse Maggie. — Eu disse a Holly que ela pode levar para casa.

As sobrancelhas escuras de Nolan baixaram e uma sombra de incômodo

cruzou seu rosto.

— É uma concha bonita — disse ele para a sobrinha. — Mas não tem nada de mágico nela.

— Ah, tem, sim — afirmou Maggie. — Às vezes, as coisas que parecem mais comuns têm mágica... você só precisa olhar com bastante atenção.

Um sorriso sem bom humor tocou os lábios de Nolan.

— Certo — disse ele, com a voz sombria. — Obrigado.

Tarde demais, Maggie entendeu que ele era uma daquelas pessoas que não incentivavam voos da imaginação nos

filhos. Ele não era o único. Um grande número de pais acreditava que as crianças ficavam melhores com uma dieta rigorosa de realidade, em vez de serem confundidas com histórias de criaturas inventadas, ou animais falantes, ou Papai Noel. Na opinião de Maggie, no entanto, a fantasia permitia que as crianças brincassem com ideias, encontrassem consolo e inspiração. Entretanto, não cabia a ela decidir tais assuntos para o filho de outra pessoa.

Envergonhada, Maggie recuou para trás do balcão e se ocupou em passar os itens da cesta pelo caixa: o livro das fadas, um quebra-cabeça, uma corda de pular com cabo de madeira e um enfeite

de fada com asas nas cores do arco-íris.

Holly se afastou do balcão,
cantarolando baixinho para a concha.
Nolan ficou olhando para a sobrinha e,
depois, voltou sua atenção para Maggie.
Ele falou com um pouco de tensão na
VOZ.

— Sem querer ofender...

Que era a maneira como as pessoas
começavam uma frase que acabaria
sendo ofensiva.

— Eu prefiro ser honesto com as
crianças, senhorita...

— Senhora — disse Maggie. —
Conroy. E eu prefiro ser honesta

também.

— Então, por que falou que era uma concha mágica? Ou que uma fada mora naquela casa da parede?

Maggie franziu as sobrancelhas enquanto arrancava o tíquete da caixa registradora.

— Imaginação. Brincadeira. Você não entende muito de crianças, não é?

Ficou imediatamente claro que o golpe havia atingido o alvo com muito mais força do que ela havia desejado. A expressão de Nolan não mudou, mas ela percebeu que o seu rosto ficou levemente ruborizado.

— Recebi a guarda da Holly há seis meses. Ainda estou aprendendo. Mas uma das minhas regras é não deixar que ela acredite em coisas que não são reais.

— Desculpe — disse Maggie, com sinceridade. — Não tive a intenção de ofendê-lo. Mas, só porque não consegue ver uma coisa, não significa que não é real.

Ela abriu um sorriso de desculpas para ele.

— Você quer pegar o recibo ou quer que eu coloque na sacola?

Aqueles olhos hipnóticos olharam bem para os dela com uma intensidade que fazia o cérebro executar

cambalhotas.

— Na sacola.

Eles estavam próximos o bastante para que ela pudesse sentir o cheiro dele, um cheiro maravilhosamente bom de sabonete cítrico e sal do mar, e um toque de café. Devagar, ele estendeu a mão pelo balcão.

— Mark Nolan.

O cumprimento era forte, sua mão era quente e áspera por causa do trabalho. Isso despertou nela uma sutil pontada de consciência.

Para alívio dela, o sino da porta da loja tocou enquanto outra pessoa

entrava. No mesmo instante, ela retirou a mão da dele.

— Olá — disse, com uma alegria artificial. — Bem-vindo à Magic Mirror.

Nolan — Mark — ainda a estava encarando.

— De onde você veio?

— Bellingham.

— Por que se mudou para Friday Harbor?

— Parecia o lugar certo para a loja.

Maggie encolheu um pouco os ombros, para indicar que não havia muito a explicar. Aquilo não pareceu

dissuadi-lo. As perguntas eram gentis, mas persistentes, seguindo-se depressa a cada resposta dela.

— Você tem família aqui?

— Não.

— Então deve ter seguido um cara.

— Não, eu... Por que diz isso?

— Quando uma mulher como você se muda para cá, costuma ser por causa de um cara.

Ela fez que não com a cabeça.

— Sou viúva.

— Sinto muito.

O olhar firme dele acendeu uma

sensação quente e trêmula dentro dela, não desagradável por completo.

— Há quanto tempo?

— Quase dois anos. Não consigo... Não falo sobre isso.

— Acidente?

— Câncer.

Ela estava tão ciente dele, de sua vitalidade masculina saudável, que estava totalmente sem jeito, desconcertada. Fazia muito tempo desde a última vez que havia sentido esse tipo de atração, extravagante na intensidade, e ela não sabia o que fazer.

— Tenho amigos que moram em

Smugglers Cove, no lado oeste...

— Sei onde fica.

— Ah. É claro, você cresceu aqui. Bem, minha amiga Ellen sabia que eu queria recomeçar em algum lugar, depois que meu marido... depois...

— Ellen Scolari? Casada com Brad?

As sobancelhas de Maggie se levantaram, surpresas.

— Você conhece os dois?

— Não tem muitas pessoas nesta ilha que eu não conheça.

Seus olhos se apertaram, especuladores.

— Eles não me falaram de você. Há quanto tempo...

Um pequeno sussurro o interrompeu.

— Tio Mark.

— Só um minuto, Holls, eu estou...

Mark parou de falar e ficou imóvel. Teve uma reação atrasada quase cômica, seu olhar admirado indo para a criança ao seu lado.

— Holly? — Ele parecia estar sem fôlego.

A menina sorriu para ele, incerta. Apoiada nas pontas dos pés, ela alcançou o balcão para dar a concha a Maggie. E acrescentou em outro

hesitante, mas perfeitamente audível,
sussurro:

— O nome dela é Trevo.

— A fada? — perguntou Maggie em voz baixa, enquanto os cabelos da sua nuca se levantavam.

Holly fez que sim com a cabeça.
Engolindo seco, Maggie conseguiu falar:

— Obrigada por me dizer, Holly.



No choque de ouvir o sussurro de Holly, Mark se esqueceu de tudo: o que estava ao redor deles, a mulher atrás do balcão. Fazia seis meses que tentavam fazer Holly falar alguma coisa, qualquer coisa. Por que acontecera ali e naquele momento era algo que ele examinaria

com Sam mais tarde. Por ora, tinha de manter a calma, para não sobrecarregar Holly com a sua reação. Aquilo era simplesmente... Céus!

Mark se abaixou, apoiando-se em um joelho, e puxou Holly contra o seu corpo. Os braços finos envolveram o pescoço dele. Ele se ouviu murmurando o nome dela. Seus olhos estavam ardendo, e ele estava pasmo por perceber que podia perder o controle.

Porém, ele não conseguia controlar os tremores de alívio com a evidência de que parecia que Holly estava pronta para começar a falar de novo. Talvez então pudesse acreditar que ela ficaria bem.

Sentindo Holly se sacudir para se libertar do forte aperto dele, Mark deixou um beijo entusiasmado na bochecha dela e se forçou a soltá-la. Ficou em pé, avaliou sua garganta fechada pela emoção e percebeu que havia uma boa chance de sua voz falhar se tentasse dizer alguma coisa. Então, engoliu seco e estudou, desatento, a letra do Pink Floyd na parede; sem ler, apenas concentrando-se nas cores da tinta, a textura da parede abaixo dela.

Por fim, deslizou um olhar prudente para a mulher ruiva atrás do balcão — Maggie —, que segurava a sacola com os objetos que ele tinha acabado de comprar. E viu que ela compreendia a

importância do que acabava de acontecer.

Não sabia o que pensar dela. Devia ter 1,60 m de altura, e cachos ruivos bagunçados ziguezagueavam de um lado a outro. Seu corpo era esbelto, vestido com capricho em uma camiseta branca e calça jeans.

O rosto, meio escondido por aqueles cachos exuberantes, era bonito; seus traços, delicados; a pele, pálida, a não ser pelo rubor febril nas bochechas. E seus olhos... Escuros e com cílios longos, da cor do chocolate. Ela lembrava um pouco as meninas que ele havia conhecido na faculdade, as engraçadas e interessantes com quem

ficava acordado metade da noite e conversava, mas nunca saía. Ele saía com as muito bonitas, as que faziam os outros rapazes ficarem com inveja dele. Foi apenas mais tarde que pensou no que podia ter perdido.

— Posso conversar com você um dia?
— perguntou ele, parecendo mais repentino do que queria.

— Estou sempre aqui — disse Maggie, em tom leve. — Passe quando quiser.

Ela empurrou a concha pelo balcão.

— Por que não leva para casa, Holly?
Só para o caso de você precisar de novo.

— Ei, pessoal! — Uma voz suave e alegre veio de trás de Mark.

Era Shelby Daniels, a namorada de Mark de Seattle. Era uma mulher inteligente, bonita e uma das pessoas mais legais que ele já conhecera. Shelby podia ser levada para qualquer lugar, com qualquer companhia, e encontraria um jeito de se enturmar.

Ela se aproximou deles, prendendo uma mecha de cabelo loiro brilhante atrás da orelha. Estava usando calça capri cáqui, uma bonita camisa branca e sapatilhas, sem enfeites além de brincos com uma única pérola.

— Desculpem, me atrasei alguns

minutos. Precisei provar uma coisa em uma loja aqui perto, mas não deu certo. Vejo que você comprou algumas coisas, Holly.

A menina fez que sim com a cabeça, quieta como de costume.

Com um misto de preocupação e divertimento maldoso, Mark percebeu que Holly não iria falar na frente de Shelby. Ele devia contar alguma coisa sobre o que acabara de acontecer? Não, aquilo poderia colocar pressão sobre Holly. Melhor deixar de lado, ficar tranquilo.

Olhando ao redor, Shelby disse:

— Que lojinha ótima. Da próxima vez

que eu vier aqui, quero comprar algumas coisas para os meus sobrinhos. O Natal vai chegar antes que a gente perceba.

Ela enrolou a mão em volta do braço de Mark e sorriu para ele.

— Se eu quiser pegar o voo, acho que é melhor a gente ir agora.

— Com certeza.

Mark pegou a sacola no balcão e estendeu a mão para a concha que Holly segurava.

— Quer que eu leve isso, Holls?

Ela apertou a concha com mais força, querendo levar ela mesma.

— Certo — disse Mark —, mas não

deixe cair.

Olhando de novo para a ruiva atrás do balcão, Mark viu que ela estava reorganizando as canetas na caneca ao lado da caixa registradora, arrumando a fileira de bichinhos de pelúcia, ocupando-se com tarefas desnecessárias. Uma luz baixa entrou pelas janelas e cintilou o vermelho brilhante nos seus cachos.

— Tchau — disse ele. — E obrigado.

Maggie Conroy deu para ele um aceno rápido sem olhar de verdade na sua direção. E foi assim que Mark soube que ela tinha perdido completamente o equilíbrio, como ele.



Depois de deixar Shelby no aeroporto de uma só pista Mark e Holly voltaram para casa no Vinhedo Rainshadow.

Ficava a dez quilômetros de Friday Harbor, na parte sudoeste da ilha, em False Bay. Era preciso dirigir com cuidado no domingo para desviar das pessoas de bicicleta ou a cavalo.

Cervos, mansos como cães, emergiam dos prados de grama alta de verão e de arbustos de amoras para saracotear pela estrada.

Mark deixou as janelas da sua picape abertas, permitindo ao ar suavizado pelo oceano fluir para dentro do veículo.

— Está vendo aqui?

Ele apontou para uma águia careca disparando acima deles.

— A-hã.

— Está vendo o que ela está carregando nas garras?

— Um peixe?

— É provável. Ou ela tirou o peixe da água ou roubou de outra ave.

— Para onde ele está levando? — A voz de Holly era hesitante, como se ela também estivesse surpresa de se ouvir falar.

— Talvez para o ninho. As águias machos cuidam dos filhotes, assim como

as fêmeas fazem.

Holly recebeu essa informação com um aceno trivial da cabeça. Pelo que ela sabia do mundo, aquilo era inteiramente plausível.

Mark teve de forçar suas mãos a deixarem de apertar o volante. A felicidade o tinha preenchido da cabeça aos pés. Fazia tanto tempo que não ouvia Holly falar que quase tinha esquecido o som da voz dela.

O psicólogo da garota tinha falado para começarem com interações não verbais, como pedir a Holly para apontar o que ela queria do cardápio, com o objetivo eventual de dizer uma

palavra de verdade.

Até aquele dia, a única vez em que Mark conseguira fazer Holly produzir um som fora em um passeio de carro recente pela Roche Harbor Road, quando tinham visto Mona, o camelo, no pasto. O camelo, morador bem conhecido da ilha, fora comprado de um comerciante de animais exóticos em Mill Creek e levado à ilha cerca de oito ou nove anos antes. Sentindo-se um idiota, Mark havia entretido Holly com imitações de sons de camelo e fora recompensado quando Holly fez o mesmo por um curto tempo.

— O que ajudou você a encontrar sua voz, querida? Tem alguma coisa a ver

com a Maggie? A mulher ruiva?

— Foi a concha mágica.

Holly olhou para a concha, aninhada com carinho nas suas mãozinhas.

— Mas não é...

Mark parou de falar. A questão não era se a concha era mágica ou não. A questão era que a ideia havia criado uma ligação com Holly, havia sido oferecida no momento exato para ajudá-la a encontrar um caminho e sair do silêncio. Magia, fadas... Tudo aquilo fazia parte de um léxico de infância que ele não conhecia, algum território da imaginação que havia abandonado muitos anos antes. Porém, Maggie Conroy não havia

abandonado esse território.

Ele nunca tinha visto Holly criar uma ligação com qualquer mulher daquele jeito, nem com as antigas amigas de Victoria, nem com a professora, tampouco com Shelby, com quem ela havia passado um bom tempo. Quem era aquela Maggie Conroy? Por que uma mulher solteira e jovem, ainda na faixa dos vinte anos, se mudaria por vontade própria para uma ilha onde mais da metade dos seus moradores tinha mais de 45 anos? E por que uma loja de brinquedos?

Ele queria vê-la de novo. Queria saber tudo sobre ela.

A luz do final da tarde de domingo tinha cor de mel e era pesada, fazendo brilhar as piscinas naturais e os canais rasos de False Bay. O lugar, cerca de dois acres de planícies de areia, parecia uma baía comum até se esvaziar por completo na maré baixa. Gaivotas, garças e águias procuravam opções em meio à fartura de vida marinha nessas planícies: caranguejos-verdes, larvas, camarões da lama. Era possível andar por pelo menos meia hora no barro antes de a maré chegar.

A picape virou para a entrada de cascalho privativa do Vinhedo Rainshadow e se aproximou da casa. Do lado de fora, o lugar ainda parecia velho

e caindo aos pedaços, mas, por dentro, estavam fazendo consertos estruturais. A primeira coisa que Mark fizera fora arrumar o quarto de Holly, pintando as paredes de azul-claro e os contornos de creme. Ele havia levado os móveis do antigo quarto dela e recolocado as borboletas de tecido na cama com dossel.

O maior projeto até então havia sido criar um banheiro bom o bastante para Holly. Ele e Sam tinham descascado as paredes até os suportes, instalado canos novos, nivelado o chão e colocado uma banheira e um vaso sanitário novos, e uma pia com tampo de mármore. Deixaram Holly escolher a cor da tinta

depois de colocarem e rebocarem as paredes. Naturalmente, ela havia escolhido rosa.

— Combina com a época — dissera Mark, lembrando Sam de que as amostras tinham vindo todas de uma paleta vitoriana.

— É horivelmente menininha — dissera Sam. — Sempre que entro naquele banheiro rosa, sinto que preciso fazer alguma coisa de macho depois.

— O que quer que seja isso, faça lá fora, para a gente não ter que ver.

A empreitada seguinte havia sido a cozinha, onde Mark instalara um fogão de seis bocas e uma geladeira novos.

Em seguida, descascou pelo menos seis camadas de tinta das molduras das janelas e das portas, usando removedor de tinta infravermelho e lixadeira emprestados por Alex.

Alex tinha sido inesperadamente generoso com ferramentas, materiais e conselhos. Na verdade, ele tinha começado a fazer visitas pelo menos uma vez por semana, possivelmente porque reforma e construção eram sua área de experiência e sua ajuda era uma necessidade óbvia. Nas mãos de Alex, lascas de madeira inútil podiam ser transformadas em algo inteligente e maravilhoso.

Na segunda vez em que os visitou,

Alex construiu um conjunto de nichos no armário do quarto de Holly para ela guardar sapatos. Para alegria da menina, alguns nichos haviam sido colocados com uma dobradiça escondida, abrindo-se para revelar um compartimento secreto. Em outra ocasião, Alex levou uma das suas equipes de construção quando Mark e Sam descobriram que algumas das vigas superiores da varanda da frente estavam se curvando e se desfazendo como isopor. Alex e a equipe passaram um dia instalando suportes, consertando traves danificadas e colocando novas calhas para a água da chuva. O trabalho tinha sido mais do que Mark e Sam poderiam fazer sozinhos, e,

assim, eles apreciaram sinceramente a ajuda. Mas, conhecendo Alex...

— O que você acha que ele quer? — perguntou Sam a Mark.

— Que a sobrinha não seja esmagada pelo desmoronamento da casa?

— Não, isso seria atribuir motivações humanas a ele, e concordamos em nunca fazer isso.

Mark tentou, sem sucesso, conter um sorriso. Alex era tão frio e emocionalmente distante que, às vezes, ficava a dúvida de se ele tinha pulsação.

— Talvez se sinta culpado por não ter tido mais contato com a Vick antes de

ela morrer.

— Talvez esteja usando qualquer desculpa para passar um tempo longe da Darcy. Se eu já não odiasse tanto a ideia do casamento, com certeza pensaria muito bem depois de ver o do Alex.

— É óbvio — disse Mark —, um Nolan nunca deveria se casar com alguém muito parecido conosco.

— Acho que um Nolan nunca deveria se casar com qualquer pessoa que nos aceitasse.

Qualquer que fosse o motivo, Alex continuou contribuindo com a restauração. Como resultado dos esforços combinados, a casa começou a

ficar melhor. Ou, pelo menos, a se parecer com um lugar onde pessoas normais poderiam morar.

— Se você tentar me expulsar depois de tudo isso — disse Mark um dia a Sam —, vai acabar enterrado no quintal.

Os dois sabiam, no entanto, que não havia chance de Sam os expulsar. Porque Sam, talvez mais para sua surpresa do que para surpresa de qualquer um, havia se afeiçoado à menina com devoção instantânea. Como Mark, ele morreria por Holly se fosse necessário. Ela recebia tudo de melhor que eles tinham para dar.

No início, cuidadosa com sua afeição,

Holly logo se apegou aos tios. Embora tivessem recebido alertas de pessoas de fora bem-intencionadas para não mimarem a menina, nem Sam nem Mark podiam ver evidências de que sua indulgência estivesse fazendo mal. Na verdade, os dois teriam ficado felizes em ver um pouco mais de mau comportamento em Holly. Ela era uma boa menina, sempre fazia o que mandavam.

Quando Holly não estava na escola, acompanhava Mark até sua empresa de torrefação de café em Friday Harbor, observando o torrador enorme em forma de tambor aquecer grãos crus até sua casca amarelo-clara se caramelizar em

um marrom de brilho profundo. Às vezes ele comprava sorvete para ela na loja perto da doca da baía e os dois iam “comprar barcos”, olhando filas e filas de iates, rebocadores Nordic Tug, cruzeiros e pesqueiros de caranguejo com gaiolas empilhadas no convés traseiro.

Sam costumava levar Holly com ele para cuidar das videiras, ou para caçar estrelas-do-mar e bolachas-da-praia na maré baixa em False Bay. Ele usava gravatas de macarrão que ela fizera na escola e pendurava seus desenhos pelas paredes de toda a casa.

— Eu não fazia ideia de como seria
— disse Sam uma noite, carregando

Holly para dentro da casa depois de ela ter adormecido no carro.

Eles haviam passado a tarde no Acampamento Inglês, o local onde os britânicos haviam se alojado durante a ocupação conjunta da ilha até ela ser entregue aos americanos. O parque nacional, com seus três quilômetros de litoral, era o lugar perfeito para fazer um piquenique e jogar frisbes. Eles haviam se entregado a acrobacias para fazer Holly rir, pulando para pegar o frisbe. Haviam comprado para ela uma pequena caixa de materiais e uma vara de pesca, e Mark a ensinou a jogar a linha de pescar pelo litoral.

— Como seria o quê? — Mark havia

aberto a porta e acendido as luzes da varanda.

— Ter uma criança por perto.

Um pouco envergonhado, Sam esclareceu:

— Ter o amor de uma criança.

A presença de Holly na vida dele oferecia um tipo de graça que nenhum dos dois havia conhecido até então. Um lembrete de inocência. Algo acontecia com eles, descobriram, quando ganhavam o amor e a confiança incondicionais de uma criança.

Eles queriam merecê-los.



Mark e Holly entraram na casa pela cozinha, colocando os pacotes e a concha na mesa de canto da antiquada sala de jantar com bancos embutidos. Acharam Sam na sala de estar, um aposento dolorosamente vazio com paredes sem acabamento e uma chaminé quebrada, temporariamente coberta por uma malha de aço.

Sam estava ao lado da lareira, construindo uma estrutura para uma laje de cimento que logo seria despejado para dar suporte às novas pedras aos pés da lareira.

— Vai dar um trabalho filho da mãe para consertar — disse ele enquanto tirava medidas. — Tenho de descobrir

como usar a mesma chaminé para ventilar duas lareiras diferentes. Esta leva direto para o quarto do andar de cima, você acredita?

Inclinando-se, Mark murmurou para Holly:

— Pergunte a ele o que tem para jantar.

A menina obedeceu, indo até o lado de Sam e colocando a boca perto da orelha dele. Sussurrou alguma coisa e recuou alguns passos.

Mark viu Sam ficar imóvel.

— Você está falando — disse Sam, virando-se devagar para olhar para a

menininha.

Uma nota de interrogação tinha aparecido levemente na sua voz rouca.

Holly fez que não com a cabeça, parecendo séria.

— Sim, está sim, você acabou de dizer alguma coisa.

— Não disse, não.

Uma risadinha escapou dela quando viu a expressão de Sam.

— Você fez de novo, por Deus! Diga o meu nome. Diga.

— Tio Herbert.

Sam deixou sair uma risada sem som

e a agarrou, puxando-a contra o peito.

— *Herbert?* Ah, agora vai ter lábio de galinha e pé de lagarto para o jantar.

Ainda apertando Holly, ele olhou para Mark, sacudindo a cabeça, pasmo, a pele corada, os olhos com um brilho desconfiado.

— *Como?* — foi tudo o que ele conseguiu perguntar.

— Mais tarde — disse Mark, e sorriu.



— Então, o que aconteceu? — perguntou Sam, mexendo no fogão a panela com o

molho de espaguete.

No cômodo ao lado, Holly se ocupava com seu quebra-cabeça novo.

— Como você fez isso?

Mark abriu uma garrafa de cerveja.

— Não fui eu — disse ele, depois de um gole gelado. — A gente estava naquela loja de brinquedos da Spring Street, a nova, e tinha uma ruivinha bonitinha atrás do balcão. Eu nunca tinha visto ela antes...

— Eu sei quem é. Maggie alguma coisa. Conner, Carter...

— Conroy. Você a conhece?

— Não, mas o Scolari está tentando

me fazer sair com ela.

— Ele nunca falou dela para mim — disse Mark, ofendido no mesmo instante.

— Você está saindo com a Shelby.

— O nosso relacionamento não é exclusivo.

— O Scolari acha que a Maggie faz meu tipo. Temos idades parecidas. Então, ela é bonitinha? Isso é bom. Pensei em dar uma olhada nela antes de me comprometer com alguma coisa...

— Só sou dois anos mais velho que você — retrucou Mark, ultrajado.

Apoiando a colher na tábua de carne, Sam pegou uma taça de vinho.

— Você convidou a Maggie para sair?

— Não. A Shelby estava comigo e, além disso...

— Eu tenho a preferência.

— Você não pode ter a preferência com ela — disse Mark, rápido.

As sobrancelhas de Sam se ergueram.

— Você já tem namorada. A preferência vai automaticamente para o cara que está na seca há mais tempo.

Mark ergueu os ombros em um movimento irritável.

— Então, o que a Maggie fez? — pressionou Sam. — Como ela conseguiu fazer a Holly falar?

Mark contou ao irmão a cena na loja de brinquedos, a concha mágica e como a sugestão de faz de conta havia realizado o milagre.

— Impressionante! — exclamou Sam.
— Eu nunca teria pensado em tentar algo assim.

— Foi questão de acontecer no momento certo. A Holly enfim estava pronta para falar e a Maggie deu para ela uma forma de fazer isso.

— É, mas... Seria possível a Holly ter começado a falar semanas atrás se você ou eu tivéssemos simplesmente pensado nisso?

— Quem sabe? O que você está querendo dizer?

Sam manteve a voz baixa.

— Você já pensou como vai ser quando ela ficar mais velha? Quando começar a precisar conversar com alguém sobre coisas de menina? Digo, quem nós vamos arrumar para lidar com tudo isso?

— Ela só tem seis anos, Sam. Vamos nos preocupar com isso depois.

— Eu fico preocupado que o depois chegue mais rápido do que a gente pensa. Eu...

Sam parou de falar e esfregou a testa,

como se quisesse aliviar uma dor de cabeça que chegava.

— Tenho uma coisa para mostrar a você depois de a Holly ir para a cama.

— O quê? Eu preciso me preocupar?

— Não sei.

— Maldição. Conte agora.

Sam manteve a voz baixa.

— Certo, eu estava olhando a pasta de lição de casa da Holly para ter certeza de que ela tinha terminado aquela página de colorir... e encontrei isto.

Ele foi até uma pilha de papéis no balcão e tirou uma única página.

— A professora deu para eles um mote para escreverem na sala esta semana — falou. — Uma carta para o Papai Noel. E foi isso o que a Holly fez.

Mark o fitou com o olhar inexpressivo.

— Uma carta para o Papai Noel? Ainda estamos na metade de setembro.

— Já começaram a passar comerciais sobre as festas. E, quando eu estava na loja de ferramentas ontem, o Chuck mencionou que iam colocar árvores de Natal até o fim do mês.

— Antes do Dia de Ação de Graças? Antes do *Dia das Bruxas*?

— Sim. Tudo parte de um perverso plano de marketing no mundo todo. Não tente lutar contra isso.

Sam entregou para ele a folha de papel.

— Dê uma olhada nisso.

Querido Papai Noel

Eu só quero uma coisa este ano

Uma mãe

Por favor, não esqueça que eu moro em Friday Harbor agora.

obrigada

com amor

Holly

Mark ficou em silêncio por meio minuto.

— Uma mãe — disse Sam.

— É, eu entendi. — Ainda encarando a carta, Mark murmurou: — Isso é que é recheio para a meia do Papai Noel.



Depois do jantar, Mark saiu para a varanda da frente com uma cerveja, sentou-se em uma cadeira de madeira gasta e ali ficou confortavelmente. Sam estava colocando Holly na cama e lendo para ela a história do livro comprado

naquele dia.

Ainda era aquela época do ano quando o crepúsculo era longo e sumia aos poucos, pintando o céu sobre a baía de tons fortes de rosa e laranja. Observando as águas rasas brilharem entre os fungos de madronas de raízes profundas, Mark ponderou, sem esperanças, o que iria fazer a respeito de Holly.

Uma mãe.

É claro que era isso que ela queria. Não importava o quanto Mark e Sam tentassem, havia algumas coisas que eles não poderiam fazer por ela. E, embora houvesse incontáveis pais solteiros que

criavam suas filhas, ninguém podia negar que havia marcos na vida de uma menina para os quais ela queria uma mãe.

Seguindo o conselho do psicólogo da menina, Mark havia exposto algumas fotos emolduradas de Victoria. Ele e Sam não deixavam de falar de Victoria para Holly, de dar à menina uma sensação de ligação com a mãe. No entanto, Mark poderia fazer mais do que isso, e ele sabia. Não havia motivo para Holly ter de passar o resto da infância sem alguém para ser sua mãe. Shelby era a mais perfeita possível. E ela tinha deixado claro que, apesar da ambivalência de Mark quanto ao

casamento, estava disposta a ser paciente.

— O nosso casamento não seria como o casamento dos seus pais — observara ela, com delicadeza. — Seria o *nosso*.

Mark havia entendido o argumento, até mesmo concordado. Ele sabia que não era como o pai, que não achava nada de mais bater nos filhos. O lar deles havia sido um lugar tempestuoso, cheio de gritos agudos, violência, drama. A versão de amor dos pais dele, com suas brigas barulhentas e reconciliações obscenas, tinha contado com todos os piores componentes do casamento, e nada das suas graças.

Ao entender que, embora o casamento dos pais tivesse sido um desastre, o seu não precisava ser desse jeito, Mark tentara se manter neutro quanto ao conceito. Ele sempre pensara que, quando ou *se* ele encontrasse a pessoa certa, haveria algum tipo de confirmação dentro dele, uma sanção do coração que apagaria qualquer dúvida. Até então, isso não havia acontecido com Shelby.

E se nunca acontecesse com ninguém? Ele tentava pensar no casamento como um arranjo pragmático com alguém com quem você se importava. Talvez essa fosse a melhor maneira de abordá-lo, em especial quando era preciso levar em consideração os interesses de uma

criança. Shelby tinha o tipo de personalidade — calma, agradável, afetuosa — que faria dela uma ótima mãe.

Mark não acreditava na ilusão do romance ou em almas gêmeas. Era o primeiro a admitir que tinha uma mente muito prática, ancorada na realidade fria e dura. E gostava disso. Seria injusto com Shelby propor casamento com base em considerações práticas? Talvez não, desde que ele fosse sincero sobre seus sentimentos... Ou sobre a falta deles.

Terminando a cerveja, ele entrou de novo na casa, jogou a garrafa na lata de reciclagem e foi para o quarto de Holly. Sam a tinha colocado na cama e deixado

a luz do abajur acesa.

Os olhos de Holly estavam pesados, sua boca pequena torcendo-se em um bocejo. Um ursinho de pelúcia havia sido colocado ao lado dela, e seus olhos brilhantes fitavam Mark com expectativa.

Olhando para a menininha, Mark viveu um daqueles momentos quando se tem uma súbita e intensa consciência de quem se era pouco tempo atrás e se descobre que está agora em um lugar totalmente diferente. Ele se inclinou para beijar a testa dela, como fazia toda noite. Sentiu os braços longos e finos envolverem seu pescoço e a ouvir dizer em uma voz sonolenta e pintada de

sonhos:

— Eu te amo. Eu te amo.

Virando-se de lado, ela abraçou o urso e dormiu.

Mark ficou parado ali, piscando, tentando absorver o impacto. Pela primeira vez na vida ele sentiu como era ter o coração partido... Não partido em um sentido triste e romântico, mas partido para se abrir. Nunca havia passado por aquilo, o desejo de cercar outro ser humano de felicidade perfeita.

Ele encontraria outra mãe para Holly, a mãe ideal. E construiria um círculo de pessoas para ela.

Em geral, uma criança era o resultado de uma família. Naquele caso, no entanto, uma família seria o resultado de uma criança.



As quatro maiores ilhas da área — San Juan, Orcas, Lopez e Shaw — eram acessíveis pelas balsas do estado de Washington. O carro podia ficar estacionado na balsa, e a pessoa podia ir para uma área com assentos no deque superior e ficar de pés para cima

durante os quarenta minutos necessários para ir de San Juan a Anacortes, no continente. As águas eram calmas e a vista era espetacular no verão e em todo o outono.

Maggie dirigiu até o terminal das balsas em Friday Harbor, depois de deixar o cachorro no hotelzinho local. Embora pudesse ter pegado um voo de meia hora que ia direto para Bellingham, ela preferia a balsa. Gostava de ver as casas à beira mar, as costas das ilhas, a visão ocasional de golfinhos, os leões-marinhos descansando. Com frequência, bandos de corvos-marinhos se alimentando podiam ser vistos ao longo de correntes de retorno.

Como uma das suas irmãs iria pegá-la no terminal de Anacortes, e ela não precisaria de carro enquanto ficasse com a família, Maggie embarcou como passageira a pé. A embarcação era uma balsa de aço elétrica capaz de acomodar quase mil passageiros e noventa veículos.

Levando na bolsa de tecido o suficiente para passar a noite, Maggie subiu para a parte fechada do deque principal de passageiros. Percorreu uma das fileiras de bancos amplos ao lado das grandes janelas de vidro. A balsa da manhã de sexta estava cheia, com passageiros indo a Seattle para compromissos ou entretenimentos no fim

de semana. Ela encontrou um par de bancos virados um para o outro. Um deles estava ocupado por um homem usando calça cáqui e camisa polo azul-escura. Ele estava absorto em um jornal, algumas seções descartadas ao seu lado.

— Com licença, este... — começou Maggie, sua voz sumindo conforme ele levantava o olhar para ela.

Antes de ver qualquer outra coisa, viu seus olhos azuis-esverdeados. Sentiu um nó no peito e a respiração quase parar.

Era Mark Nolan... Bem barbeado, bem vestido, sexy, com sua masculinidade explícita. Concentrando-se nela, ele deixou o jornal de lado e

ficou em pé, um gesto antiquado que a desconcertou ainda mais.

— Maggie. Você está indo para Seattle?

— Bellingham.

Ela se amaldiçoou por parecer estar sem fôlego.

— Para visitar minha família.

Ele fez um gesto para o banco à sua frente.

— Sente-se.

— Ah, eu...

Maggie fez que não com a cabeça e lançou um olhar rápido ao redor deles.

— Não quero tirar sua privacidade.

— Não tem problema.

— Obrigada, mas... Não quero fazer a coisa do avião com você.

As sobrancelhas escuras dele se ergueram.

— A coisa do avião?

— Sim, quando eu me sento perto de um estranho em um avião, às vezes acabo contando para ele... ou ela... coisas que eu nunca admitiria nem para os meus amigos mais íntimos. Porém, não preciso me arrepender, porque nunca vejo aquela pessoa de novo.

— Isto não é um avião.

— Mas é um meio de transporte.

Mark Nolan ficou parado, olhando para ela com um brilho desarmador de diversão nos olhos.

— A viagem de balsa não é tão longa assim. Quanto você poderia deixar escapar sobre si mesma?

— Toda a minha história de vida.

Ele lutou para conter um sorriso, como se não tivesse muitos para gastar.

— Vamos arriscar. Sente-se comigo, Maggie.

Mais uma ordem do que um convite. Mas ela se viu obedecendo. Apoiando sua mala para o fim de semana no chão,

ela se sentou no banco em frente a ele. Enquanto se endireitava, reparou no olhar dele passando sobre ela em um movimento rápido e eficiente. Ela estava usando uma calça jeans justa, camiseta branca e jaqueta preta curta.

— Você está diferente — disse ele.

— É o meu cabelo.

Envergonhada, Maggie penteou com os dedos algumas mechas longas e lisas.

— Eu uso chapinha sempre que vou visitar minha família. Senão, meus irmãos fazem piada com ele, puxam... Sou a única da família com cabelo encaracolado. Só estou rezando para não chover. Quando ele fica molhado...

Ela fez um gesto que imitava uma explosão.

— Eu gosto dos dois jeitos.

O elogio foi dado com uma sinceridade séria que Maggie achou mil vezes mais charmosa do que um flerte.

— Obrigada. Como a Holly está?

— Ainda falando. Cada vez mais.

Ele fez uma pausa.

— Eu não tive oportunidade de agradecer no outro dia. O que você fez pela Holly...

— Ah, não foi nada. Quero dizer, eu não fiz nada, na verdade.

— Foi muito importante para nós.

O olhar dele capturou o dela.

— O que você e a sua família vão fazer neste fim de semana?

— Só vamos passar um tempo juntos. Cozinhar, comer, beber... Meus pais têm uma casa grande e antiga em Edgemoor e mais ou menos um milhão de netos. Eu tenho sete irmãos e irmãs.

— Você é a mais nova — disse ele.

— Segunda mais nova. — Ela deu uma risada desconcertada. — Quase acertou. Como sabia?

— Você é extrovertida. Sorri bastante.

— E você é o quê? Mais velho? Do

meio?

— Mais velho.

Maggie o observou com um olhar sincero.

— O que significa que você gosta de fazer as regras, é confiável... Mas às vezes pode ser um sabe-tudo.

— Estou certo na maioria das vezes — admitiu ele, com modéstia.

Ela riu novamente.

— Por que você abriu uma loja de brinquedos na ilha? — perguntou Mark.

— Foi meio que uma transição natural. Eu pintava móveis para crianças. Foi assim que conheci meu

marido. Ele tinha uma fábrica de móveis sem acabamento onde eu comprava algumas das minhas peças... conjuntos de mesinhas e cadeirinhas, estruturas de camas... Depois de casarmos, parei de pintar por um tempo, por causa do... Você sabe, o câncer dele. E, quando comecei a trabalhar de novo, quis tentar alguma coisa diferente. Alguma coisa divertida.

Quando viu que ele estava prestes a perguntar mais alguma coisa, possivelmente sobre Eddie, ela se adiantou, dizendo depressa:

— O que você faz?

— Tenho uma empresa de torrefação

de café.

— É uma empresa em casa ou...

— Tenho dois sócios e uma sede em Friday Harbor. E um torrador industrial, que pode produzir cinquenta quilos por hora. Temos meia dúzia de perfis de torra que vendemos com a nossa marca, mas também criamos algumas linhas diferentes para lojas da ilha, além de Seattle, Lynnwood... e um bom restaurante em Bellingham, na verdade.

— É mesmo? Qual é o nome dele?

— Um restaurante vegetariano chamado Garden Variety.

— Eu adoro esse lugar! Mas nunca

experimentei o café.

— Por que não?

— Parei de tomar café há alguns anos, depois de ler um artigo que dizia que não fazia bem.

— É praticamente um tônico para a saúde — disse Mark, indignado. — Cheio de antioxidantes e fitoquímicos. Diminui o risco de alguns tipos de câncer. Você sabia que a palavra “café” vem de uma frase árabe que significa “vinho do grão”?

— Não sabia, não — falou Maggie, sorrindo. — Você leva o café a sério, não é?

— Todas as manhãs — respondeu ele.
— Procuro a cafeteira como um soldado que volta para um amor perdido depois da guerra.

Maggie sorriu, pensando que ele tinha uma voz maravilhosa, grave e penetrante.

— Quando você começou a tomar?

— No colegial. Estava estudando para uma prova. Experimentei minha primeira xícara de café porque pensei que me ajudaria a ficar acordado.

— Do que você mais gosta? Do sabor? Da cafeína?

— Gosto de começar o dia com o

noticiário e um Jamaica Mountain Blue. Gosto de tomar uma xícara à tarde enquanto reclamo dos Mariners ou dos Seahawks. Gosto de saber que, naquela xícara, você tem sabores de lugares que a maioria de nós nunca vai ver. Os contrafortes do Kilimanjaro, na Tanzânia... As ilhas da Indonésia... Colômbia, Etiópia, Brasil, Camarões... Gosto de saber que um motorista de caminhão pode tomar um café tão bom quanto um milionário. Mas, acima de tudo, gosto do ritual. Ele aproxima amigos, é o final perfeito para um jantar. E, às vezes, você pode tentar uma bela mulher a ir para o seu apartamento.

— Isso não tem nada a ver com café.

Você poderia tentar uma mulher com um copo de água da torneira.

Um instante depois, com os olhos arregalados, Maggie cobriu a boca com a mão.

— Não sei por que disse isso — falou ela através dos dedos, mortificada e pasma.

Seus olhares se encontraram por um momento elétrico. E, depois, um sorriso tocou os lábios dele, e Maggie sentiu o coração dar uma forte batida a mais.

Mark fez que não com a cabeça para indicar que não havia problema.

— Eu fui avisado.

Ele fez um gesto para o espaço ao redor dos dois.

— Meios de transporte fazem você perder suas inibições.

— Sim.

Hipnotizada por aqueles olhos quentes e azuis-esverdeados, Maggie esforçou-se para recuperar a linha da conversa.

— Do que a gente estava falando? Ah, café. Nunca tomei um café que tivesse um sabor tão bom quanto o aroma dos grãos tostados.

— Um dia vou fazer o melhor café que você já provou. Você vai me seguir,

implorando por mais água quente filtrada, por grãos moídos de Café Robusta.

Enquanto Maggie ria, ela sentiu que algo havia ganhado vida no ar em volta deles. Atração, ela percebeu, maravilhada. Tinha pensado que, de alguma forma, havia perdido a capacidade de se sentir atraída e perceber a consciência vibrante e sensual de outra pessoa.

A balsa estava se mexendo. Ela nem havia reparado no estouro de sua buzina. O poderoso motor mandava vibrações pelos ossos da embarcação, sons suaves que passavam triturando pelos pisos e assentos, regulares como as batidas de

um coração.

Maggie pensou que deveria se interessar pela vista conforme eles cruzavam o estreito, mas ela tinha perdido seu poder usual de instigá-la. Olhou de volta para o homem à sua frente, a força relaxada dele, os joelhos abertos e o braço longo apoiado no encosto do banco.

— Como você vai passar o fim de semana? — perguntou ela.

— Visitando uma amiga.

— A mulher que estava na loja com você?

A expressão dele ficou cautelosa.

— Sim. Shelby.

— Ela parece ser legal.

— Ela é.

Maggie sabia que devia ter deixado isso para lá. No entanto, sua curiosidade sobre ele estava crescendo além de todos os limites. Enquanto tentava puxar a imagem da mulher loira, bonita e segura de si — Shelby —, lembrou-se de ter pensado que os dois combinavam. Como os casais de comerciais de joias.

— O relacionamento de vocês é sério?

Ele pensou a respeito.

— Não sei.

— Há quanto tempo estão juntos?

— Há alguns meses. — Uma pausa contemplativa antes de ele acrescentar:
— Desde janeiro.

— Então, você já sabe se o relacionamento é sério.

Mark pareceu dividido entre incômodo e divertimento.

— Algumas pessoas levam mais tempo para descobrir isso do que outras.

— O que resta para descobrir?

— Se eu consigo superar o medo da eternidade.

— Eu deveria contar para você o meu lema. É uma citação de Emily

Dickinson.

— Não tenho um lema — disse ele, pensativo.

— Todo mundo devia ter um. Pode pegar o meu emprestado, se quiser.

— Qual é?

— “O para sempre é composto de agoras.”

Maggie fez uma pausa, seu sorriso torcendo-se desejoso nos cantos.

— Você não deve se preocupar com o para sempre... O tempo corre mais rápido do que você espera.

— Sim, é verdade. — Em algum ponto do seu tom quieto havia uma nota

desolada. — Descobri isso quando perdi minha irmã.

Ela lhe deu um olhar compreensivo.

— Você era muito amigo dela?

Houve uma pausa longa e esquisita.

— Os Nolan nunca foram o que alguém chamaria de uma família unida. É como um cozido. Você pode pegar um monte de ingredientes que são bons sozinhos, mas, se colocar todos juntos, aquilo vira algo realmente horrível.

— Nem todos os cozidos são ruins — disse Maggie.

— Fale um que seja bom.

— Macarrão com queijo.

— Não é um cozido.

— O que é, então?

— É um legume.

Maggie explodiu em uma risada.

— Boa tentativa. Mas é um cozido.

— Se você diz. Mas é o único cozido de que eu gosto. Todos os outros têm gosto de alguma coisa que você juntou para esvaziar a despensa.

— Tenho a receita da minha avó para macarrão com queijo. Quatro tipos de queijo. E pedaços de pão tostado por cima.

— Você devia fazer para mim algum

dia.

É claro que aquilo nunca aconteceria. Mas a ideia fez um calor subir do pescoço dela, irradiando-se pelo seu corpo.

— A Shelby não iria gostar disso.

— Não. Ela não come carboidrato.

— Eu quis dizer que ela não vai gostar de eu cozinhar para você.

Mark não disse nada, apenas olhou para o mar com uma expressão distraída. Ele estava pensando em Shelby? Ansioso para vê-la logo?

— O que você serviria com a comida? — perguntou ele depois de um

momento.

O sorriso de Maggie quebrou-se em uma risada.

— Eu serviria o macarrão como prato principal, com aspargos grelhados de acompanhamento. E talvez uma salada de rúcula e tomate.

Parecia fazer uma eternidade que ela havia preparado algo além das refeições mais simples para si mesma, já que cozinhar para uma única pessoa poucas vezes parecia valer o esforço.

— Eu amo cozinhar.

— Temos alguma coisa em comum.

— Você também ama cozinhar?

— Não, eu amo comer.

— Quem cozinha na sua casa?

— Meu irmão Sam e eu nos revezamos. Nós dois somos péssimos.

— Eu tenho que perguntar: como foi que vocês acabaram decidindo criar a Holly juntos?

— Eu sabia que não iria conseguir fazer isso sozinho. Mas não havia mais ninguém, e eu não podia entregar a Holly para a adoção. Assim, fiz Sam se sentir culpado e ajudar.

— Sem arrependimentos?

Mark fez que não com a cabeça no mesmo instante.

— Perder minha irmã foi a pior coisa que já aconteceu comigo, mas ter a Holly na minha vida é a melhor. O Sam diria o mesmo.

— Foi do jeito que vocês esperavam?

— Eu não sabia o que esperar. Foi no dia a dia. Há momentos incríveis... A primeira vez que a Holly pegou um peixe no lago Egg... Ou uma manhã quando ela e o Sam decidiram construir uma torre de *waffle* com bananas e marshmallows no café da manhã... Você tinha que ter visto a cozinha. Mas há outros momentos, quando estamos passeando em algum lugar e vemos uma família...

Ele hesitou.

— E eu vejo o rosto da Holly imaginando como seria ter uma.

— Vocês *são* uma família — disse Maggie.

— Dois tios e uma criança?

— Sim, isso é uma família.

Conforme eles continuavam a falar, escorregaram para a conversa solta, confortável e sem estrutura, coisa de amigos de longa data, deixando que caminhasse sem direção.

Ela contou como foi viver em uma grande família: a competição eterna por água quente, por atenção, por

privacidade. No entanto, mesmo com as discussões e a rivalidade, eles eram afetuosos e felizes e tinham cuidado uns com os outros. Quando Maggie estava na quarta série, já sabia preparar um jantar para dez pessoas. Não tinha usado nada além de roupas de segunda mão e nunca achou isso ruim. A única coisa com que havia se importado de verdade foi o fato de que os objetos sempre se quebravam ou se perdiam.

— Você chega a um ponto em que não pode deixar isso ser importante — falou ela. — Então, mesmo quando pequena, desenvolvi um desapego tipo budista pelos meus brinquedos. Sou boa em abrir mão das coisas.

Embora Mark não fosse nada verborrágico quando se tratava de discutir sua família, havia algumas revelações esparsas. Maggie descobriu que os pais dele tinham ficado absortos em seu casamento, que era uma guerra particular, enquanto os filhos suportavam os danos colaterais. Feriados, aniversários, eventos em família, tudo formava um cenário para brigas.

— Paramos de comemorar o Natal quando eu tinha quatorze anos — contou Mark.

Os olhos de Maggie se arregalaram.

— Por quê?

— Começou por causa de uma pulseira que minha mãe viu quando estava na rua com a Victoria. Estava na vitrine de uma loja e ela experimentou, e disse para a Vick que tinha que ter a pulseira. Assim, voltaram para casa muito animadas e, dali em diante, tudo de que a mamãe falava era do quanto ela queria a pulseira no Natal. Deu ao papai as informações sobre ela e ficava perguntando se ele tinha feito alguma coisa a respeito, quando iria comprar, e virou algo grande. Então, chegou a manhã de Natal e não havia pulseira.

— O que ele deu para ela? — perguntou Maggie, fascinada e horrorizada.

— Não lembro. Um liquidificador ou algo assim. De qualquer maneira, mamãe ficou tão brava que disse que nunca mais teríamos um Natal em família.

— *Nunca?*

— Nunca. Acho que ela estava procurando uma desculpa e foi isso. E todos nós ficamos aliviados. Dali em diante, todos nós seguíamos caminhos separados no Natal, passávamos na casa de amigos ou íamos ver um filme, algo assim.

Vendo a expressão dela, ele sentiu a necessidade de acrescentar:

— Não tinha problema nenhum. Para

nós, o Natal nunca teve o significado que devia ter. Mas aqui está a parte estranha da história: a Victoria se sentiu tão mal com a situação toda que conseguiu que o Sam e o Alex e eu fizéssemos uma vaquinha e comprássemos a pulseira no aniversário de mamãe. Todos nós trabalhamos e economizamos para isso, e a Victoria embrulhou a pulseira em um papel bonito com um grande laço. E, quando mamãe abriu, nós estávamos esperando uma grande reação... lágrimas de alegria, algo assim. Mas, em vez disso... era como se ela nem se lembrasse da pulseira. Ela disse “que bonita” e “obrigada”, e foi isso. E eu

não me lembro de tê-la visto usar.

— Porque a questão nunca foi a pulseira.

— É.

Ele fixou o olhar nela.

— Como você sabia?

— Na maioria das vezes em que os casais discutem, não é de verdade pelo assunto da briga. Há um motivo mais profundo para estarem discutindo.

— Quando eu brigo com alguém, sempre é por causa do assunto da briga. Eu sou superficial assim.

— Qual é o motivo das discussões entre você e a Shelby?

— Não discutimos.

— Vocês nunca discutem sobre *nada*?

— Isso é ruim?

— Não, não, de forma alguma.

— Você acha que é ruim.

— Bem... Acho que depende da razão. Não tem conflito porque vocês por acaso concordam sobre absolutamente tudo? Ou é porque nenhum dos dois está investindo tanto no relacionamento?

Mark pensou.

— Vou começar uma briga com ela assim que chegar a Seattle e descobrir.

— Por favor, não — falou Maggie, rindo.

Parecia que eles estavam conversando havia apenas dez minutos, mas Maggie percebeu que as pessoas estavam juntando seus pertences e se preparando para a chegada em Anacortes. A balsa estava cruzando o estreito de Rosário. Um clamor triste a irritou e fez perceber que uma hora e meia tinha desaparecido em uma velocidade incrível. Era como se estivesse saindo de um transe. E refletiu, só para si, que a viagem de balsa para Anacortes havia sido mais divertida do que qualquer coisa que fizera em meses. Talvez anos.

Em pé, Mark olhou para ela com um meio sorriso desarmador.

— Ei... — O tom suave da voz dele fez uma agradável sensação de formigamento percorrer a nuca de Maggie. — Você vai pegar a balsa de volta no domingo à tarde?

Ela ficou em pé também, insuportavelmente atenta a ele, seus sentidos querendo absorver detalhes: o calor da pele abaixo da camisa de algodão... o lugar onde os cabelos escuros, brilhantes como fitas, enrolavam-se um pouquinho contra a pele bronzeada do seu pescoço.

— É provável — falou ela, em

resposta à pergunta.

— Vai pegar a balsa das 14h45 ou a das 16h30?

— Ainda não sei.

Mark fez que sim com a cabeça, abandonando o assunto.

Enquanto ele ia embora, Maggie notou uma sensação de prazer incômodo, com um toque de anseio. Ela se lembrou de que Mark Nolan era proibido. E ela também. Não apenas não confiava na intensidade da sua própria atração por ele como não estava pronta para o tipo de risco que ele apresentava.

Ela nunca estaria pronta para aquilo.

Alguns riscos só se consegue correr
uma vez.



Por terem crescido no bairro de Edgemoor, em Bellingham, Maggie, os irmãos e as irmãs haviam explorado as trilhas da Chuckanut Mountain e brincado no litoral da Bellingham Bay. O bairro tranquilo oferecia vista das montanhas tanto de San Juan quanto do

Canadá. Também ficava localizado perto de Fairhaven, onde se pode passear pelas lojas e galerias únicas, ou comer em restaurantes onde os garçons sempre podem contar sobre os peixes mais frescos e de onde tinham sido trazidos.

Bellingham fazia jus ao apelido de “a cidade da animação”. Era relaxada e confortável, o tipo de lugar onde você podia ser tão excêntrico quanto quisesse e sempre encontraria companhia. Os carros traziam todo tipo de adesivos. Placas de jardim de políticos concorrentes brotavam dos gramados das pessoas como bulbos florescendo na primavera. Qualquer tipo de crença era tolerado, desde que não se fosse

fanático.

Depois de a irmã de Maggie, Jill, buscá-la em Anacortes, elas foram ao histórico Fairhaven District para almoçar. Como Maggie e Jill eram as duas irmãs mais novas da família Norris, com apenas um ano e meio de diferença, sempre foram muito amigas. Haviam passado pela escola com um ano de distância, ido aos mesmos acampamentos, compartilhado as mesmas paixões por ídolos adolescentes. Jill fora madrinha do casamento de Maggie e pedira a esta para ser a madrinha do seu casamento dali a algum tempo com um bombeiro local, Danny Stroud.

— Estou feliz por conseguirmos um tempo só pra gente — comentou Jill enquanto elas dividiam tapas no Flats, um pequeno restaurante espanhol com janelas grandes demais e um pequenino pátio do lado de fora contornado por caixotes com flores. — Depois que for para a casa da mãe e do pai, você vai ser engolida e não vamos mais conseguir conversar. Exceto por amanhã à noite; você vai ter que achar um tempinho para conhecer uma pessoa.

Maggie parou com o copo de sangria no ar.

— Quem? — perguntou ela com cautela. — Por quê?

— Um amigo do Danny — O tom de Jill era deliberadamente casual. — Um cara muito bonito, muito doce...

— Você já o convidou?

— Não, queria falar com você antes, mas...

— Ótimo. Não quero conhecer.

— Por quê? Você começou a sair com alguém?

— Jill, você esqueceu do motivo de eu estar em Bellingham neste fim de semana? É o segundo aniversário da morte do Eddie. A última coisa que eu quero fazer é conhecer alguém.

— Pensei que este seria o momento

perfeito. Faz dois anos. Aposto que não tem um encontro desde que o Eddie morreu, certo?

— Eu ainda não estou pronta.

A conversa delas foi interrompida pela garçonete, que trouxe um sanduíche *bayona*, salsicha apimentada grelhada e queijo em um pão camponês com casca. Era sempre cortado em três partes, a do meio sendo a mais succulenta, defumada e derretida de todas.

— Como você vai saber quando está pronta? — perguntou Jill depois de a garçonete se afastar. — Você tem um *timer* que dispara ou algo assim?

Maggie olhou para ela com uma

afeição exasperada, pegando o sanduíche.

— Conheço um monte de caras bonitos e solteiros em Bellingham — continuou Jill. — Seria tão fácil arrumar um encontro para você. E lá está você em Friday Harbor, escondida. Podia pelo menos ter aberto um bar ou uma loja de material esportivo, onde pudesse conhecer homens. Mas uma loja de brinquedos?

— Eu amo a minha loja. Eu amo Friday Harbor.

— Mas você está feliz?

— Estou — disse Maggie, pensativa, depois de saborear uma mordida

deliciosa do sanduíche. — Estou bem mesmo.

— Ótimo, agora está na hora de seguir com a sua vida. Você só tem 28 anos e deveria ficar aberta à possibilidade de encontrar alguém.

— Não quero me expor de novo. A chance de encontrar um amor verdadeiro é de cerca de uma em um bilhão. Achei uma vez e não há como isso acontecer de novo.

— Sabe do que você precisa? De um namorado provisório.

— Provisório?

— Sim, tipo quando você recebe uma

licença provisória para dirigir para melhorar suas habilidades antes de tirar a carteira de verdade. Não se preocupe em encontrar o cara certo para ter um relacionamento sério... Escolha alguém divertido para ajudar você a voltar para a estrada.

— Acho que isso me daria uma habilitação de namoradeira classe C — disse Maggie, divertindo-se. — Eu poderia fazer isso sem o acompanhamento de um pai ou responsável?

— Com certeza — falou Jill —, desde que pratique dirigir com proteção.

Depois do almoço, elas pararam na

Rocket Donuts por insistência de Maggie. Ela pediu uma seleção de *donuts* que incluía doces alongados com cobertura de bordo e tiras de bacon por cima, *donuts* com casca de pedaços de biscoitos Oreo e *donuts* de massa frita ensopados de Guittard Chocolate.

— Esses são para o papai é claro — falou Jill.

— Isso.

— A mamãe vai te matar — avisou Jill. — Ela tem tentado reduzir o colesterol dele.

— Eu sei. Mas ele me mandou uma mensagem de texto hoje de manhã implorando que eu levasse uma caixa.

— Você financia o vício dele,
Maggie.

— Eu sei. Por isso ele gosta mais de
mim.

O grande caminho da entrada que levava à casa estava congestionado com meia dúzia de veículos, o terreno imenso cheio de crianças. Algumas delas correram ao encontro de Maggie, uma mostrando de onde tinha perdido um dente, outra tentando atraí-la para uma brincadeira de esconde-esconde. Rindo, Maggie prometeu brincar com elas mais tarde.

Ao entrar na casa, ela foi para a cozinha, onde a mãe e um grupo de

irmãos e cunhados estavam ocupados cozinhando. Deu um beijo na mãe, uma mulher voluptuosa, mas bem arrumada, com um cabelo chanel cinza-prateado e uma linda pele que não tinha qualquer necessidade de maquiagem. Estava usando um avental que proclamava: VI TUDO, OUVI TUDO, FIZ TUDO. SÓ NÃO CONSIGO ME LEMBRAR DE TUDO.

— Isso não é para o seu pai, é? — perguntou a mãe, com um olhar severo para a caixa de *donuts*.

— Está cheia de aipo e palitos de cenoura — respondeu Maggie. — A caixa é só fachada.

— Seu pai está na sala — disse a

mãe. — Agora, com o som estéreo, ele fica grudado na TV. Diz que até os tiros de revólver parecem de verdade.

— Se era isso o que ele queria, você poderia simplesmente ter levado o papai de carro até Tacoma — falou um dos irmãos.

Maggie sorriu enquanto ia para a sala.

Seu pai ocupava o canto de um grande sofá quadrado com um bebê adormecido no colo. Quando Maggie entrou na sala, o olhar dele recaiu sobre a caixa de *donuts* nos braços dela.

— Minha filha preferida — ele a saudou.

— Oi, pai.

Inclinando-se, Maggie o beijou na cabeça e colocou a embalagem no seu colo.

Seu pai abriu a caixa e começou a devorar um *donut* com uma expressão de felicidade.

— Venha sentar ao meu lado. E pegue o bebê... Preciso das duas mãos para isso.

Com cuidado, Maggie acomodou o peso quente e sonolento do bebê no ombro.

— Quem é ele? — perguntou. — Não reconheço este aqui.

— Não faço ideia. Alguém o entregou para mim.

— Ele é um dos seus netos?

— Poderia ser.

Maggie respondeu perguntas sobre a loja, os últimos acontecimentos em Friday Harbor e sobre se ela havia conhecido alguém interessante nos últimos tempos. Hesitou rapidamente, mas foi o bastante para fazer os olhos do pai se iluminarem de interesse.

— A-há. Quem é ele e o que ele faz?

— Ah, não é ninguém, ele é... Não tem nada. Ele é comprometido. Conversei com ele na balsa vindo para

cá.

Sentindo o bebê se mexer enquanto dormia, ela colocou as mãos nas costinhas dele, acalmando-o com um movimento circular.

— Acho que eu meio que flertei com ele por acidente.

— Isso é ruim?

— Talvez não, mas isso me faz pensar... Como vou saber quando estarei pronta para começar a sair de novo?

— Eu diria que o flerte involuntário é um sinal.

— Eu me sinto estranha com isso.

Fiquei atraída por ele mesmo ele não se parecendo em nada com o Eddie.

Eddie, antes da doença, fora alegre, despreocupado, brincalhão. O homem com quem ela havia tomado a balsa naquela manhã era mais sombrio, quieto, com um jeito reservado que sugeria uma intensidade profundamente sentida. Ela não conseguiu deixar de imaginar, no canto mais privado da sua mente, uma intimidade física com ele, e aquilo havia parecido tão potencialmente volátil que a assustara. E, ainda assim, fazia parte da atração. Ela se lembrava de ter desejado Eddie porque ele oferecia segurança. Porém, naquele momento, se pegou desejando Mark Nolan

exatamente pelo motivo contrário.

Baixando a cabeça, Maggie beijou o bebê adormecido nos braços. Ele era vulnerável, mas sólido, contra seu corpo, sua pele um milagre de maciez e calor com pelinhos bem finos. Por um breve instante, ela se lembrou de um momento naqueles efêmeros últimos dias da vida de Eddie quando, em desespero silencioso, havia desejado ter tido um filho com ele. Qualquer forma de manter uma parte dele consigo.

— Querida — disse seu pai —, nunca tive de passar pelo que você passou com o Eddie. Não sei quando o processo de tristeza acaba ou como você enfim sabe quando está pronta para seguir em

frente. Mas tem uma coisa de que eu tenho certeza: o próximo cara vai ser diferente.

— Eu sei. Já sabia disso. Acho que o que está me incomodando é perceber que *eu* estou diferente.

O pai arregalou os olhos, como se o comentário o tivesse surpreendido.

— É claro que está. Como poderia não estar?

— Parte de mim não quer mudar. Parte de mim quer continuar sendo a mesma pessoa que era quando estava com o Eddie.

Ela parou quando viu a expressão do

pai.

— Isso é loucura? Você acha que eu preciso ir a um terapeuta?

— Acho que você precisa de um encontro. Usar um vestido bonito, aproveitar uma refeição de graça. Dar um beijo de boa-noite em alguém.

— Mas, depois de eu deixar de ser a viúva do Eddie, quem vai se lembrar dele? Vai ser como se eu o perdesse de novo.

— Meu bem — a voz do pai dela estava baixa e gentil. — Você aprendeu muito com o Eddie. O que havia nele mudou você para melhor... É assim que ele vai continuar aqui. Ele não vai ser

esquecido.



— Desculpe — disse Shelby quando Mark levou para ele uma caneca de chá quente.

Ela estava enrolada no sofá, usando uma roupa de ficar em casa cinza de caxemira. Estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas, em vez disso, soltou um espirro violento.

— Tudo bem — falou Mark, sentando-se ao lado dela.

Puxando um lenço de uma caixa, Shelby assoou o nariz.

— Espero que seja só alergia. Você não precisa ficar aqui comigo. Salve sua vida.

Mark sorriu para ela.

— São necessários mais do que alguns germes para me assustar.

Abrindo um frasco de remédio para gripe, ele o sacudiu, tirou dois comprimidos e entregou para ela.

Shelby pegou uma garra de água na mesa de centro, tomou os comprimidos e fez uma careta.

— A gente ia a uma festa tão boa — comentou ela, com tristeza. — A Janya tem um apartamento muito legal em

Seattle, e eu ia exibir você para todo mundo.

— Você pode me exibir depois. —
Mark jogou uma coberta por cima dela.
— Por ora, concentre-se em melhorar.
Eu até deixo você ficar com o controle remoto.

— Você é tão doce.

Suspirando, Shelby se encostou nele e assoou o nariz de novo.

— Lá se vai nosso fim de semana sexy.

— Nosso relacionamento vai além do sexo.

— Fico feliz em ouvir isso de você.

— Fazendo uma pausa, ela acrescentou.

— Esse é o número três da lista.

Mark zapeou devagar pelos canais da televisão a cabo.

— Que lista?

— Provavelmente eu não deveria contar para você. Mas, há pouco tempo, eu li uma lista de cinco sinais de que um homem está pronto para a palavra que começa com “c”.

Mark parou de passar pelos canais.

— A palavra que começa com “c”?
— perguntou ele, sem expressão.

— Compromisso. E, até agora, você fez três coisas da lista do que um homem

faz quando está pronto para o compromisso.

— É mesmo? — disse ele, com cuidado. — Qual é o número um?

— Você cansou de boates e bares.

— Na verdade, nunca gostei de boates.

— Segundo, você me apresentou para a sua família e os seus amigos. Terceiro, você acabou de indicar que pensa em mim como mais do que uma válvula de escape para o sexo.

— Quais são os itens quatro e cinco?

— Não posso falar.

— Por que não?

— Porque, se eu contar, você pode não fazer.

Mark sorriu e entregou o controle remoto para ela.

— Bem, avise se eu fizer. Eu odiaria perder alguma coisa.

Ele colocou o braço em volta dela enquanto Shelby procurava um filme.

Os silêncios entre eles costumavam ser confortáveis. Mas aquele silêncio era tenso, questionador. Mark sabia que Shelby havia lhe dado uma abertura. Ela queria definir novos parâmetros para o relacionamento deles, discutir para onde poderiam estar caminhando.

Por ironia, era sobre isso que ele queria conversar naquele fim de semana. Havia todos os motivos do mundo para ele ter um compromisso com Shelby e dizer a ela que tinha intenções sérias. Porque ele tinha.

Se o casamento com Shelby fosse parecido com o namoro, era o que ele queria. Nada de loucura, nada de gritos, nada de brigas. As expectativas dele da coisa toda eram razoáveis. Não acreditava em destino nem em um grande amor predestinado. Queria uma mulher gentil e normal como Shelby, com quem haveria poucas surpresas. Eles teriam uma parceria.

Eles seriam uma família. Para Holly.

— Shelby — ele começou a falar e teve de limpar a garganta, que começou a se fechar, antes de poder continuar. — O que você acha de... termos um relacionamento sério?

Ela se virou na dobra do braço de Mark para olhar para ele.

— Você quer dizer, eu e você como um casal oficial? Sem sair com outras pessoas?

— É.

Shelby sorriu de satisfação.

— Você acabou de fazer o quarto item — falou ela, e se aconchegou de novo contra o corpo dele.



Como qualquer pessoa que conhecia o sistema das balsas do estado de Washington sabia, atrasos podiam acontecer a qualquer momento por uma variedade de motivos, inclusive águas violentas, maré baixa, acidentes de tráfego, emergências médicas ou

problemas de manutenção. Infelizmente, um “reparo necessário em um recurso de segurança de uma embarcação” estava sendo dado como razão para o atraso na partida da tarde de domingo.

Como havia chegado uma hora antes para conseguir um bom lugar nas longas pistas de estacionamento que levavam para o desembarcadouro da balsa, Mark ficou com tempo para gastar e nada a fazer. Pessoas estavam saindo dos carros, deixando os cachorros irem para fora, vagando até o prédio do terminal para pegar bebidas ou revistas. Estava nublado e nevoento, com uma ocasional chuvinha fria rompendo o bloqueio.

Sentindo-se inquieto e de mau humor,

Mark andou na direção do terminal. Estava faminto. Shelby não teve vontade de sair para tomar café da manhã naquele dia, e tudo o que ela tinha no apartamento era cereal.

Havia sido um bom fim de semana com Shelby. Tinham ficado em casa e conversado muito, assistido a filmes e, na noite de sábado, pediram uma comida chinesa.

Uma brisa chicoteou direto do estreito de Rosário, trazendo um aroma salgado e limpo, que escorregou para dentro da gola do seu casaco leve como dedos frios. Um tremor desceu pelo pescoço de Mark. Ele respirou fundo o ar do oceano, querendo estar em casa,

querendo... alguma coisa.

Entrando no terminal, Mark seguiu para o café e viu uma mulher carregando com dificuldade uma bolsa de viagem até uma máquina de comida. Um sorriso puxou os lábios dele quando viu suas longas madeixas de cabelo ruivo.

Maggie Conroy.

O pensamento nela havia espreitado pela mente dele o fim de semana todo. Em momentos ociosos, cenários de como ou quando ele poderia vê-la de novo haviam passado em ciclos animados. A curiosidade dele sobre ela era incansável. O que ela gostava de comer no café da manhã? Ela tinha um

bichinho de estimação? Gostava de nadar? Quando ele havia tentado ignorar essas perguntas, o fato de ter algo a ignorar as tinha deixado ainda mais persistentes.

Ele se aproximou de Maggie pelo lado, reparando no entalhe franzido entre as sobrancelhas enquanto ela examinava o conteúdo da máquina. Ao perceber a presença dele, Maggie levantou o olhar. A energia alegre e excêntrica de que ele se lembrava havia sido substituída por uma vulnerabilidade que foi direto para o coração dele. Mark foi pego de surpresa pela força da sua reação.

O que tinha acontecido durante o fim

de semana? Maggie esteve com a família. Havia acontecido uma briga? Um problema?

— Você não quer nenhuma dessas coisas — falou ele, com um aceno de cabeça na direção da seleção de *junk food* atrás do vidro.

— Por que não?

— Nenhum dos itens dessa máquina tem data de validade.

Maggie examinou com cuidado, como se estivesse verificando a afirmação de Mark.

— É um mito que os Twinkies duram para sempre — falou ela. — Eles têm

uma vida útil de trinta dias.

— Na minha casa, eles têm uma vida útil de cerca de três minutos.

Ele olhou nos olhos escuros dela.

— Posso convidar você para almoçar? Temos pelo menos duas horas, de acordo com o agente da balsa.

Uma longa hesitação veio em seguida.

— Você quer comer aqui? —
perguntou ela.

Mark fez que não com a cabeça.

— Tem um restaurante na estrada.
Uma caminhada de dois minutos. Vamos guardar sua bolsa no meu carro.

— Não há nada de errado em almoçar
— disse Maggie, como se precisasse tranquilizar a si mesma.

— Faço isso quase todo dia.

Mark estendeu a mão para pegar a bolsa de viagem dela.

— Deixe que eu levo isso para você.

Ela o seguiu saindo do prédio do terminal.

— Quis dizer nós dois almoçando. Juntos. Na mesma mesa.

— Se você quiser, podemos nos sentar em mesas separadas.

Ele ouviu uma risada se agitar na garganta dela.

— Vamos nos sentar na mesma mesa — afirmou ela, decidida —, mas não vamos conversar.

Enquanto caminhavam pela lateral da estrada, a névoa ficou mais densa e virou uma garoa, o ar branco e úmido.

— É como atravessar uma nuvem — comentou Maggie, puxando um fôlego profundo. — Quando eu era criança, costumava pensar que as nuvens deviam ter o sabor mais delicioso do mundo. Um dia, pedi uma tigela de nuvem de sobremesa. Minha mãe colocou um pouco de chantili em um prato.

Ela sorriu.

— E era tão maravilhoso quanto eu tinha imaginado que seria.

— Mas você sabia na época que era apenas chantili? — perguntou Mark, fascinado pela maneira como a névoa havia criado cachinhos delicados em volta do rosto dela.

— Ah, sim. Mas não importava... A questão era a ideia.

— Tenho problemas quando tento descobrir até onde ir com a Holly — falou Mark. — Na mesma sala de aula em que ela está aprendendo que os dinossauros existiram de verdade, também estão escrevendo cartas para o Papai Noel. O que devo dizer para a

Holly sobre o que é real e o que não é?

— Ela já perguntou sobre o Papai Noel?

— Sim.

— E o que você disse?

— Eu disse que ainda não tinha decidido se sim ou se não, mas muitas pessoas acreditavam nele e, assim, tudo bem se ela quisesse acreditar também.

— Isso foi perfeito — comentou Maggie. — Fantasia e faz de conta são importantes para as crianças. As que podem usar a imaginação na verdade são melhores em estabelecer o limite entre fantasia e realidade do que as que

não podem.

— Quem disse isso para você? A fada que vive na sua parede?

Maggie sorriu.

— Espertinho — ela riu. — Não, não foi a Trevo quem me contou. Eu leio muito. Eu me interesso por qualquer coisa que tenha a ver com crianças.

— Preciso aprender mais. — A voz dele ficou baixa e pesarosa. — Estou me esforçando feito o diabo para não estragar o que resta da infância da Holly.

— Até onde posso ver, você está se saindo muito bem.

Em um impulso, ela pegou a mão dele, apertando de leve os dedos em um gesto para tranquilizá-lo e oferecer consolo. Mark tinha quase certeza de que era dessa forma que ele devia interpretá-lo. Entretanto, a mão dele se fechou sobre a dela e transformou o aperto de mãos espontâneo em algo diferente. Algo íntimo. Possessivo.

Maggie diminuiu a força. Mark sentiu a indecisão dela como se fosse a sua própria, o prazer involuntário dela na maneira como as mãos deles se encaixavam uma na outra.

A pressão de pele com pele, algo tão comum. Porém, havia tirado o eixo da Terra do lugar certo. Ele parecia não

conseguir avaliar quanto da sua reação era física e quanto era... outra coisa. Tudo estava emaranhado de um jeito novo e visceral.

Maggie puxou a mão para se soltar.

No entanto, ele ainda sentia a marca dela, a forma dos seus dedos, como se seus poros tivessem começado a absorvê-la.

Nenhum dos dois falou quando entraram no restaurante, o interior decorado com madeira escura polida, móveis antigos riscados e papel de parede de uma estampa indeterminada. O ar tinha cheiro de comida, bebida alcoólica e carpete levemente mofado.

Era um daqueles restaurantes que sem dúvida haviam sido abertos com boas intenções, mas haviam sucumbido aos poucos à inevitabilidade de certa quantidade de atendimentos a turistas e relaxado seus padrões. Ainda assim, era um lugar bom o bastante para passar o tempo e oferecia uma bonita vista do estreito.

Uma garçonete indiferente anotou os pedidos de bebidas. Embora Mark em geral tomasse cerveja, desta vez pediu um uísque. Maggie pediu uma taça do vinho tinto da casa e, depois, mudou de ideia.

— Não, espere — disse. — Vou tomar uísque também.

— Puro? — perguntou a garçonete.

Maggie lançou um olhar questionador para Mark.

— Ela vai tomar um *whiskey sour* — falou ele, e a garçonete fez que sim com a cabeça e se afastou.

Nesse ponto, o cabelo molhado de Maggie já havia voltado aos cachos ziguezagueantes e leves. Seria fácil Mark ficar obcecado por eles. Era óbvio que qualquer tentativa de ignorar a atração que ele sentia por ela estava arruinada. Parecia que tudo de que ele já havia gostado em uma mulher, inclusive coisas de que nunca soube gostar antes, havia sido arrumado em um buquê

perfeito.

Antes de a garçonete sair, Mark pediu uma caneta emprestada, e ela lhe deu uma esferográfica. Maggie observou, as sobrancelhas se erguendo um pouco, enquanto Mark escrevia algo em um guardanapo de papel e entregava a ela.

Como foi o seu fim de semana?

Um sorriso atravessou o rosto dela.

— Não precisamos seguir de verdade a regra de não conversar — disse ela.

Baixando o guardanapo, ela o encarou conforme seu sorriso diminuía. Um pequeno suspiro escapou, como se ela tivesse acabado de fazer uma curta

corrida.

— A resposta é que eu não sei.

Fazendo uma caretinha, ela gesticulou com as palmas viradas para cima, como se quisesse indicar que o assunto era incorrigivelmente complicado.

— E quanto ao seu?

— Também não sei.

A garçonete chegou com as bebidas e anotou os pedidos de almoço. Depois de sair, Maggie deu um gole no *whiskey sour*.

— Você gostou? — perguntou Mark.

Ela fez que sim com a cabeça uma vez e lambeu o forte gosto salgado do lábio

inferior, um movimento delicado da língua que fez a pulsação de Mark pular em vários lugares ao mesmo tempo.

— Conte do seu fim de semana — pediu ele.

— Sábado foi o segundo aniversário da morte do meu marido.

O olhar sombrio de Maggie encontrou-se com o dele por cima da borda do copo.

— Não queria ficar sozinha. Pensei em visitar os pais dele, mas... Ele era a única coisa que nós tínhamos em comum, então... Fui ficar com a minha família. Fiquei cercada por umas mil pessoas o fim de semana todo e estava

sozinha. O que não faz sentido.

— Não — falou Mark em voz baixa —, eu entendo.

— O segundo aniversário foi diferente do primeiro. O primeiro...

Maggie fez que não com a cabeça e um pequeno gesto com as mãos, um movimento como se afastasse algo.

— O segundo... Ele me fez perceber que há dias em que eu me esqueço de pensar nele. E me sinto culpada com isso.

— O que ele diria sobre isso?

Hesitando, Maggie sorriu para dentro do copo. E, por um momento, Mark

sentiu uma assustadora pancada de ciúmes do homem que ainda conseguia tirar um sorriso de Maggie.

— O Eddie me diria para não me sentir culpada — falou ela. — Ele tentaria me fazer rir.

— Como ele era?

Ela bebeu de novo antes de responder.

— Era otimista. Conseguia dizer a você o lado bom de praticamente qualquer coisa. Até do câncer.

— Eu sou pessimista — disse Mark.
— Com lapsos ocasionais de positividade.

O sorriso de Maggie ficou malicioso.

— Gosto de pessimistas. Sempre são eles que levam os coletes salva-vidas para o barco.

Ela fechou os olhos.

— Ah. Eu já estou ficando tonta.

— Tudo bem. Vou garantir que você volte para a balsa.

A mão dela havia se arrastado pela mesa. Ela deixou a parte de trás dos seus dedos meio curvados tocarem nos dele, um gesto hesitante que Mark não sabia como interpretar.

— Conversei com o meu pai neste fim de semana — contou ela. — Ele nunca

foi o tipo de pai que me dizia o que fazer; na verdade, provavelmente teria sido útil eu ter tido um pouco mais de supervisão paterna enquanto crescia. Mas ele me disse que eu deveria ter um encontro com alguém. Um encontro. Nem se fala mais isso.

— Como se fala?

— Sair, eu acho. O que você diz para a Shelby quando quer passar o fim de semana com ela?

— Pergunto se posso passar o fim de semana com ela.

Mark virou a mão para cima, abrindo-a.

— Então, você vai seguir o conselho do seu pai?

Ela fez que sim com a cabeça, relutante.

— Mas eu sempre detestei o processo todo — disse ela, sentida, encarando sua bebida. — Conhecer pessoas novas, o constrangimento, o desespero de ficar presa com alguém por uma noite inteira quando você sabe nos primeiros cinco minutos que é uma fria. Queria que fosse como o Chatroulette, e você pudesse apertar o botão “Próximo” em alguém imediatamente. A pior parte é quando os dois ficam sem ter o que dizer.

Sem perceber, Maggie havia

começado a brincar com a mão dele, investigando as dobras dos seus dedos com os pensamentos perdidos. Ele sentiu o prazer do toque dela ao longo do seu braço, acordes reagindo pelos caminhos dos nervos.

— Não consigo imaginar você ficando sem ter sobre o que conversar — disse Mark.

— Ah, acontece. Em especial quando a pessoa com quem estou conversando é muito simpática. Uma boa conversa sempre envolve certa quantidade de reclamações. Gosto de criar laços usando ódios mútuos e queixas mesquinhas.

— Qual é a sua principal queixa mesquinha?

— Ligar para o atendimento ao cliente e nunca conseguir falar com uma pessoa.

— Eu odeio quando os garçons tentam memorizar o pedido em vez de anotar. Porque eles quase nunca acertam tudo. E, mesmo que acertem, sempre fico muito estressado até a comida chegar à mesa.

— Eu odeio quando as pessoas gritam ao celular.

— Eu odeio a frase “sem trocadilhos”. Não tem finalidade.

— Eu falo isso às vezes.

— Bem, não fale. Isso me irrita feito o diabo.

Maggie sorriu. Depois, parecendo perceber que estivera brincando com a mão dele, ela corou e recuou.

— A Shelby é legal?

— Sim. Mas eu tolero isso.

Mark estendeu a mão para o seu uísque e o terminou com um gole eficiente.

— Minha teoria sobre conhecer pessoas — disse ele — é a de que é melhor não causar uma primeira impressão boa demais. Porque, dali em

diante, só pode piorar. Você sempre tem que corresponder àquela primeira impressão, que foi apenas uma ilusão.

— Sim, mas, se você não causar uma ótima primeira impressão, talvez nunca tenha a chance de causar uma segunda.

— Eu sou um cara solteiro com renda — falou ele. — Sempre ganho uma segunda chance.

Maggie riu.

A garçonete trouxe a comida e recolheu os copos vazios.

— Mais uma rodada? — perguntou ela.

— Eu queria poder — disse Maggie,

desejosa —, mas não posso.

— Por que não? — perguntou Mark.

— Quase não estou mais sóbria.

Para demonstrar, ela fez os olhos ficarem vinhos.

— Você só precisa parar quando não estiver sóbria — falou Mark, e fez um gesto com a cabeça para a garçonete. — Traga outra rodada.

— Está tentando me deixar bêbada? — perguntou Maggie depois de a garçonete se afastar, lançando para ele um olhar de desconfiança fingida.

— Sim. Meu plano é deixar você bêbada e, depois, levar você em um

passaio maluco e descontrolado de balsa.

Ele empurrou um copo de água na direção dela.

— Beba isto antes de começar o próximo.

Enquanto Maggie bebericava a água, Mark contou a ela sobre seu fim de semana com Shelby e a sua lista de coisas que um homem faz quando está pronto para um compromisso.

— Mas ela não quis me contar o quinto item — falou ele. — O que você acha que é?

Enquanto Maggie pensava nas

possibilidades, seu rosto passou por uma série de contorções adoráveis: uma enrugada de nariz, um olhar de soslaio, uma breve mordida no lábio inferior.

— Procurar casas? — sugeriu ela. — Ou falar sobre ter filhos?

— Meu Deus.

Ele fez uma careta com a ideia.

— Já tenho a Holly. É o suficiente por ora.

— E quanto a mais filhos, mais tarde?

— Não sei. Quero garantir que criei a Holly direito antes de sequer pensar em mais filhos.

O olhar dela foi compreensivo.

— Sua vida mudou muito, não foi?

Mark procurou formas de descrever aquilo, sentindo-se constrangido em seu desejo de criar uma ligação com ela. Nunca fora dado a contar segredos para outras pessoas, nunca vira motivo para isso. Ganhar compreensão estava a apenas um passo de ser motivo de pena, o que, para ele, era um destino pior do que a morte. No entanto, Maggie tinha talento para fazer perguntas de uma forma que o fazia querer responder.

— Agora, olho para tudo de um jeito diferente — disse ele. — Começo a pensar para que tipo de mundo a estou criando. Eu me preocupo com que tipo

de porcária subliminar ela está recebendo da TV, e se tem cádmio ou chumbo nos brinquedos dela...

Mark fez uma pausa.

— Você quis ter filhos com... ele?

Ele se viu relutante em dizer o nome do marido dela, como se as sílabas fossem chapinhas invisíveis que iam sendo encaixadas no espaço entre eles.

— Uma vez achei que sim. Mas agora não. Acho que esse é um dos motivos de eu amar tanto a minha loja... É uma maneira de estar cercada de crianças sem ter essa responsabilidade.

— Talvez quando você se casar de

novos.

— Ah, eu nunca vou me casar de novo.

Mark inclinou a cabeça em uma pergunta silenciosa, observando-a com muita atenção.

— Já fiz isso uma vez e nunca vou me arrepender, mas... foi suficiente. O Eddie lutou contra o câncer por um ano e meio, e eu precisei dar tudo de mim para estar ao lado dele, para ser forte. Agora, não sobrou muita coisa de mim para dar a mais ninguém. Posso ficar com alguém, mas meu lugar não é ao lado de alguém. Isso faz sentido?

Pela primeira vez na vida adulta de

Mark, ele queria abraçar uma mulher não por motivos egoístas. Não por paixão, mas para oferecer consolo.

— Faz sentido você se sentir assim — falou ele com delicadeza. — Mas isso pode não durar para sempre.

Eles terminaram o almoço e voltaram para o terminal da balsa, a chuva tão leve e lenta que praticamente era possível ver as gotas suspensas no ar. Dava para sentir o céu pressionando para baixo. O mundo estava pintado de tons de azul-escuro e cinza-pálido, com o cabelo de Maggie mostrando uma intensidade de vermelho além do vermelho; cada mecha, uma convidativa curva finalizada em uma perfeita espiral.

Mark daria qualquer coisa para brincar com aqueles cachos estriados, encher as mãos com eles. Estava tentado a estender a mão para a dela enquanto andavam. Porém, o contato casual não era mais uma opção... Porque não havia nada de casual na maneira como ele a desejava.

Talvez sua atração por Maggie fosse apenas o resultado de ter acabado de se comprometer com Shelby, e seu subconsciente estava tentando achar uma rota de fuga...? *Permaneça no caminho*, disse ele a si mesmo. *Não se distraia*.

A conversa deles foi interrompida momentaneamente pela necessidade de dirigir o carro até a balsa e encontrar

lugares no deque principal de passageiros. Depois disso, ocuparam o mesmo banco, conversando sobre tudo e sobre nada. Os silêncios ocasionais pareciam interlúdios tranquilos depois do sexo, quando se fica ali deitado, ensopado de suor e endorfinas.

Mark estava se esforçando para não imaginar o sexo com Maggie. Levá-la para a cama e fazer tudo com ela, em sons profundos e lentamente, improvisando e demorando, e repetindo. Ele a queria sob o seu corpo, em cima dele, enrolada. O corpo dela seria pálido, adornado com algumas constelações de sardas. Ele iria mapeá-las, traçar seus caminhos com as mãos e

os lábios, encontrar cada desenho secreto, tremor e pulsação...

A balsa atracou. Mark esperou no deque principal de passageiros mais tempo do que deveria, relutante em ficar sem a companhia de Maggie. Ele foi uma das últimas pessoas a descer para as pistas de estacionamento e pegar o carro. O céu mostrava vários tons de creme. Ele sentiu, como sempre, o alívio de voltar para a ilha, onde o ar era mais fácil de respirar, mais suave, e a tensão rápida do continente acabava. Os ombros dos passageiros que esperavam no deque baixavam ao mesmo tempo, como se todos tivessem sido reiniciados simultaneamente.

Mark tinha de voltar ao seu carro logo ou iria bloquear toda a pista na saída da balsa e enfrentaria a fúria justificável de dezenas de passageiros com seus veículos. Porém, enquanto olhava para Maggie, cada célula do seu corpo resistia à ideia de deixá-la.

— Você precisa de carona para algum lugar? — perguntou ele.

Um movimento imediato da cabeça dela, ondas vermelhas raspando pelos seus ombros.

— Meu carro está estacionado aqui perto.

— Maggie — disse ele com cuidado —, talvez algum dia...

— Não — falou ela, seu sorriso gentilmente arrependido. — Não há espaço para amizade. Nenhum futuro.

Ela estava certa.

A única coisa que restava era se despedir, algo em que Mark costumava ser bom. Daquela vez parecia complicado, no entanto. “A gente se vê por aí” ou “se cuida” eram muito indiferentes, muito casuais. Mas qualquer indicação do quanto aquela tarde havia significado para ele não teria sido bem-vinda.

No final, Maggie resolveu o dilema dele acabando com a necessidade de dizer tchau. Ela sorriu com a hesitação

de Mark e colocou a mão no peito dele, dando a sugestão brincalhona de um empurrão.

— Vá — falou ela.

E ele foi, sem olhar para trás, descendo a estreita escada revestida de aço com degraus ecoantes. Ele sentiu o coração bater forte no lugar onde a mão dela tocara. Ao entrar no carro, fechou a porta e colocou o cinto de segurança. Enquanto esperava por um sinal para avançar, teve a sensação irritante e incômoda de ter perdido algo importante.



Com a chegada de outubro, a observação de baleias e os passeios de caiaque chegaram ao fim pelo restante do ano. Embora os turistas ainda fossem para a ilha de San Juan, não era nada comparado à avalanche dos meses de verão. Os visitantes sempre queriam

saber como Friday Harbor tinha recebido esse nome, Baía da Sexta-Feira. Maggie logo aprendera as duas versões da história. A que todos preferiam era a lenda local de que um capitão dos mares, ao entrar na baía e ver um homem na praia, perguntou “Que baía é?”. O homem, que ouviu a pergunta como “Que dia é?”, respondeu “sexta-feira”.

A verdade, no entanto, era que a baía recebera o nome de um havaiano, Joseph Friday, que trabalhara para a Hudson’s Bay Company, cuidando de ovelhas ao norte da baía. Quando marinheiros chegavam ao longo da costa e viam a coluna de fumaça que subia do seu

campo, sabiam que tinham alcançado a baía Friday, e os britânicos acabaram mapeando-a dessa forma.

A ilha foi transferida para os americanos em 1872 e, dali em diante, a indústria havia florescido. A Ilha de San Juan foi a capital do cultivo de frutas no noroeste. Também abrigou serrarias e empresas de embalagem de salmão. Agora, o litoral estava lotado de condomínios de altíssimo nível e embarcações de lazer em vez de fábricas de conservas e barcas de transporte. A indústria do turismo passou a sustentar sua economia, e, embora seu pico ocorresse durante o verão, a ilha recebia turistas o ano

inteiro.

Com o outono no ar e as folhas das árvores exibindo seu colorido incrível, os moradores de San Juan começaram a se preparar para as festas que chegavam. A ilha explodia em festivais de colheita, mercados de fazendeiros, degustações de vinho, eventos em galerias e apresentações de teatro. A loja de Maggie não mostrava sinais de desaceleração conforme os clientes locais chegavam para comprar fantasias e acessórios para o Halloween e para as compras antecipadas do Natal. Na verdade, Maggie havia acabado de contratar uma das filhas de Elizabeth, Diane, como vendedora de meio

período.

— Agora talvez você possa relaxar um pouco — disse Elizabeth a Maggie. — Tirar um dia de folga não vai matar você, sabia?

— Eu me divirto na loja.

— Vá se divertir longe da loja — falou Elizabeth. — Você precisa conversar com alguém que tenha mais de 1,20 m de altura.

Uma ideia lhe ocorreu.

— Você devia comprar uma massagem naquele spa em Roche Harbor. Eles têm um novo *masseuse* chamado Theron. Uma das minhas

amigas disse que as mãos dele são divinas.

As sobancelhas dela se levantaram de um jeito significativo.

— Se é um homem, acho que não se diz *masseuse* — comentou Maggie. — Mas, agora, não consigo me lembrar de como se chama um homem que faz massagens.

— Um compromisso semanal, é assim que eu chamo — disse Elizabeth. — Se ele for solteiro, você pode propor uma saída.

— Você não pode chamar um cara da massagem para sair — protestou Maggie. — É como um relacionamento

de médico com paciente.

— Eu saí com o meu médico —
afirmou Elizabeth.

— Você saiu?

— Fui ao consultório dele e disse que tinha decidido trocar de médico. E ele ficou muito preocupado e perguntou por quê. E eu disse “porque eu quero que você me leve para jantar na sexta à noite”.

Os olhos de Maggie se arregalaram.

— Ele levou?

Elizabeth fez que sim com a cabeça.

— Nós nos casamos seis meses depois.

Maggie sorriu.

— Adorei essa história.

— Vivemos 42 anos juntos, até ele falecer.

— Sinto muito.

— Era um homem adorável. Eu queria viver mais anos com ele. Mas isso não significa que não posso gostar de passar um tempo com as minhas amigas. Nós viajamos juntas, trocamos e-mails... Não conseguiria ficar sem elas.

— Também tenho amigas maravilhosas — falou Maggie. — Mas elas são todas casadas e eram uma parte tão importante da minha vida com o

Eddie que, às vezes...

— As antigas lembranças entram no caminho — completou Elizabeth, perceptiva.

— Exato.

Elizabeth fez que sim com a cabeça.

— Você tem uma nova vida. Mantenha os amigos antigos, mas não faz mal acrescentar alguns novos. De preferência, solteiros. O que me lembra... Os Scolari já apresentaram o Sam Nolan para você?

— Como você sabia disso?

A mulher pareceu imensamente feliz consigo mesma.

— Nós moramos em uma ilha, Maggie. A fofoca não tem para onde ir a não ser dar voltas. Então... você já conheceu o Sam?

Maggie se ocupou de reorganizar alguns caules de alfazemas frescas em um vaso. A ideia de sair com o irmão mais novo de Mark lhe parecia intolerável. Cada pequena semelhança — o formato dos olhos ou o tom da voz — tornaria a experiência um exercício de infelicidade.

E seria injusto com Sam. Maggie nunca conseguiria apreciar tudo o que ele era, porque não seria capaz de esquecer tudo o que ele não era.

Em termos específicos, ele não era Mark.

— Eu disse ao Brad e à Ellen que não estou interessada em conhecer ninguém agora — disse ela por fim.

— Mas, Maggie — continuou Elizabeth, perturbada —, Sam Nolan é o rapaz mais charmoso e de bom coração do mundo. E ele não tem namorada no momento, uma vez que tem estado muito ocupado com o vinhedo. Ele produz vinhos. Um romântico. Você não vai querer perder uma oportunidade como essa.

Maggie abriu um sorriso cético para ela.

— Você acha mesmo que esse cara solteiro, jovem e charmoso vai querer sair comigo?

— Por que ele não iria querer?

— Eu sou viúva. Tenho um passado.

— Quem não tem um passado?

Elizabeth estalou a língua,
censurando-a.

— Pelo amor dos céus, você não tem nada que se sentir estranha por ser viúva. Significa que você é uma mulher com o tempero da experiência, uma mulher que foi amada. Nós sabemos apreciar a vida, apreciamos o humor, gostamos do espaço que temos no

guarda-roupa. Acredite em mim, Sam Nolan não vai se importar com o fato de você ser viúva.

Maggie sorriu e fez que não com a cabeça. Pegando a bolsa atrás do balcão, ela disse:

— Vou caminhar até o Market Chef e comprar uns sanduíches para o almoço. O que você quer?

— Pastrami quente com queijo extra. E cebola extra.

Enquanto Maggie estendia a mão para abrir a porta, Elizabeth acrescentou, alegre:

— Tudo extra!

O Market Chef era uma *delicatessen* artesanal que fazia os melhores sanduíches e as melhores saladas da ilha. Sempre havia uma multidão na hora do almoço, mas a espera valia a pena. Olhando para dentro de uma vitrine cheia de saladas frescas, massas, fatias perfeitas de bolo de carne e pedaços grossos de quiche de legumes, Maggie ficou tentada a pedir um de cada. Mas se contentou com siri, alcachofras e queijo derretido em pão caseiro tostado e pediu o pastrami quente para Elizabeth.

— Para comer aqui ou para viagem?
— perguntou a menina atrás do balcão.

— Para viagem, por favor.

Ao ver uma pilha de biscoitos com gotas de chocolate parecendo plaquinhas em um pote de vidro perto da caixa registradora, Maggie acrescentou:

— E sob nenhuma circunstância você pode acrescentar um desses.

A menina sorriu.

— Um ou dois?

— Só um.

— Se você quiser se sentar ali, levo os sanduíches para você em um minutinho.

Maggie se sentou perto da janela e ficou observando as pessoas enquanto esperava.

Em pouco tempo, a menina se aproximou com um saco de papel branco.

— Aqui está.

— Obrigada.

— Ah, e...

A menina entregou um guardanapo para ela.

— Alguém pediu que eu entregasse isto para você.

— Quem? — perguntou Maggie, sem expressão, mas a menina já havia se afastado depressa para ajudar um cliente.

O olhar de Maggie recaiu no

guardanapo branco de papel na sua mão. Alguém escrevera nele.

Oi.

Levantando o olhar, confusa, Maggie fez uma varredura da pequena área com mesas. Perdeu o fôlego quando viu Mark Nolan e Holly sentados numa mesa de canto. Ele devolveu o olhar dela e um sorriso lento curvou em seus lábios.

Maggie amassou o guardanapo na palma da mão, apertando-o entre os dedos. Uma pontada de felicidade acordou em seu peito apenas pelo fato de vê-lo. *Maldição*. Havia passado semanas tentando se convencer de que o interlúdio que teve com Mark não tinha

sido nem de longe tão mágico quanto havia parecido.

No entanto, isso não explicava o novo hábito de seu coração de dar saltos de alegria ou o fato de gaguejar sempre que via um homem de cabelos escuros na multidão. Não explicava por que, mais de uma vez, havia acordado com as cobertas emaranhadas em suas pernas e a mente cheia de imagens borradas, mas agradáveis, de ter sonhado com ele.

Ao ver Mark se levantar e se aproximar dela, com Holly seguindo-o de perto, Maggie sentiu uma onda estonteante de paixão platônica. Uma cor febril se espalhou pelo seu rosto. Sua pulsação palpitava em cada membro

do seu corpo. Não conseguia olhar diretamente para ele, não podia olhar totalmente na direção oposta dele, apenas se levantou confusa, sem foco, com a bolsa na mão.

— Oi, Holly — saudou a criança sorridente, cujo cabelo estava preso em duas perfeitas tranças loiras. — Como você está?

A menina a surpreendeu ao disparar para a frente e abraçá-la. Surpresa, Maggie automaticamente fechou seu braço livre em volta do corpo pequeno e magro.

Ainda segurando a cintura de Maggie, Holly inclinou a cabeça para trás e

sorriu para ela.

— Eu perdi um dente ontem —
anunciou a garota, mostrando o novo
buraco entre seus dentes inferiores.

— Que maravilha! — exclamou
Maggie. — Agora você tem dois lugares
para colocar os canudos quando tomar
limonada.

— A fada do dente me deu um dólar.
Minha amiga Katie só ganhou cinquenta
centavos pelo dela.

Essa comparação foi informada com
um toque de preocupação com os
caprichos de tal sistema de preços.

— A fada do dente — repetiu Maggie,

lançando um olhar divertido para Mark.

Sabia como ele se sentia quanto a incentivar Holly a acreditar em criaturas fantásticas.

— Era um dente perfeito — disse Mark. — É óbvio que um dente como aquele merecia um dólar.

Seu olhar passou por Maggie.

— A gente ia para a sua loja depois do almoço.

— Vocês estão procurando alguma coisa em especial?

— Eu preciso de asas de fadas — contou Holly. — Para o Halloween.

— Você vai ser uma fada? Tenho

varinhas, coroas e pelo menos meia dúzia de pares de asas diferentes. Você quer ir até a loja comigo?

Holly fez que sim com a cabeça, ansiosa, e pegou a mão dela.

— Deixe que eu levo essas coisas para você — disse Mark.

— Obrigada.

Maggie deu para ele o saco de papel, e eles saíram do Market Chef juntos.

Durante a caminhada, Holly se manteve faladeira e animada, contando a Maggie sobre as fantasias dos amigos, que tipo de doce ela esperava conseguir e sobre o Festival da Colheita ao qual

iria depois do “gostosuras ou travessuras”. Embora Mark falasse pouco e andasse atrás delas, Maggie tinha uma percepção intensa da presença dele.

Assim que entraram na loja, Maggie guiou Holly até uma arara com asas de fadas, todas enfeitadas com fitas, cheias de brilhos e pintadas em espirais.

— Aqui estão elas.

Elizabeth se aproximou das duas.

— Estamos comprando asas? Que legal.

Holly encarou com um olhar questionador a mulher mais velha, que

usava um chapéu cônico com véu e uma longa saia de tule e segurava uma varinha mágica.

— Por que você está vestida assim? Ainda não é Halloween.

— É a minha roupa para quando fazemos festas de aniversário na loja.

— Onde? — perguntou Holly, lançando um olhar ansioso por todo o lugar.

— Tem um salão de festas nos fundos. Você gostaria de ver? Está todo decorado.

Depois de olhar para Mark em busca de permissão, Holly seguiu feliz até os

fundos com Elizabeth, saltitando.

Mark olhou para ela com um sorriso afetuoso.

— Ela pula o tempo todo — falou ele.

Voltou, então, o olhar para Maggie.

— Não vamos ficar muito tempo. Não quero atrapalhar o seu almoço.

— Ah, isso não é problema. Eu como...

Parecia que ela tinha acabado de tomar uma colher cheia de mel, tendo de engolir de novo e de novo, forçando a espessura doce.

— Como você está?

— Bem. E você?

— Eu estou ótima — disse Maggie.

— Você e a Shelby estão...

Sua intenção foi falar “noivos”, mas a palavra ficou presa em sua garganta.

Mark entendeu o que ela estava tentando perguntar.

— Ainda não.

Ele hesitou.

— Eu trouxe isto para você.

Ele apoiou uma garrafa térmica alta e fina no balcão, do tipo que tinha como tampa uma caneca. Maggie não reparara que ele a estava carregando antes.

— É café? — questionou ela.

— Sim, uma das minhas torras.

A oferta a agradou mais do que deveria.

— Você é má influência — comentou ela.

A voz dele estava rouca.

— Espero que sim.

Foi um momento delicioso, ficar parada ali com ele, imaginando por um instante proibido como seria se ela desse um passo à frente e acabasse com a distância entre eles. Apertar-se contra ele, contra a dureza e o calor, e senti-lo apertá-la para junto de si.

Antes de Maggie poder agradecer, Elizabeth voltou com Holly. A menininha, animada com o salão de festas decorado e o grande bolo de castelo com velas em todas as torres, foi direto para Mark e exigiu que ele fosse ver também. Ele sorriu e se deixou ser arrastado.

Mark e Holly empilharam suas compras no balcão: um conjunto de asas de fadas, uma coroa e um tutu verde e roxo. Elizabeth registrou os produtos, conversando de maneira amigável, enquanto Maggie estava ocupada ajudando uma cliente.

Maggie subiu em uma escadinha dobrável para alcançar algumas

estatuetas que haviam sido guardadas em um armário acima de uma estante de exposição. Depois de recuperar a Dorothy, o Homem de Lata, o Leão e o Espantalho, ela disse à cliente que a Bruxa do Oeste não estava no estoque.

— Posso refazer o pedido e ela chegaria em cerca de uma semana — disse Maggie.

A cliente hesitou.

— Tem certeza? Não quero comprar os outros se não tiver o conjunto todo.

— Se quiser, ligamos para o distribuidor e garantimos que eles podem mandar a bruxa.

Maggie olhou na direção da caixa registradora.

— Elizabeth...

— Tenho o número bem aqui — falou Elizabeth, brandindo uma lista plastificada.

Ela sorriu ao reconhecer a cliente.

— Olá, Annette. Vai ser um presente para a Kelly? Eu sabia que ela iria amar esse filme.

— Ela o assistiu pelos menos cinco vezes — respondeu a mulher com uma risada, e foi até o balcão enquanto Elizabeth discava o número do distribuidor.

Reunindo um braço cheio de estatuetas extras, Maggie subiu na escadinha e passou a recolocá-las no armário. Sentiu certa dificuldade para se equilibrar quando algumas das caixas saíram do lugar nos seus braços.

Mas então mãos fortes chegaram à sua cintura, estabilizando-a. Maggie congelou por um instante enquanto compreendia que Mark estava parado atrás dela. A pressão do toque dele era firme, competente, respeitável. Porém, o calor das suas mãos afundou pela fina camada de algodão da camiseta dela, disparando sua pulsação. Ela ficou tensa, contendo o impulso de se virar no compasso dos braços dele. Como seria

boa a sensação de afundar os dedos naqueles cabelos escuros e cheios e puxá-lo para mais perto, com mais força...

— Posso guardar isso para você? — perguntou ele.

— Não, eu... eu consigo.

As mãos dele baixaram, mas ele continuou por perto.

Maggie se atrapalhou com as caixas restantes, empurrando-as para dentro do armário sem ver direito. Descendo da escadinha, ela se virou para Mark. Estavam perto demais. Ele cheirava ao sol, ao ar marinho, ao sal; o aroma provocou os sentidos dela.

— Obrigada — ela conseguiu dizer.
— E obrigada pelo café. Como faço para devolver a garrafa térmica para você?

— Volto para buscar mais tarde.

Tendo registrado as compras dos outros clientes, Elizabeth se aproximou deles.

— Mark, tenho tentado convencer a Maggie a conhecer o Sam. Você não acha que eles iriam se divertir juntos?

O rosto de Holly se iluminou com a sugestão.

— Você iria gostar muito do meu tio Sam — falou ela para Maggie. — Ele é

engraçado. E tem um aparelho de DVD novo.

— Bem, esses são os meus dois requisitos — respondeu Maggie com um sorriso.

Ela levantou o olhar para Mark, cujo rosto havia ficado sem expressão.

— Eu iria gostar dele? — ela ousou perguntar.

— Vocês não têm muito em comum.

— Os dois são jovens e solteiros — protestou Elizabeth. — O que mais eles precisam ter em comum?

Agora Mark estava fazendo uma careta evidente.

— Você quer ser apresentada para o Sam? — perguntou ele a Maggie.

Ela encolheu os ombros.

— Estou muito ocupada.

— Você me avisa quando decidir. Eu vou cuidar disso.

Ele fez um gesto para Holly.

— Hora de ir.

— Tchau! — disse a menininha, alegre, avançando para abraçar Maggie de novo.

— Tchau, Holly.

Depois de os dois saírem, Maggie deu uma olhada pela loja, que estava vazia

naquele momento.

— Vamos almoçar — disse ela a Elizabeth.

Elas foram para o salão nos fundos da loja e se sentaram à mesa, mantendo os ouvidos atentos para o toque denunciador do sino da porta. Enquanto Elizabeth desembrulhava os sanduíches, Maggie desenroscou a tampa da garrafa térmica. Um aroma atraente foi soprado para cima: tostado, forte e lembrando madeira de cedro.

Maggie respirou profundamente, fechando os olhos para se concentrar na fragrância inebriante.

— Agora eu entendi — ela ouviu

Elizabeth dizer.

Maggie abriu os olhos.

— Entendeu o quê?

— Por que você não estava interessada em conhecer o Sam.

A respiração ficou presa na garganta dela.

— Ah... Eu... Não tem nada a ver com o Mark, se for isso que você pensou.

— Vi o jeito como ele olhou para você.

— Ele está comprometido com outra mulher. Um compromisso sério.

— Não acaba até as pessoas dizerem “eu aceito”. E o Mark trouxe café para você.

Isso foi declarado como se o gesto tivesse um significado incalculável.

— É provavelmente o equivalente a um Dom Pérignon.

Elizabeth lançou um olhar cobiçoso para a garrafa térmica.

— Você quer provar um pouco? — perguntou Maggie, divertindo-se.

— Vou pegar minha caneca.

O café já estava cremoso e adoçado, um fluxo de caramelo claro soltando vapor e sendo derramado nas canecas.

Em silêncio, elas ergueram a bebida em um brinde e tomaram.

Não era apenas café... Era uma experiência. Notas suaves, tostadas e amanteigadas deram lugar a uma finalização aveludada. Força e doçura, nenhum traço de amargor. Ele esquentou Maggie até os dedos dos pés.

— Minha nossa — disse Elizabeth.
— Isto é delicioso.

Maggie deu outro gole.

— É um problemão — falou ela, pesarosa.

O rosto da mulher suavizou-se com compreensão.

— Estar interessada no Mark Nolan?

— Ele é proibido. Mas, sempre que eu vejo o Mark, apesar de não estarmos nos paquerando, parece que estamos.

— Isso não é problema — garantiu Elizabeth.

— Não é?

— É quando deixa de parecer paquera que vira um problema. Então, vá em frente e paquere... Pode ser a única coisa que esteja evitando que você faça sexo com ele.



No Halloween, Mark insistiu que fosse Sam a levar Holly para as atividades em Friday Harbor, inclusive para a exibição de um filme na biblioteca, a busca por gostosuras ou travessuras nas lojas locais e uma festa infantil no espaço de eventos.

— Não deixe de passar na loja de brinquedos para ver a Maggie — acrescentou Mark.

— Tem certeza? — perguntou Sam, duvidando.

— Sim. Todo mundo quer que vocês dois se conheçam, inclusive a própria Maggie. Então, vá em frente. Convide-a para um encontro se gostar dela.

— Não sei... Você está com aquela expressão.

— Que expressão?

— A expressão que você faz logo antes de dar um chute no traseiro de alguém.

— Não vou chutar o traseiro de ninguém — retrucou Mark, com calma.
— Ela não é para mim. Estou com a Shelby.

— Então por que parece que convidar a Maggie para sair seria como roubar a sua mulher?

— Não seria como roubar a minha mulher. Estou com a Shelby.

Sam riu baixinho e coçou a cabeça.

— Seu novo mantra. Certo, vou dar uma olhada nela.

Mais tarde, Sam voltou para casa com Holly, que tinha se divertido muito durante o dia e havia enchido um balde

de abóbora de plástico inteiro com doces. Cheios de cerimônia, espalharam os doces na mesa, supervisionaram todos com admiração e Holly escolheu dois ou três para comer na mesma hora.

— Certo, subindo e indo para a banheira — disse Mark, inclinando-se para deixar Holly subir nas suas costas. — Esta deve ser a fadinha mais suja e grudenta que eu já vi.

— Você não acredita em fadas — disse Holly, rindo, enquanto ele a carregava escada acima, de cavalinho.

— Acredito, sim. Tem uma bem aqui.

Depois de preparar um banho para ela e colocar uma camisola limpa e uma

toalha sobre a tampa fechada do vaso sanitário, Mark desceu a escada. Sam tinha acabado de colocar os doces em um grande saco plástico com fecho e estava arrumando a cozinha.

— E então? — perguntou Mark, de mau humor. — Vocês foram até a loja?

— A umas vinte lojas. A cidade estava uma loucura.

— *A loja de brinquedos* — falou Mark por entre os dentes cerrados.

— Ah, você está perguntando da Maggie. — Sam abriu a geladeira para pegar uma cerveja. — Sim, ela é uma gata. E a Holly é louca por ela. Ela se sentou no balcão e ajudou a Maggie a

distribuir os doces. Acho que teria ficado lá a noite toda se eu tivesse deixado.

Ele fez uma pausa, inclinando a cerveja.

— Mas não vou convidar a Maggie para sair.

Mark o observou, alerta.

— Por que não?

— Ela deu uma de Heisman.

— Deu uma de quê?

— Você sabe... — Sam imitou o braço esticado e bloqueador da pose do Troféu Heisman. — Ela foi amigável, mas não estava interessada.

— Bem, ela deve estar — falou Mark, incomodado. — Você é solteiro, tem boa aparência... Qual é o problema dela?

Sam encolheu os ombros.

— Ela é viúva. Talvez não tenha acabado de sofrer pelo marido.

— Está na hora de ela acabar — declarou Mark. — Já faz dois anos. Precisa começar a viver de novo. Precisa apostar em alguém.

— Como você? — perguntou Sam, perceptivo.

Mark lançou para ele um olhar sombrio.

— Estou com a Shelby.

— É, eu entendi — falou Sam, com uma risada baixa. — Continue repetindo isso. Talvez em algum momento você comece a acreditar.

Mark foi para o andar de cima, contrariado. Disse a si mesmo que não era da sua conta se ou quando Maggie iria a encontros de novo. Por que, então, a situação o incomodava tanto?

Ele encontrou Holly no quarto, vestindo a camisola cor-de-rosa e esperando na cama para que ele a acomodasse. O abajur ao lado da cama estava aceso, uma luz suave brilhando através da cúpula rosa. O olhar de Holly estava fixo no par de asas de fadas

pendurado no encosto de uma cadeira. Sua pele clara estava salpicada de manchas vermelhas. Mark sentiu o coração apertado de preocupação ao perceber que os olhos dela estavam úmidos.

Sentando-se à beira da cama, ele a puxou para perto de si.

— O que foi? — sussurrou ele. — Qual é o problema?

A voz de Holly soou abafada.

— Eu queria que a minha mãe pudesse ter me visto com a fantasia.

Mark beijou seus cabelos. E, por um longo tempo, apenas a abraçou.

— Eu também sinto falta dela — disse ele por fim. — Acho que ela está observando você, embora você não consiga ver nem ouvir.

— Como um anjo?

— Sim.

— Você acredita em anjos?

— Sim — respondeu Mark sem hesitação, apesar de tudo o que sempre dissera ou pensara contra isso.

Não havia motivo para não dar uma chance à possibilidade, em especial se ela consolava Holly.

Holly se afastou para olhá-lo.

— Achei que você não acreditasse.

— Mas eu acredito — falou Mark. —
A fé é uma escolha. Eu posso acreditar
em anjos se quiser.

— Eu acredito neles também.

Mark alisou o cabelo dela.

— Ninguém nunca vai substituir a sua
mãe. Mas eu amo você tanto quanto ela
amava e sempre vou cuidar de você. E o
Sam também.

— E o tio Alex.

— E o tio Alex. Mas eu estava
pensando... E se eu me casasse com
alguém que fosse me ajudar a cuidar de
você e amar você como uma mãe faz?
Você gostaria disso?

— A-hã.

— E que tal a Shelby? Você gosta dela, não é?

Holly pensou a respeito.

— Você se apaixonou por ela?

— Eu me importo com ela. Muito.

— Mas você não deve se casar se não se apaixonar, não é assim?

— Bem, o amor é uma escolha também.

Holly fez que não com a cabeça.

— Eu acho que é uma coisa que acontece.

Mark sorriu para o rosto pequeno e

sincero.

— Talvez seja as duas coisas — disse ele e a acomodou para dormir.



No fim de semana seguinte, Mark foi para Seattle visitar Shelby. A festa de noivado do primo dela aconteceria na noite de sexta no Iate Clube da cidade, em Portage Bay. Era mais um passo no progresso do relacionamento deles: participar de um evento de família, conhecer os pais de Shelby. Mark esperava se dar bem com os dois. Pelas descrições feitas por ela, pareciam pessoas legais e normais.

— Você vai amar os meus pais, eu garanto — disse Shelby. — E eles vão amar você.

A palavra “amar” deixou Mark tenso. Até então, ele e Shelby não haviam chegado ao ponto em que algum deles tivesse dito “eu te amo”, mas Mark sentia que ela queria fazê-lo. E isso o fazia se sentir culpado, porque não estava ansioso pelo fato. É claro que iria dizer o mesmo para ela. E seria verdade, mas provavelmente não da maneira como ela queria que fosse.

Alguns meses antes, Mark teria presumido que amar era uma habilidade que lhe faltava. No entanto, Holly havia provado que ele estava errado. Porque o

sentimento de querer proteger Holly, dar tudo a ela, o anseio por fazê-la feliz eram, sem sombra de dúvida, amor. Ele nunca havia sentido nada que se comparasse a isso.

Na tarde de sexta-feira, ele pegou um voo para Seattle, preocupadíssimo porque Holly tinha chegado da escola com uma febre leve.

— Eu devia cancelar — ele tinha falado com Sam.

— Você está brincando! A Shelby mataria você. Eu cuido disso. A Holly vai ficar bem.

— Não deixe que ela fique acordada até tarde — pediu Mark. — E nada de

comer bobagens. Não esqueça o horário da próxima dose do remédio ou...

— Sim, eu sei. Está tudo bem.

— Se a Holly ainda estiver doente amanhã, o consultório do pediatra fica aberto até meio-dia no sábado...

— Eu sei. Sei todas as coisas que você sabe. Se não sair agora, vai perder o voo.

Mark tinha partido relutante depois de dar a Holly uma dose do remédio. Ela ficou descansando no sofá, assistindo a um filme. Parecia pequena e frágil, as bochechas sem cor. Ele ficou incomodado de deixá-la, embora Sam tivesse garantido que tudo ficaria bem.

— Vou ficar com o meu celular — disse ele a Holly. — Se quiser falar comigo, se precisar de mim, ligue. Ligue sempre que quiser. Combinado, querida?

— Combinado.

E Holly lançara para ele o sorrisinho cheio de dentes que nunca deixava de derreter o seu coração. Inclinando-se por cima dela, ele beijou sua testa e os dois esfregaram os narizes.

Parecia errado sair de casa e ir para o aeroporto. Todos os seus instintos o incentivavam a ficar. No entanto, Mark sabia o quanto o fim de semana era importante para Shelby e não tinha qualquer desejo de magoá-la ou

constrangê-la ao não aparecer para um evento de família.

Em Seattle, Shelby foi buscá-lo no aeroporto na sua elegante BMW Z4. Usava um vestido preto sensual e sapatos de salto alto, os cabelos loiros soltos. Uma mulher bonita e de classe. *Qualquer cara teria sorte em tê-la*, ele pensou. Gostava de Shelby. Admirava-a. Gostava da sua companhia. Mas a falta de turbulência e intensidade entre eles, que sempre parecera tão correta antes, começava a parecer vagamente estranha.

— Vamos encontrar o Bill e a Allison para jantar antes da festa — disse Shelby.

Allison era sua amiga desde a faculdade e agora era mãe de três crianças.

— Ótimo.

Mark esperava conseguir parar de pensar em Holly por tempo suficiente para aproveitar o jantar. Pegando o telefone, ele verificou se havia mensagens de Sam.

Nada.

Reparando nas sobrancelhas franzidas dele, Shelby perguntou:

— Como a Holly está? Ainda doentinha?

Mark fez que sim com a cabeça.

— Ela nunca ficou doente antes. Pelo menos, não desde que está comigo. Ela estava com febre quando eu saí.

— Ela vai ficar bem — veio a resposta tranquilizadora de Shelby. Um sorriso curvou seus lábios levemente brilhantes. — Eu acho um doce você estar tão preocupado com ela.

Eles foram a um restaurante sofisticado no centro de Seattle. Seu salão principal era dominado por uma torre central de cerca de seis metros de garrafas de vinho. Pediram um excelente *pinot noir* e Mark secou sua taça depressa, esperando que isso o ajudasse a relaxar.

Começava a chover, a água cintilando nas janelas. A chuva era lenta, mas regular, as nuvens empilhavam-se como roupa lavada sem dobrar. Prédios agachavam-se, pacientes, deixando a água correr em cascatas pavimentadas, cruzando baixadas cobertas de plantas e formando jardins de chuva ao lado das pistas. Seattle era uma cidade que sabia o que fazer com a água.

Enquanto Mark observava os desenhos oblíquos de regatos deslizando ao lado exterior de pedra e vidro do prédio, não podia deixar de pensar na noite chuvosa, menos de um ano antes, quando tudo havia mudado. Percebeu que, antes de Holly, suas emoções

pareciam um tipo de substância finita. Agora, não havia esperança de contê-las. Ter filhos um dia ficaria mais fácil? Em algum momento, as pessoas chegavam a um ponto em que conseguiam parar de se preocupar?

— Esse novo lado seu — disse Shelby, com um sorriso zombeteiro, quando viu Mark verificar o telefone pela vigésima vez durante o jantar. — Querido, se o Sam não ligou, significa que está tudo bem.

— Poderia significar que alguma coisa está errada e ele ainda não teve oportunidade de ligar — falou Mark.

Allison e Bill, o outro casal, trocaram

olhares sorridentes e um pouco superiores de pais experientes.

— É mais difícil com os primeiros — declarou Allison. — Você fica com medo todas as vezes que eles têm febre... Quando chega o segundo ou o terceiro, a gente para de se preocupar tanto.

— As crianças são bem resistentes — acrescentou Bill.

Saber que todos os comentários tinham a intenção de diminuir a preocupação de Mark não ajudou nem um pouco.

— Ele vai ser um bom pai um dia — disse Shelby a Allison em uma

observação sorridente.

O elogio, que provavelmente devia ter agradado Mark, trouxe à tona uma chama de irritação. Um dia? Ele era pai *agora*. Havia mais em ser pai do que uma contribuição biológica... Na verdade, essa era a menor parte da equação.

— Eu preciso sair só por um minuto para ligar para o Sam — disse ele a Shelby. — Só quero saber se a febre passou.

— Certo, se isso vai ajudar você a parar de se preocupar — respondeu Shelby. — Depois, podemos aproveitar o restante da noite.

Ela lhe deu um olhar cheio de significado.

— Certo?

— Certo. — Mark se inclinou e beijou a bochecha dela. — Com licença.

Ele se levantou da mesa, foi para o lobby do restaurante e pegou o celular. Sabia que Shelby e o outro casal achavam que estava exagerando, mas não se importava com isso. Precisava saber que Holly estava bem.

A ligação foi atendida. Ele ouviu a voz do irmão.

— Mark?

— Sim. Como ela está?

Uma pausa de acabar com os nervos se seguiu.

— Não muito bem, na verdade.

Mark sentiu seu corpo virar água gelada.

— O que você quer dizer com “não muito bem”?

— Ela começou a vomitar pouco tempo depois de você sair. Está vomitando tudo o que tem no estômago. Eu nunca teria acreditado que um corpo pequeno pudesse produzir tanta coisa ruim.

— O que você está fazendo por ela? Ligou para o médico?

— É claro que liguei.

— O que ele disse?

— Que deve ser uma gripe. Ele pediu para dar a ela goles de um fluído oral de reidratação. E disse que o ibuprofeno pode ter deixado ela enjoada, então vamos ter que usar apenas o Tylenol agora.

— Ela ainda está com febre?

— 38.9 da última vez que verifiquei. Infelizmente, ela não consegue segurar o remédio tempo suficiente para que ele ajude.

Mark agarrou o telefone com força. Nunca quis nada como queria estar de

volta à ilha, naquele exato momento, cuidando de Holly.

— Você tem tudo de que precisa?

— Na verdade, preciso buscar algumas coisas no mercado, como gelatina e sopa, então vou conseguir alguém para ficar de babá por um tempinho.

— Eu vou voltar.

— Não, não volte. Tenho uma lista de pessoas para quem posso ligar. E eu... Ah, Jesus, ela está vomitando de novo. Tenho que ir.

A ligação foi interrompida. Mark tentou pensar fora da onda de pânico.

Telefonou para a companhia aérea solicitando uma reserva no voo seguinte para Friday Harbor, ligou pedindo um táxi e voltou para a mesa com passos largos.

— Graças aos céus — exclamou Shelby, com um sorriso tenso. — Estava me perguntando o porquê da demora.

— Desculpe. A Holly está muito mal. Preciso voltar.

— Hoje? — perguntou Shelby, franzindo as sobrancelhas. — Agora?

Mark fez que sim com a cabeça e descreveu a situação. Allison e Bill pareciam compreensivos, enquanto Shelby se mostrava cada vez mais

incomodada. O sinal de preocupação com Holly deu a Mark uma nova sensação de parceria com ela, uma sensação de ligação. Ele se perguntou se ela pensaria em voltar com ele. Não pediria, mas, se ela oferecesse...

Levantando-se da cadeira, Shelby tocou no braço dele com delicadeza.

— Vamos conversar sobre isso a sós.

Ela lançou um olhar aborrecido na direção de Allison.

— Volto em um segundo.

— É claro.

As duas mulheres trocaram um daqueles inexplicáveis olhares

femininos do tipo “tem alguma coisa acontecendo”.

Shelby foi com Mark até a entrada do restaurante, a um canto onde eles poderiam conversar sem serem perturbados.

— Shelby... — começou a dizer Mark.

— Olhe — ela o interrompeu delicadamente —, eu não estou tentando fazer disso uma coisa do tipo “escolha entre a Holly e eu”... Mas ela vai ficar bem sem você. E eu não. Quero que você vá para a festa esta noite e conheça a minha família. Não há nada que você possa fazer pela Holly que o Sam não

esteja fazendo.

Quando ela acabou de falar, a sensação de carinho e ligação que Mark tivera já havia desaparecido. Não importava o que ela dissesse, estava fazendo com que ele escolhesse entre ela e Holly.

— Eu sei disso — falou ele. — Mas quero que seja eu quem vai fazer isso por ela. E não existe chance de eu me divertir esta noite sabendo que minha filha está doente. Eu ficaria em um canto com o celular o tempo todo.

— Mas a Holly não é sua. Não é sua filha.

Mark olhou para Shelby como se

nunca a tivesse visto antes. O que estava implícito naquelas palavras? Que a preocupação dele com Holly não era válida porque ela não era sua filha biológica? Que ele não tinha o direito de se preocupar tanto assim com ela?

Em geral, é nos momentos simples que coisas significativas são reveladas. E, com aquele pequeno punhado de palavras, o relacionamento dele e Shelby passava por uma mudança profunda. Estaria sendo irracional? Estaria exagerando? Ele não dava a mínima. Sua maior preocupação era Holly.

Quando Shelby viu a expressão de Mark, levantou o olhar impaciente para

o céu.

— Eu não queria que saísse desse jeito.

O cérebro dele reorganizou metodicamente as palavras em uma verdade mais precisa. Ela quis dizer aquilo, apesar da maneira como havia falado.

— Tudo bem.

Mark fez uma pausa, sentindo as estruturas do relacionamento deles sendo demolidas naquela conversa; cada palavra, um golpe de machadinho.

— Mas ela é minha, Shelby. Minha responsabilidade.

— Do Sam também.

Ele fez que não com a cabeça.

— O Sam está ajudando. Mas eu sou o único tutor legal dela.

— Então, ela precisa de *dois* homens adultos em cima dela?

Mark respondeu com cuidado.

— Eu preciso estar lá.

Shelby fez que sim com a cabeça e soltou um suspiro lento.

— Certo. Está óbvio que não há motivo para debater isso agora. Quer que eu leve você para o aeroporto?

— Já chamei um táxi.

— Eu me ofereceria para ir com você, mas quero estar com o meu primo esta noite.

— Eu entendo.

Mark colocou uma mão nas costas dela, em um gesto de apaziguamento. A coluna dela estava rígida, como se tivesse sido esculpida em gelo.

— Vou cuidar do jantar. Vou deixar meu cartão de crédito com a *hostess*.

— Obrigada. O Bill e a Allison vão gostar disso.

Shelby parecia abatida.

— Ligue para mim mais tarde e me avise como a Holly está. Embora eu já

saiba que ela vai ficar bem.

— Certo.

Ele se inclinou para beijá-la e ela virou a cabeça, de forma que os lábios dele encontraram seu rosto.



O percurso de táxi até o aeroporto pareceu durar uma eternidade. O voo de volta para Friday Harbor foi tão lento que Mark chegou a pensar que chegaria mais depressa de caiaque. Quando pegou o carro e foi para o Vinhedo Rainshadow, já eram quase dez horas.

Um carro desconhecido estava parado na entrada; um Sebring branco.

Mark entrou na casa pelos fundos, indo direto para a cozinha. Sam estava lá, servindo uma taça de vinho para si. Parecia acabado. Estava despenteado e com a camiseta salpicada de água em alguns lugares. Uma coleção de frascos de remédios e copos vazios havia se acumulado no balcão, além de uma jarra plástica de bebida reidratante.

Sam olhou para ele com um movimento sutil de surpresa e fez que não com a cabeça.

— Eu sabia que não devia ter contado para você — falou ele, resignado. —

Meu Deus, a Shelby deve estar furiosa.

Apoiando a mala no chão, Mark tirou o casaco.

— Não me importo nem um pouco. Como a Holly está? De quem é o carro na entrada?

— É da Maggie. E a Holly está melhor. Ela não vomita há uma hora e meia.

— Por que você chamou a Maggie?
— perguntou Mark, pasmo.

— A Holly gosta dela. E, quando nos conhecemos no Halloween, ela me disse para avisar se um dia eu precisasse de ajuda com a Holly. Tentei o Alex

primeiro, mas ninguém atendeu, então liguei para a Maggie. Ela veio na mesma hora. Meu Deus, ela é ótima. Enquanto eu estava na loja, ela colocou a Holly em um banho morno, limpou as coisas e conseguiu que ela segurasse um pouco de remédio no estômago.

— Então a febre baixou?

— Por ora. Mas aumenta de repente. Vamos ter de continuar observando a Holly.

— Eu fico com o turno da noite — falou Mark. — Você descansa um pouco.

Sam lhe deu um sorriso cansado e tomou outro gole de vinho.

— Eu poderia ter cuidado disso. Mas estou feliz por você ter voltado.

— Eu tinha que voltar. Teria sido uma péssima companhia na festa, preocupado com a Holly.

— O que a Shelby disse?

— Ela não ficou feliz.

— Mas vai superar. Nada que um buquê de flores e palavras amorosas não resolvam.

Mark fez que não com a cabeça, irritado.

— Isso não vai dar certo com a Shelby.

Os olhos de Sam se arregalaram.

— Você vai terminar com ela por causa disso?

— Não, não é isso. É só que, nos últimos tempos, eu percebi... Deixa pra lá, eu conto mais tarde. Preciso ver a Holly.

— Se vocês dois se separarem — disse Sam enquanto Mark ia para a escada —, não deixe de dizer para a Shelby que eu estou disponível para o sexo por vingança.

O corredor que levava ao quarto de Holly cheirava a amônia e sabonete. A luz do abajur enviava um brilho suave ao piso rústico de madeira. Por um momento, Mark tentou imaginar qual

seria a impressão de alguém de fora sobre a casa: alguns dos aposentos inacabados, os pisos que precisavam ser lixados, o interior sem pintura. Era um trabalho em andamento. Naquele ponto, eles haviam usado seus esforços em restaurações estruturais, deixando a casa segura, mas não tinham realizado muito do trabalho estético nela ainda. Sem dúvida, Maggie ficou chocada.

Ao entrar no quarto de Holly, ele parou ao passar da porta. Maggie estava na cama ao lado da menina, que estava aconchegada no braço dobrado dela. Um novo bichinho de pelúcia ocupava o outro lado de Holly.

Com o rosto sem maquiagem e o

cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo, Maggie parecia uma adolescente. Havia sardas douradas espalhadas em seu nariz e nas maçãs do rosto. Estava lendo em voz alta para Holly, que, ainda com o olhar abatido, parecia tranquila.

Holly olhou na direção de Mark com uma confusão sonolenta.

— Você voltou.

Mark foi até a cama e se inclinou sobre ela, alisando seu cabelo. Suas mãos se demoraram na testa dela, sentindo a temperatura.

— É claro que eu voltei — murmurou ele. — Não vou a lugar nenhum se a

minha menina estiver doente.

— Eu vomitei — contou ela, solenemente.

— Eu sei, querida.

— E a Maggie trouxe um ursinho de pelúcia para mim e me deu um banho...

— Xiu... Você devia estar pegando no sono.

Ele olhou para Maggie e ficou preso no olhar escuro dela. Teve de se segurar para não estender a mão para tocar nela, roçar a ponta dos dedos pelas sardas salpicadas no seu nariz.

Maggie sorriu.

— Mais uma página para terminar o

capítulo? — disse ela, uma nota de pergunta na voz, e ele fez que sim com a cabeça.

Afastando-se, Mark se sentou na lateral da cama enquanto Maggie continuava a ler. Seu olhar recaiu sobre Holly, as pálpebras pesadas, a respiração lenta e regular. Ternura, alívio e ansiedade emaranharam-se em seu peito.

— Tio Mark — sussurrou a menina quando o capítulo terminou.

Uma mãozinha estendeu-se desajeitada até ele pela colcha.

— Sim?

— O Sam disse que eu posso tomar
— ela parou com um bocejo — um
picolé no café da manhã.

— Acho que não tem problema.

Mark levantou a mão dela e a beijou.

— Durma — murmurou ele. — Vou
tomar conta de você esta noite.

Holly afundou mais nos travesseiros e
caiu no sono. Devagar, Maggie se
libertou, manobrando para fora da cama.
Estava usando jeans e tênis, e uma malha
de algodão rosa que subiu até a sua
cintura, revelando uma faixa de pele
pálida na barriga. Ela corou e puxou a
barra da malha para baixo, mas não
antes de o olhar de Mark passar

depressa por um vislumbre íntimo de pele.

Saíram juntos do quarto, desligando o abajur, mas deixando uma luz noturna acesa.

— Obrigado — Mark a agradeceu em voz baixa, guiando-os pelo corredor mal iluminado até a escada. — Sinto muito pelo Sam ter ligado para você. Eu devia estar aqui.

— Não foi problema nenhum. Eu não tinha mais nada para fazer.

— Não é divertido cuidar do filho doente de outra pessoa.

— Estou acostumada com doenças.

Nada me aborrece. E a Holly é tão querida, eu faria qualquer coisa por ela.

Mark pegou a mão de Maggie e ouviu a respiração dela falhar.

— Cuidado, o chão está irregular aqui. Ainda não terminamos de nivelar.

Os dedos dela se dobraram, e os dele também, as mãos se apertando em uma esfera compacta e íntima. Ela o deixou guiá-la para a escada.

— A casa não é muito bonita — disse Mark.

— É ótima. Tem uma estrutura maravilhosa. Quando terminarem de restaurar, vai ser a mais charmosa da

ilha.

— Nunca vamos acabar — falou Mark com um suspiro, e ela riu.

— Eu vi dois aposentos com um acabamento lindo... O quarto da Holly e o banheiro dela. Isso quer dizer muita coisa.

Deslizando a mão para se soltar dele, Maggie segurou no corrimão.

— Deixe-me ir primeiro — disse Mark.

— Por quê?

— Se cair, eu consigo segurar você.

— Não vou cair — protestou ela, mas deixou que ele fosse na frente.

Enquanto desciam a escada, a voz dela recaiu sobre ele como delicadas pétalas em queda.

— Eu trouxe a sua garrafa térmica. Não por sua causa, estou bebendo café de novo. Embora nada tenha um gosto tão bom quanto aquele café que você levou para mim.

— Ingrediente secreto.

— O que é?

— Não posso falar.

— Por que não?

— Se você conseguisse fazer sozinha, não iria voltar para pegar mais.

Fez-se um breve silêncio enquanto ela tentava interpretar isso.

— Vou voltar amanhã cedo para ver a Holly quando for para a loja. Isso significa que eu ganho um refil?

— Para você, refil ilimitado.

Chegando ao fim da escada, Mark se virou e pegou Maggie assim que ela começou a tropeçar.

— Ó...

Ela conteve um grito e estendeu a mão para ele, seu corpo colidindo com delicadeza com o dele. Mark a equilibrou, apoiando as mãos em seus quadris. Alguns dos cachos dela

roçaram a lateral do rosto dele, o toque de seda fria excitando-o no mesmo instante. Ela estava parada no degrau, seu peso ainda equilibrado em uma inclinação para a frente, inteiramente dependente do controle de Mark. Ele estava com uma percepção aguçada da presença dela, a tensão quente e ofegante que ele ansiava por acalmar.

— O corrimão acaba antes do último degrau — disse ele.

Uma das inumeráveis excentricidades da casa às quais ele e Sam haviam se adequado, mas que sempre pegava os visitantes de surpresa.

— Por que você não me avisou? —

sussurrou ela.

Suas mãos estavam nos ombros dele. Com muita facilidade, ele poderia tê-la impulsionado para a frente e a beijado. Porém, ficou parado, segurando-a em algo que era quase um abraço. Estavam próximos o suficiente para ele poder sentir a respiração dela movimentando o ar entre os dois.

— Talvez eu quisesse pegar você — falou ele.

Maggie soltou um som nervoso de diversão, revelando quão completamente ele a surpreendera. Mark sentiu a pressão sutil e massageadora dos dedos dela, como um gato testando

uma superfície nova. Mas ela não deu indicação do que queria, não fez nenhum movimento na direção dele ou para afastar-se; apenas ficou parada em uma espera impotente.

Ele se mexeu para trás e a ajudou a sair do degrau, e seguiu primeiro na direção do brilho quente da cozinha.

Sam havia terminado seu vinho e estava se servindo de mais uma taça.

— Maggie — disse ele, com ternura, como se se conhecessem havia anos. — Meu copiloto.

Ela riu.

— Uma mulher pode ser copiloto?

— As mulheres são os *melhores* copilotos — garantiu Sam. — Aceita uma taça de vinho?

Ela fez que não com a cabeça.

— Obrigada, preciso voltar para casa. Preciso deixar o cachorro sair.

— Você tem cachorro? — perguntou Mark.

— Estou cuidando dele por um tempo, na verdade. Tenho uma amiga que administra um programa de resgate de animais na ilha e ela me convenceu a cuidar dele até ela encontrar uma casa permanente.

— Qual é a raça dele?

— Bulldogue. Ele tem tudo o que pode dar errado com um bulldogue: articulações ruins, queixo muito para a frente, alergias na pele, respiração com chiado... E, para fechar com chave de ouro, o Renfield não tem rabo. Era uma espiral invertida e teve de ser amputado.

— Renfield? Igual ao comedor de insetos e seguidor fiel do Drácula? — perguntou Mark.

— Sim, estou tentando transformar a feiura dele em uma virtude. Na verdade, acho que há algo um pouco nobre nela. Renfield não faz ideia do quanto é horroroso... Ele espera ser amado de qualquer forma. Mas algumas pessoas não conseguem nem mesmo fazer

carinho nele.

Os olhos dela brilharam, e um sorriso pesaroso passou pelo seu rosto.

— Estou ficando desesperada. Ele pode acabar ficando comigo para sempre.

Mark encarou-a, fascinado. Ela tinha um toque de gentileza incalculada que era tão sedutora quanto adorável. Tinha a aparência de uma mulher com o destino de ser feliz, que amava com generosidade, que cuidaria de um cachorro que mais ninguém queria.

Ele se lembrava de Maggie falar que, depois do que havia passado com a morte do marido, não tinha mais nada

para dar. Mas a verdade era que ela tinha muito para dar.

Sam havia avançado para colocar um braço em volta dos ombros dela.

— Você salvou uma vida hoje à noite — disse ele.

— A vida da Holly nunca esteve em perigo — comentou Maggie.

— Eu quis dizer a minha.

Sam sorriu para Mark.

— Você percebe, é claro, que um de nós vai ter que se casar com ela.

— Nenhum de vocês dois faz o meu tipo — brincou Maggie, e uma risada surpresa escapou dela quando Sam a

inclinou para trás, como se dançassem.

— Você preenche o vazio da minha alma — disse Sam, em tom ardente.

— Se você me deixar cair — avisou ela —, está perdido.

Ao ver os dois brincarem, Mark se encheu de ciúmes. Eles ficavam tão à vontade um com o outro, tão confortáveis... Amigos instantâneos. E o flerte falso e divertido de Sam parecia uma gozação com os sentimentos de Mark por Maggie.

— Ela precisa ir para casa — disse ele ao irmão, em tom seco.

Ouvindo a irritação na voz dele, Sam

lhe lançou um olhar bem entendido e seu sorriso aumentou. Ele colocou Maggie de pé, deu um abraço rápido nela e pegou de volta sua taça de vinho.

— Meu irmão vai acompanhar você até o carro — ele informou. — Eu me ofereceria, mas não quero perder meu impulso pela bebida.

— Posso sair sozinha — disse Maggie.

Mark a acompanhou de qualquer maneira.

Eles saíram para a noite de novembro, o céu escuro manchado de nuvens, o ar gelado e revigorante. O cascalho mordida as solas dos sapatos

deles enquanto andavam até o carro de Maggie.

— Tenho uma pergunta para fazer a você — falou Mark quando eles chegaram ao veículo.

— Sim? — disse ela, cautelosa.

— O que você acha de deixar o cachorro com a gente amanhã de manhã? Ele poderia passar o dia com a Holly. Talvez fazer algumas tarefas comigo. Nós vamos cuidar bem dele.

Estava escuro demais para ver a expressão de Maggie, mas a surpresa se mostrou na voz dela.

— É mesmo? Tenho certeza de que o

Renfield iria adorar. Mas você não vai querer ser visto com ele.

Eles ficaram parados ao lado do carro, olhando um para o outro no borrão de luz fantasmagórica que vinha das janelas da cozinha. A visão de Mark se adaptou às sombras.

— É sério, é constrangedor levar o Renfield para qualquer lugar — continuou Maggie. — As pessoas ficam olhando. Perguntam se ele brigou com um cortador de grama.

Ela achava que ele era intolerante? Tinha mente fechada? Que seus padrões eram tão altos que ele não aguentaria, nem por um dia, a companhia de uma

criatura que era menos do que
perfeitamente bonita? Que droga. Ela
tinha olhado bem a casa onde ele
morava?

— Traga o cachorro para cá — falou
Mark simplesmente.

— Certo.

Um pequeno sopro de diversão e,
depois, Maggie ficou séria.

— Você ia passar o fim de semana
com a Shelby.

— Sim.

— Por que ela não voltou com você?

— Ela quis ficar para a festa de
noivado do primo.

— Ah.

A voz dela perdeu a estrutura.

— Eu... espero que não tenha sido um problema.

— Eu não chamaria de problema.
Mas a coisa não está boa para nós
agora.

Um silêncio impenetrável se passou.
Depois:

— Mas vocês combinam tanto.

— Não acho que combinar tanto seja
sempre a melhor base para um
relacionamento.

— Não combinar é?

— Bem, assim você tem bastante sobre o que conversar.

Maggie deu risada.

— De qualquer forma, espero que vocês se acertem.

Virando-se para o carro, ela abriu a porta e jogou a bolsa para dentro. Olhou para ele de novo, seu cabelo iluminado por trás pelas luzes internas do painel.

— Obrigada por cuidar da Holly — falou Mark com a voz baixa. — Foi muito importante para mim. Espero que saiba que, se um dia você precisar de alguma coisa, eu vou ajudar. Qualquer coisa mesmo.

A expressão dela estava suave.

— Você é muito gentil.

— Eu não sou gentil.

— Sim, você é.

Impulsiva, ela deu um passo à frente para abraçá-lo, como fizera com Sam.

Os braços de Mark a envolveram. Pelo menos ele sabia a sensação de ter Maggie toda apertada contra o seu corpo, seios, pernas, a cabeça no seu peito, o peso equilibrado nas pontas dos pés. Ficaram juntos, colados, e começaram a se soltar ao mesmo tempo.

Houve, porém, um choque de imobilidade, não mais longo do que uma

batida do coração. E, depois, em um movimento que parecia tão natural e inevitável como a invasão de uma maré, eles se juntaram em outro abraço, ainda mais completo, garantindo mais pressão, mais calor. Cada parte dele esticou-se em busca de um contato mais profundo. Ele apertou o rosto no cabelo dela e encheu seus braços com ela.

A respiração dela era um carinho quente e leve como uma pena na pele dele, acordando impulsos dormentes, necessidades irresistíveis, inoportunas em sua ferocidade. Sem ver, ele procurou a fonte de calor, a junção suave dos lábios dela. Ele se deixou beijá-la, apenas uma vez.

Maggie estava tremendo, impulsinando-se contra ele como se procurasse um alívio para o frio. Furtivo, ele apertou seus lábios atrás da orelha dela, absorvendo o aroma e sua suavidade. A urgência o fez ser desastrado no começo, seus lábios abertos arrastando-se pela linha do pescoço dela, descendo até a gola da malha e subindo de novo. A pele fina da garganta dela ergueu-se contra a boca dele quando ela conteve um grito. Sem encontrar resistência, ele sentiu a boca de Maggie no beijo completo e profundo pelo qual tanto ansiava. Ele a vasculhou, saboreou, deixando a sensação flamejar e virar algo puro e sem controle.

A reação dela foi hesitante no começo, a boca indo para cima em um golpe questionador. Seu corpo era leve e maleável, tentando se moldar ao dele. Sentindo o equilíbrio dela falhar, Mark deslizou uma mão até seus quadris para aproximá-la. Sua boca encontrou a dela de novo. E ele a beijou profundamente, inteiramente.

No entanto, no momento seguinte, ela o estava empurrando. A palavra “não” surgiu fraca entre eles, tão suave que ele não teve certeza total de que Maggie a dissera.

Mark a soltou no mesmo instante, uma vibração aguda de protesto percorrendo o corpo dele no esforço que foi

necessário para deixá-la.

Maggie deu um passo para trás e se encostou no carro, seu espanto tão claro que ele podia ter achado divertido se não estivesse fortemente excitado. Ele respirou fundo, permitindo que seu corpo torturado se acalmasse. E se forçou a não tentar pegá-la de novo.

Maggie foi a primeira a falar.

— Eu não devia... Isso não foi...

A voz dela sumiu e ela fez que não com a cabeça, desesperada.

— Ai, meu Deus.

Mark esforçou-se para soar normal.

— Você vai voltar amanhã de manhã?

— Não sei. Sim. Talvez.

— Maggie...

— Não. Agora não. Não posso...

Havia uma tensão na voz dela, como se sua garganta tivesse se fechado contra a ameaça de lágrimas. Ela entrou no carro e deu a partida.

Enquanto Mark ficava na pista de cascalhos, Maggie manobrou o carro para a estrada principal e se afastou sem olhar para trás.



O despertador acordou Maggie com bipes indignados, começando em um ritmo lento e, depois, aumentando em frequência e volume até chegar a uma série de berros voltaicos que a forçaram a sair da cama. Aos tropeços, ela chegou ao relógio na cômoda e o desligou.

Havia colocado o aparelho de propósito bem longe da cama, pois sabia que, com o despertador no criado-mudo, era capaz de apertar o botão de soneca várias vezes mesmo estando quase adormecida.

Um som de raspado de garras na madeira e a porta do quarto foi aberta para revelar o rosto enorme e quadrado de Renfield com seu queixo bem pronunciado. “*Taran!*” sua expressão parecia dizer, como se a visão de um buldogue meio careca, de respiração chiada e com problemas de dentição fosse a melhor maneira de alguém começar o dia. As partes sem pelo eram resultado de um eczema, que

antibióticos e uma dieta especial haviam ajudado a minimizar. Mas o pelo não voltou a crescer. Uma estrutura corporal ruim dera a ele uma aparência esquisita ao andar ou correr, como se desse sempre uma guinada para a diagonal.

— Bom dia, esquisitão — falou Maggie, inclinando-se para fazer um carinho nele. — Que noite.

Sono interrompido, virando-se na cama, sonhos vívidos.

E ela então se lembrou por que não tinha conseguido descansar.

Deixou escapar um gemido e sua mão ficou parada na cabeça de Renfield.

A maneira como Mark a beijou... A maneira como ela reagiu...

E não havia escolha, teria de encará-lo naquele dia. Se não o fizesse, ele poderia tirar conclusões erradas. A única opção era ir ao Vinhedo Rainshadow e agir como se nada tivesse acontecido. Pareceria leve e despreocupada.

Caminhando com passos arrastados até o banheiro da sua casinha de um quarto, Maggie lavou o rosto e o secou. E segurou a toalha contra os olhos quando sentiu a pontada inesperada de lágrimas. Apenas por um momento ela se permitiu reviver o beijo. Fazia tanto tempo desde a última vez que tinha sido

abraçada com paixão, agarrada com força e certeza contra o corpo de um homem. E Mark tinha sido tão forte e tão quente que ela não se surpreendia de ter cedido à tentação. Qualquer mulher teria feito o mesmo.

Algumas das sensações haviam sido familiares, mas algumas foram inteiramente novas. Ela não conseguia se lembrar de ter sentido um desejo sexual tão puro e poderoso, o calor impressionante emanando pelo seu corpo todo, e aquilo parecia uma traição... E uma fonte de perigo. Era mais do que um pouco alarmante para uma mulher que já havia passado por furacões suficientes para uma vida

inteira. Nada de casos selvagens, loucos e de invadir o coração para ela... Nada mais de dor, nada mais de perda... Precisava de paz e silêncio.

Mas talvez nada disso tivesse de fato importância. Tinha muitos motivos para pensar que Mark retomaria o relacionamento com Shelby. Tinha sido um desvio momentâneo, um flerte breve para ele. Não havia chance de Mark querer lidar com a bagagem emocional que ela carregava; ela mesma não queria ter de organizá-la. A noite anterior não havia significado nada para ele.

Maggie precisava se convencer, de alguma forma, de que não havia significado nada para ela também.

Colocando a toalha de lado, Maggie olhou para Renfield, que estava ofegando e bufando ao lado dela.

— Sou uma mulher vivida — disse ela. — Posso lidar com isso. Nós vamos até lá e eu vou deixar você para passar o dia. E você vai tentar ser o menos estranho possível.

Depois de se vestir com uma saia de sarja, botas de salto baixo e um casaco casual justo, Maggie aplicou um leve toque de maquiagem. Blush rosa, rímel, hidratante labial colorido e corretivo, todos ajudavam a suavizar a devastação de uma noite sem dormir. Mas era muito...? Pareceria, para Mark, que ela estava tentando atraí-lo? Ela revirou os

olhos e fez que não com a cabeça pela ideia absurda.

Renfield, que adorava sair de casa, estava mais do que feliz quando Maggie o ergueu para colocá-lo dentro do carro. Ele se esticou para pôr a cabeça fora da janela, mas Maggie manteve a mão firme na coleira dele, temendo que seu acompanhante de cabeça pesada pudesse cair do veículo por acidente.

O dia estava claro e fresco, o céu de um azul pálido com uma fina espuma de nuvens. Sentindo seu nervosismo aumentar quanto mais perto ela chegava do vinhedo, Maggie tomou um fôlego profundo e revigorante, e outro, repetindo o processo até a sua

respiração chilar tanto quanto a de Renfield.

As figuras de Sam e seus funcionários estavam entre as videiras fazendo a colheita, podando o crescimento, dando forma ao vinhedo antes de o colocar para dormir no inverno. Seguindo até a casa, Maggie parou o carro e olhou para Renfield.

— Vamos ser casuais e confiantes — disse ela. — Não é nada de mais.

O buldogue empurrou a cabeça para ela com afeição, exigindo um cafuné. Maggie acariciou-o com delicadeza e suspirou.

— Aqui vamos nós.

Com Renfield na coleira, Maggie levou-o para a porta da frente, parando paciente enquanto ele subia com dificuldade cada degrau. Antes de poder bater na porta, ela foi aberta, e Mark apareceu usando jeans e uma camisa de flanela. Ele estava tão sexy, a camisa amassada, o cabelo escuro desarrumado, que ela sentiu uma pontada profunda no estômago.

— Entre.

A voz embolada do início de manhã era agradável para os ouvidos dela. Ela levou o cão para dentro da casa.

Um sorriso invadiu os olhos azuis-esverdeados de Mark.

— Renfield — disse ele, e se abaixou.

Maggie soltou a coleira do cachorro, que caminhou ansioso até Mark. Mark o acariciou com mais vigor do que Maggie costumava fazer, bagunçando as ondas do pescoço dele, esfregando e coçando. Renfield adorou. Na ausência de um rabo, ele balançou toda a parte de trás do corpo, criando algo que lembrava uma dança.

— Você — falou Mark para o cão, conversando — parece uma pintura do Picasso. Na fase cubista dele.

Arfando muito animado, Renfield lambeu o pulso de Mark e se largou

devagar de barriga no chão, suas pernas apontando para os quatro pontos cardeais da bússola.

Mesmo com seu nervosismo, Maggie teve de rir do colapso em câmera lenta do cão.

— Tem certeza de que não vai mudar de ideia? — perguntou ela.

Mark levantou o olhar para ela com o restante de um traço de divertimento.

— Tenho certeza.

Ele soltou a guia da coleira, ficou em pé para olhar Maggie e pegou com gentileza a alça das mãos dela. Quando os dedos deles a roçaram, ela sentiu sua

pulsação acelerar, e seus joelhos começaram a falsear. Pensou, por um rápido instante, como seria bom escorregar com o corpo mole até o chão como Renfield fez.

— Como a Holly está? — ela conseguiu perguntar.

— Ótima. Comendo gelatina e assistindo a desenhos. A febre teve mais um pico durante a noite e, depois, passou. Ainda está um pouco fraca.

Mark a observou com intensidade, como se quisesse absorver cada detalhe dela.

— Maggie... Eu não quis assustar você ontem à noite.

O coração dela começou a bater forte e rápido.

— Não fiquei assustada. Não sei por que aquilo aconteceu. Deve ter sido o vinho.

— Nós não tomamos vinho. O Sam tomou vinho.

O calor disparou para a superfície da pele dela.

— Bem, a questão é que nos deixamos levar. Provavelmente por causa da lua.

— Estava escuro.

— E era tarde. Por volta de meia-noite...

— Eram dez horas.

— ... e você estava agradecido por eu ter ajudado com a Holly e...

— Eu não estava agradecido. Não, eu estava agradecido, mas não foi por isso que beijei você.

A voz dela ficou tensa com o desespero.

— Basicamente, eu não sinto isso por você.

Mark lhe deu um olhar cético.

— Você retribuiu o meu beijo.

— Como gesto de amizade. Do jeito que os amigos se beijam.

Ela fez uma careta quando viu que ele não estava acreditando.

— Fiz isso por educação.

— Como uma questão de etiqueta?

— Sim.

Mark estendeu a mão e a puxou contra si, seus braços envolvendo o corpo rígido dela. Maggie estava pasma demais para se mexer ou emitir algum som. A cabeça dele baixou e a boca dele estava na dela com um beijo firme, lento e devastador que detonou um prazer tremendo pelos braços e pernas dela. Maggie se sentiu envolvida em uma onda de calor, abrindo-se para ele sem poder evitar.

Uma das mãos dele entrelaçou-se com delicadeza nos cabelos dela, brincando com os cachos. O mundo desapareceu, e tudo o que ela conhecia era prazer e necessidade e uma dor doce e subversiva que percorreu todo o seu corpo. Quando as bocas se separaram, ela estava tremendo da cabeça aos pés.

Mark olhou direto para os olhos entorpecidos dela, as sobrancelhas se levantando um pouco, como se perguntassem “*provei meu argumento?*”.

O queixo dela se abaixou em um pequenino aceno.

Cuidadoso, Mark apoiou a cabeça de

Maggie no seu ombro e esperou que recuperasse sua força.

— Preciso cuidar de algumas coisas — ela o ouviu dizer por cima da sua cabeça —, e isso inclui resolver a minha situação com a Shelby.

Afastando-se, Maggie olhou para ele nervosa.

— Por favor, não termine com ela por minha causa.

— Não tem nada a ver com você.

Mark roçou seus lábios na ponta do nariz dela.

— É porque a Shelby merece muitíssimo mais do que ser a mulher que

alguém escolhe por estar acomodado. Pensei em certa época que ela seria boa para a Holly e isso seria suficiente. Mas, nos últimos tempos, percebi que não será bom para a Holly se não for bom para mim.

— Você é muita coisa para eu lidar agora — disse ela, sem floreios. — Não estou pronta.

Os dedos dele brincaram com os cabelos dela, penteando devagar por entre os cachos.

— Quando você acha que vai estar pronta?

— Não sei. Preciso de uma pessoa de transição antes.

— Eu vou ser o seu cara de transição.

Mesmo naquele momento, na angústia dela, ele quase conseguiu fazê-la sorrir.

— Então quem vai ser o cara depois disso?

— Eu vou ser esse cara também.

Uma risada desesperada escapou dela.

— Mark. Eu não...

— Espere — disse ele, gentil. — É muito cedo para nós termos essa conversa. Por ora, você não precisa se preocupar com nada. Entre comigo e vamos ver a Holly.

Renfield ergueu-se com dificuldade e

andou com passinhos leves atrás deles.

Holly estava na sala perto da cozinha, aconchegada no sofá como em um casulo de colcha e travesseiros. Já não tinha a aparência brilhante e atormentada pela febre do dia anterior, mas ainda estava abatida e frágil. Ao ver Maggie, ela sorriu e estendeu os braços. Maggie se aproximou da menina, puxando-a para perto de si.

— Adivinha quem eu trouxe — falou ela, com o rosto encostado no cabelo emaranhado de Holly.

— Renfield! — exclamou a menina.

Ao reconhecer seu nome, o buldogue se aproximou do sofá com seus olhos

saltados e sua careta permanente. Holly o observou, incerta, gritando e recuando quando ele colocou as patas da frente na borda do sofá e ficou em pé nas pernas de trás.

— Ele é esquisito — sussurrou ela para Maggie.

— Sim, mas ele não sabe. Ele acha que é lindo.

Holly riu e se inclinou para a frente para acariciá-lo, hesitante.

Com um suspiro, Renfield apoiou a cabeça enorme contra ela e fechou os olhos de alegria.

— Ele *ama* atenção — disse Maggie

para Holly, que começou a cantarolar baixinho e falar com voz de nenê com o buldogue.

Maggie sorriu e beijou a cabeça de Holly.

— Preciso ir agora. Obrigada por cuidar dele hoje, Holly. Quando eu voltar para buscar o Renfield mais tarde, vou trazer uma surpresa da loja para você.

Mark observou da entrada, seu olhar carinhoso e pensativo.

— Quer tomar café da manhã? — perguntou ele. — Temos ovos e torrada.

— Obrigada, já comi cereal.

— Coma um pouco de gelatina — exclamou Holly. — O tio Mark fez de três cores. Ele me deu um pouco e disse que era uma tigela de arco-íris.

— É mesmo?

Maggie direcionou um olhar impressionado para Mark.

— É bom ouvir que o seu tio usa a imaginação.

— Você não faz ideia — falou Mark.

Ele a acompanhou até a porta da frente e deu a ela uma garrafa térmica cheia de café. Maggie estava preocupada com a sensação familiar aconchegante que a tinha invadido. O

cão, a criança, o homem com camisa de flanela, até a casa, um imóvel vitoriano detonado... Tudo parecia perfeito.

— Não parece uma troca justa — disse ela. — Café especial por um dia com o Renfield.

— Se significa que vou ver você duas vezes no mesmo dia — respondeu Mark —, aceito esse acordo prontamente.



Nas duas semanas seguintes, Maggie se viu se encontrando cada vez mais com Mark. Para seu alívio, parecia que ele havia aceitado que ela só estava interessada em amizade. Assim, Mark passava com frequência na loja com garrafas térmicas de café e também

levava delícias da padaria local: croissants crocantes e quentinhos, enroladinhos de damasco, palitos de massa açucarados em sacos de papel brancos. De vez em quando ele a persuadia a almoçarem juntos, uma vez no Market Chef e outra em um bar de vinho, onde se demoraram até Maggie perceber que quase duas horas haviam se passado.

Ela nunca conseguia recusar os convites dele porque não podia apontar um momento em que Mark tinha dado em cima dela. Na verdade, ele fazia o possível para acalmar suas preocupações. Não havia beijos nem comentários sugestivos, nada que

indicasse que estava interessado em alguma coisa além de amizade.

Mark fora a Seattle para terminar a relação com Shelby, que aparentemente aceitara tão bem quanto se poderia esperar. Quando contou isso a Maggie depois, não entrou em detalhes, mas seu alívio era evidente.

— Nada de lágrimas, de gritos nem de drama — falou ele.

Depois de uma pausa, ele acrescentou:

— Nem da Shelby.

— Vocês ainda estão na fase da recaída — disse Maggie. — Ainda há

uma chance de você voltar a ficar com ela.

— Não tem fase de recaída.

— Nunca se sabe. Você já apagou o número dela do seu telefone?

— Sim.

— Você já devolveu todas as coisas que ela deixou na sua casa?

— Ela nunca deixou nada. Sam e eu temos uma regra: nada de visitas dormindo em casa enquanto a Holly está lá.

— Então, quando a Shelby visitava você na ilha, onde você e ela...

— Ficávamos em uma pousada.

— Bem, acho que acabou mesmo. Tem certeza de que não está na fase da negação? É normal se sentir triste quando se perde alguma coisa.

— Nada foi perdido. Nunca pensei em um relacionamento que deu errado como perda de tempo. A gente sempre aprende algo.

— O que você aprendeu com a Shelby? — perguntou Maggie, fascinada.

Mark pensou com cuidado na pergunta.

— Por um tempo, pensei que fosse bom nós não discutirmos nunca. Agora,

percebo que significava que não estávamos conectados de verdade.



Holly logo pediu mais um dia com Renfield, e Maggie o levou para o Vinhedo Rainshadow de novo.

Conforme se aproximavam da casa, Maggie viu que uma pequena rampa removível havia sido colocada sobre parte dos degraus da frente. O cão de cabeça pesada subiu a rampa com passo leves, achando-a muito mais fácil do que passar pelos degraus altos e estreitos.

— Isso é pelo Renfield? — perguntou Maggie ao ver Mark abrir a porta.

— A rampa? Sim. Funcionou?

— Perfeitamente.

Ela sorriu, agradecida por Mark ter reparado na dificuldade do cachorro com os degraus e ter criado um jeito de facilitar a entrada e a saída dele da casa.

— Ainda está tentando encontrar um lar para ele? — perguntou Mark, segurando a porta enquanto entravam na casa.

Ele se inclinou para acariciar e coçar Renfield, que levantou o olhar com o sorriso de uma gárgula medieval, a língua pendurada.

— Sim, mas não estamos tendo muita

sorte — respondeu Maggie. — Ele tem muitos problemas. É provável que precise de uma prótese de quadril em algum momento, e tem o queixo proeminente e o eczema. Uma coisa é ser difícil de cuidar e fofo, mas difícil de cuidar e com a aparência dele... Ninguém quer.

— Na verdade, se não tiver problema para você — falou Mark devagar —, nós gostaríamos de ficar com ele.

Maggie estava pasma.

— Você quer dizer para sempre?

— Sim. Por que você parece tão surpresa?

— Ele não é o seu tipo de cachorro.

— Qual é o meu tipo de cachorro?

— Bem, um normal. Um labrador ou um springer. Um que conseguisse acompanhar o ritmo quando você fosse correr.

— Eu dou rodas para o Renfield. O Sam e a Holly passaram a tarde o ensinando a andar de skate.

— Ele não pode ir pescar com você... Buldogues não sabem nadar.

— Ele pode usar um colete salva-vidas.

Mark lançou um sorriso zombeteiro para ela.

— Por que você fica incomodada com o fato de eu querer ficar com ele?

Renfield olhou de Mark para Maggie e de volta para Mark.

— Não fico incomodada... Só não entendo por que você quer ficar com ele.

— Ele é uma boa companhia. É tranquilo. O Sam disse que ele vai ser ótimo para manter os insetos fora do vinhedo. E, acima de tudo, a Holly ama o Renfield.

— Ele precisa de muitos cuidados. Tem problemas de pele. Precisa de uma dieta especial e de produtos de limpeza especiais, e você vai ter muitas contas do veterinário. Não tenho certeza se

você entende tudo o que tem à sua frente.

— O que quer que seja, eu resolvo.

Maggie não entendia a si mesma, a enorme emoção que tomou conta dela e percorreu seu corpo. Ela se abaixou e começou a acariciar o cachorro, mantendo o rosto virado.

— Renfield, parece que você tem um lar agora — disse ela, a voz rouca.

Mark ajoelhou-se ao lado de Maggie, fechou a mão em volta do queixo dela e fez com que o encarasse. Seus olhos azuis-esverdeados estavam quentes e exploradores.

— Ei — disse ele com suavidade. —

O que foi? Está tendo dúvidas sobre doar o cachorro?

— *Não*. Você me surpreendeu, só isso.

— Você acha que eu não conseguiria assumir um compromisso mesmo quando há problemas óbvios adiante?

Ele deslizou o polegar pelo rosto dela.

— Estou aprendendo a aceitar a vida como ela vem. Ter um cachorro como o Renfield vai ser inconveniente, bagunçado e caro. Mas, muito provavelmente, vale a pena. Você estava certa... Há algo de nobre nele. Feio do lado de fora, mas não podemos negar

que ele é cheio de autoestima. É um bom cachorro.

Maggie queria sorrir, mas seu queixo tremeu e a onda de emoção quase a estava esmagando de novo.

— Você é um bom homem — ela conseguiu dizer. — Espero que, um dia, encontre alguém que lhe dê valor.

— Eu também espero.

As palavras ganharam o toque de um sorriso.

— Podemos levantar do chão agora?



Quando Mark perguntou quais eram os

planos de Maggie para o Dia de Ação de Graças, ela contou que jantava com os pais em Bellingham todos os anos. Com exceção do peru, que a mãe fazia, o restante da refeição era uma grande miscelânea, com todo mundo contribuindo com seus melhores pratos e tortas.

— Se você quiser ficar na ilha este ano — falou Mark —, pode passar o Dia de Ação de Graças com a gente.

Maggie experimentou aquela sensação de quando se via estendendo a mão para pegar algo que já havia decidido não permitir a si mesma: o último biscoito do prato, a taça de vinho que ultrapassaria o limite. Passar o feriado

com Mark e Holly era envolvimento demais, proximidade demais.

— Obrigada, mas é melhor manter a tradição — ela se forçou a dar um sorriso rápido. — A minha família está contando comigo para levar macarrão com queijo.

— O macarrão com queijo? — A voz de Mark parecia desconsolada. — A receita da sua avó com os quatro tipos de queijo e os pedaços de pão?

— Você se lembra de tudo isso?

— Como eu poderia esquecer?

Ele lançou um olhar rápido e cheio de vontades.

— Vai trazer de volta um pouco do que sobrar?

Maggie começou a rir.

— Você não tem vergonha. Vou fazer uma marmitinha para você. Quer que eu faça uma torta também?

— Você faria?

— De qual tipo? Abóbora... Maçã... Noz-pecã?

— Surpreenda-me — disse ele, e roubou um beijo dela, tão depressa que ela não teve tempo de reagir.



Na véspera do Dia de Ação de Graças,

Maggie pegou Holly na casa do Vinhedo Rainshadow e a levou para a sua casinha.

— Estou convidado também? —
perguntou Sam antes de elas saírem.

— Não, é só para as meninas —
respondeu Holly, rindo.

— E se eu usar peruca? E se eu falar
com uma voz bem aguda?

— Tio Sam — disse a menina, alegre
—, você é a pior menina do mundo!

— E você é a melhor — declarou
Sam, dando nela um beijo ruidoso. —
Certo, você pode ir sem mim. Mas é
melhor me trazer uma grande torta.

Em sua casa, Maggie colocou música, acendeu a lareira e amarrou um dos seus aventais em volta do corpo da menina. Ensinou Holly a usar um ralador de queijo antigo em formato de sino, o tipo que tem quatro lados. Embora Maggie fosse usar um processador de alimentos para a maior parte do queijo, queria que Holly tivesse a experiência de ralar um pouco a mão. Era emocionante ver a diversão da criança nas tarefas culinárias de medir, mexer, degustar.

— Aqui estão os diferentes queijos que vamos usar — falou Maggie. — Cheddar irlandês, parmesão, gouda defumado e gruyère. Depois de ralarmos tudo, vamos derreter com manteiga e

leite quente...

O ar estava cheio de aromas bons, calor e doçura, e uma baforada de farinha. Ter uma criança na cozinha lembrava Maggie de como era um milagre alguns ingredientes básicos poderem ser combinados e aquecidos para virar algo maravilhoso. Elas fizeram macarrão suficiente para alimentar um exército e o cobriram de pedaços de pão que haviam sido levemente dourados em uma frigideira com manteiga. Fizeram duas tortas — uma com recheio de abóbora brilhante como cetim e uma com grandes nozes-pecãs — e Maggie mostrou a Holly como se faz para ondular a massa da

torta. Cortaram os restos de massa em figuras, salpicaram com açúcar e canela e os assaram em fôrmas de biscoitos.

— Minha mãe chama esses de biscoitos de restos — disse Maggie.

Holly olhou através do vidro do forno para as figuras que assavam.

— A sua mãe ainda está viva? — perguntou ela.

— Sim.

Maggie colocou de lado um rolo de massa coberto de farinha e foi até Holly. Ajoelhando-se atrás dela, colocou os braços em volta da menina e, juntas, olharam para dentro do forno.

— Que tipo de torta sua mãe fazia? —
ela quis saber.

— Acho que ela não fazia tortas —
respondeu Holly, pensativa —, mas
fazia biscoitos.

— Com gotas de chocolate?

— A-hã. E de canela e açúcar...

Era algo que ajudava, Maggie sabia,
poder falar daqueles que haviam
partido. Era bom lembrar. E elas
continuaram a conversar enquanto
cozinham, não uma conversa muito
longa, mas em bocadinhos, aqui e ali, o
tempero das memórias misturando-se à
fragrância de massa de torta quente.

Quando Maggie deixou Holly em casa à noite, a menina colocou os braços em volta da cintura dela e a segurou em um abraço longo e apertado.

A voz de Holly estava abafada contra o corpo de Maggie.

— Você tem *certeza* de que não vai passar o Dia de Ação de Graças com a gente amanhã?

O olhar atormentado de Maggie virou-se para Mark, que estava parado perto delas.

— Ela não pode, Holls — falou ele com delicadeza. — A família da Maggie precisa que ela esteja lá amanhã.

Porém, ela podia, e a família não precisava dela.

Culpa e preocupação começaram a enxotar os sentimentos bons que haviam florescido durante a tarde. Enquanto tirava os olhos de Holly para encontrar o olhar um pouco compreensivo de Mark, Maggie entendeu o quanto seria fácil se apaixonar pelos dois. E o quanto ela teria para perder então, mais do que conseguiria suportar. Entretanto, se pudesse de alguma forma evitar um envolvimento sério, não teria de arriscar ter seu coração partido sem qualquer esperança de conserto.

Ela deu um tapinha nas costas de Holly e, com gentileza, soltou-se do

aperto entusiasmado da menina.

— Preciso mesmo ir a Bellingham amanhã — falou ela, depressa. —
Tchau, Holly. Foi um dia divertido.

Ela se inclinou e beijou a bochecha macia, com leve sabor de açúcar com canela.



Na manhã do Dia de Ação de Graças, Maggie fez uma escova rápida nos cabelos, vestiu uma calça jeans de corte reto, botas de cano baixo e uma malha de cor forte como um tempero e levou um grande refratário coberto com papel alumínio para o carro.

Assim que começou a sair de ré, o celular tocou. Parando o carro, ela colocou a mão dentro da bolsa procurando até encontrar o aparelho entre a bagunça de recibos, tubos de brilho labial e troco.

— Alô?

— Maggie?

— Holly — falou ela, com uma preocupação imediata. — Como você está?

— Ótima — veio a resposta alegre da menininha. — Feliz Dia de Ação de Graças!

Maggie sorriu, relaxando um pouco.

— Feliz Dia de Ação de Graças. O que você está fazendo?

— Deixei o Renfield sair para fazer as necessidades, depois ele voltou para dentro e eu coloquei comida no potinho dele e dei um pouco de água para ele.

— Estou vendo que está cuidando bem dele.

— Mas depois o tio Mark fez a gente sair da cozinha enquanto ele espantava a fumaça.

— Fumaça?

O sorriso de Maggie desapareceu.

— Por que tinha fumaça?

— O Tio Sam estava cozinhando. E,

daí, eles chamaram o tio Alex e ele está tirando a porta do forno.

Maggie franziu as sobrancelhas. Por que raios Alex estaria removendo a porta do forno?

— Holly... Cadê o tio Mark?

— Ele está procurando os óculos de proteção dele.

— Por que ele precisa de óculos de proteção?

— Porque ele vai ajudar o tio Sam a cozinhar o peru.

— Entendi.

Maggie olhou para o relógio. Se ela fosse rápida, teria tempo suficiente para

passar no Vinhedo Rainshadow e ainda pegar a balsa do fim da manhã para Anacortes.

— Holly, acho que vou passar na sua casa antes de ir para o terminal de balsas.

— Que bom! — foi a resposta entusiasmada. — Só... Talvez você não deva dizer que eu liguei. Porque eu posso ficar encrocada por isso.

— Não vou falar nada — garantiu Maggie.

Antes de Holly poder responder, uma voz masculina no fundo perguntou:

— Holly, com quem você está

falando?

Maggie falou:

— Diga para ele que é uma pesquisa de opinião.

— Uma moça está fazendo uma pesquisa de opinião — ela ouviu Holly dizer.

Uma breve consulta abafada e, depois, Holly disse com um tom importante:

— Meu tio disse que a gente não tem nenhuma opinião.

Uma pausa, mais algumas palavras abafadas.

— *E* — acrescentou Holly, severa —

estamos em uma lista para não receber ligações.

Maggie sorriu.

— Bem, estou indo então.

— Certo. Tchau!

Estava frio e com alguns golpes de vento, o clima perfeito para o Dia de Ação de Graças, porque trazia à mente imagens de lareiras aconchegantes, um peru no forno e o desfile da Macy's na TV.

Havia uma BMW na entrada, imaculada e elegante. O veículo sem dúvida pertencia a Alex, o irmão Nolan que ela não conhecia. Sentindo-se um

pouco como uma intrusa, mas levada pela preocupação, Maggie estacionou e subiu os degraus da frente.

Holly a encontrou na porta, vestindo uma calça canelada e uma camiseta de manga comprida com um desenho de peru.

— Maggie! — gritou a menina, pulando, e elas se abraçaram.

Renfield foi até elas, arfando e chiando feliz.

— Cadê os seus tios? — perguntou Maggie.

— O tio Alex está na cozinha. O Renfield e eu estamos ajudando. Não sei

onde os outros estão.

Um odor característico de comida queimada estragava o ar, ficando mais forte conforme elas iam para a cozinha. Um homem de cabelos escuros estava a meio caminho de desmontar a parte da frente do forno, uma furadeira na mão e uma pesada caixa de ferramentas ao seu lado.

Alex Nolan era uma versão mais suave e polida dos seus irmãos mais velhos. Seus traços eram bonitos, mas vagos, os olhos do azul cristalino de uma geleira. Como Sam, seu corpo era magro e elegante, não tão largo quanto o de Mark. E sua camisa polo e calça cáqui, embora casuais, tinham a

aparência de roupas caras.

— Olá — disse ele. — Quem é ela, Holly?

— Essa é a Maggie.

— Por favor, não se levante — falou Maggie depressa, enquanto ele colocava a furadeira de lado e fazia menção de ficar em pé. — É óbvio que você está no meio de... alguma coisa. Posso perguntar o que aconteceu?

— O Sam colocou comida no forno e, por acidente, apertou o botão do ciclo de autolimpeza em vez do botão de assar. O forno incinerou a comida e travou automaticamente, assim eles não conseguiam abrir a porta e tirar o que

tinha dentro.

— Em geral, um forno destrava quando a temperatura baixa para 260 ou 300 graus.

Alex fez que não com a cabeça.

— Ele esfriou e a porta ainda não abria. É um forno novo, e essa foi a primeira vez que o ciclo de autolimpeza foi usado. Parece que o mecanismo de trava estragou de alguma maneira, então eu tenho que desmontar.

Antes de Maggie poder fazer outra pergunta, ela se assustou com um brilho de luz e, depois, um golpe de chamas explosivas para além da porta dos fundos acompanhada de uma nuvem de

fumaça. Por instinto, Maggie virou-se para proteger Holly e baixou a cabeça, arfando.

— Meu Deus. O que foi isso?

Alex estava encarando a porta dos fundos, o rosto sem expressão.

— Eu imagino que isso tenha sido o peru.



A porta dos fundos abriu com força e uma figura grande entrou em uma nuvem de fumaça. Era Mark, usando óculos de proteção, os braços cobertos com enormes luvas que se estendiam até os cotovelos. Ele andou a passos largos até a pia, colocou a mão dentro do gabinete

e pegou um extintor de incêndio.

— O que aconteceu? — perguntou Alex.

— O peru explodiu quando nós o baixamos para a fritadeira.

— Vocês não descongelaram antes?

— Deixamos o peru descongelando na geladeira por *dois dias* — respondeu Mark, com ênfase nas últimas palavras.

Ao reparar em Maggie, ele parou de repente.

— O que está fazendo aqui?

— Isso não importa. O Sam está bem?

— Por ora. Mas não vai ficar quando

eu puser as mãos nele.

Outra chama ofuscante veio do lado de fora, acompanhada de uma voz masculina fluente em palavras.

— Vá apagar o fogo desse bicho idiota — sugeriu Alex.

Mark virou para ele um olhar sombrio.

— Está falando do Sam ou do peru?

Ele desapareceu na mesma hora, fechando a porta atrás de si.

Maggie foi a primeira a falar:

— Qualquer método de cozinhar que envolva se vestir como uma equipe que trabalha com materiais perigosos...

— Eu sei.

Alex esfregou os olhos. Parecia um homem que não dormia bem havia muito tempo.

Olhando para o relógio na parede, Maggie percebeu que, se saísse naquela hora, mal teria tempo de chegar até a balsa.

Pensou no Dia de Ação de Graças na casa dos pais, no exame de crianças, na cozinha lotada, nos irmãos e cunhados todos ocupados, descascando e picando e misturando coisas. E, depois, na refeição longa e sociável... E naquela sensação muito familiar de estar sozinha no meio de uma multidão. Maggie não

era necessária lá. Aqui, no entanto, estava claro que podia ajudar. Olhou para baixo, na direção de Holly, que estava se inclinando contra ela, e deu um tapinha nas pequenas costas, tranquilizando-a.

— Alex — disse ela. — O forno vai poder ser usado em algum momento hoje?

— Me dê meia hora — respondeu ele.

Maggie foi até a geladeira, abriu a porta e viu que estava bem abastecida com ovos, leite, manteiga e legumes frescos. A despensa estava bem cheia também. Com exceção do peru, eles pareciam ter tudo o que era necessário

para um jantar de Ação de Graças. Só não sabiam o que fazer com aquilo.

— Holly, querida — falou ela —, vá pegar seu casaco. Você vem comigo.

— Aonde a gente vai?

— Nós vamos resolver algumas coisas. — Enquanto a menina saía correndo para pegar um casaco, Maggie disse a Alex: — Trago a Holly de volta logo mais.

— Talvez eu não esteja aqui — ele avisou. — Assim que consertar isto, vou voltar para casa.

— Para passar o Dia de Ação de Graças com a sua esposa?

— Não, a minha esposa está em San Diego com a família. Estamos nos divorciando. Meu plano é passar o dia bebendo até eu me sentir perto de estar tão feliz quanto no meu tempo de solteiro.

— Sinto muito — disse Maggie, sincera.

Alex encolheu os ombros, a voz fria:

— Casamento é um tiro no escuro. Eu sabia no começo que tinha 50% de chance de dar certo.

Maggie o encarou, pensativa.

— Acho que você não devia se casar a menos que ache que há 100% de

chance.

— Isso não é realista.

— Não — Maggie admitiu com um sorriso fraco. — Mas é um bom jeito de começar.

Ela se virou para Holly, que voltava com o casaco.

— Antes de sair, você poderia fazer alguma coisa com esse cachorro? — perguntou Alex com um olhar cruel para Renfield, que estava sentado e plácido ali perto.

— Ele está incomodando você?

— Ficar com ele me olhando com esses olhos malucos me faz querer tomar

uma vacina.

— É assim que o Renfield sempre olha para as pessoas, tio Alex — falou Holly. — Quer dizer que ele gosta de você.

Pegando Holly pela mão, Maggie saiu da casa e apertou um número de discagem rápida no seu celular a caminho do carro. A ligação foi atendida imediatamente.

— Feliz Dia de Ação de Graças — ela ouviu o pai dizer.

Maggie sorriu ao ouvir os barulhos familiares ao fundo, com cães latindo, pratos e panelas batendo e Perry Como cantando baixinho “Home for the

Holidays”.

— Ei, pai. Feliz Dia de Ação de Graças para você também.

— Está vindo para Bellingham agora?

— Bem, na verdade, não. Estava pensando... Vocês acham que poderiam ficar sem o macarrão com queijo este ano?

— Isso depende. Por que vou ter que ficar sem ele?

— Estou pensando em passar o Dia de Ação de Graças aqui com alguns amigos.

— Algum deles por um acaso é o Senhor Passeio de Balsa?

Maggie sorriu, pesarosa.

— Por que eu sempre conto coisas demais para você?

O pai dela riu.

— Tenha um bom dia e me ligue depois. E, quanto ao meu macarrão com queijo, basta colocar no congelador e trazer na sua próxima visita.

— Não posso, tenho que servir hoje. Meu amigo... O nome dele é Mark... Incinerou os pratos e explodiu o peru.

— Foi assim que ele conseguiu que você ficasse? Homem esperto.

— Não acho que ele tenha feito de propósito — falou Maggie, rindo. — Eu

te amo, pai. Dê um beijo na mamãe por mim. E obrigada por ser tão compreensivo.

— Você parece feliz, querida — comentou ele. — Isso é uma graça maior para mim do que qualquer coisa.

Eu estou feliz, Maggie percebeu ao desligar o celular. Sentia-se... animada. Ela acomodou Holly no banco de trás do carro e se inclinou para passar o cinto de segurança por cima do peito e do colo da menina. Enquanto ajustava o cinto, sua mente repassou a visão de fogo e fumaça através da janela da porta dos fundos e ela não pôde deixar de rir.

— Você está rindo porque o meu tio

explodiu o peru? — perguntou Holly.

Maggie fez que sim com a cabeça, tentando, sem conseguir, conter outra risada.

Holly começou a rir. Seu olhar se encontrou com o de Maggie e ela disse, inocente:

— Eu não sabia que perus voavam.

Isso fez as duas caírem na gargalhada, e elas se seguraram uma na outra, rindo até Maggie ter de enxugar os cantos dos olhos.



Quando Maggie e Holly voltaram para

casa, Mark e Sam haviam limpado o desastre no quintal e estavam na cozinha descascando batatas. Ao ver Maggie, Mark foi no mesmo instante pegar o pacote pesado nos braços dela: uma grande travessa de alumínio cheia de peru fatiado, suficiente para alimentar uma dúzia de pessoas. Holly veio atrás com um grande recipiente com molho. Os aromas de peru assado com sálvia, alho e manjerição sopraram, sedutores, pelas aberturas do alumínio.

— De onde veio isso? — perguntou Mark, apoiando a travessa em um dos balcões.

Maggie abriu um sorriso largo para ele.

— É bom ter contatos. O genro da Elizabeth tem um restaurante na Roche Harbor Road e eles estão servindo jantar de Ação de Graças o dia todo. Assim, eu liguei e encomendei um pouco de peru para viagem.

Fixando uma mão no balcão, Mark baixou os olhos na direção dela. Recém-saído do banho e com a barba bem feita, ele tinha uma beleza dura, mas certa, que tumultuou os sentidos dela.

A suave aspereza da voz dele fez tudo dentro dela parecer derreter.

— Por que você não está na balsa?

— Mudei de ideia.

A boca dele baixou para a de Maggie, oferecendo uma pressão leve e poderosa que deixou rosado o rosto dela e tirou toda a energia dos seus joelhos.

Piscando, Maggie percebeu que Mark a estava beijando na frente da família. Ela franziu as sobrancelhas para ele e olhou ao redor para ver se os outros estavam observando, mas Sam parecia absorto em descascar batatas e Alex assumiu a responsabilidade de começar a afofar um mix de verduras em uma grande saladeira. Holly estava no chão com Renfield, deixando-o lambe a tampa do molho.

— Holly — falou Maggie —, jogue a tampa fora depois que o Renfield

terminar. Não coloque de volta no molho.

— Certo. Mas meu amigo Christian disse que a boca dos cachorros é mais limpa do que a das pessoas.

— Pergunte ao seu tio Mark — começou Sam — se ele prefere beijar a Maggie ou o Renfield.

— Sam — disse Mark, em tom de alerta. Mas seu irmão mais novo deu um grande sorriso.

Com uma risadinha silenciosa, Holly tirou a tampa de Renfield e a largou cheia de cerimônia dentro da lata de lixo.

Sob a direção de Maggie, o grupo conseguiu montar um jantar de Ação de Graças respeitável, incluindo o prato substituto de macarrão com queijo, um cozido de batata-doce, vagens, salada, peru e um molho de salada simples feito com migalhas de pão francês, nozes e sálvia.

Sam abriu uma garrafa de vinho tinto e serviu taças para todos os adultos. Cerimoniosamente, ele deu a Holly uma taça de vinho cheia de suco de uva.

— Vou fazer o primeiro brinde — falou ele. — Para a Maggie, por ter salvado do Dia de Ação de Graças.

Eles todos bateram as taças.

Maggie acabou olhando para Holly, que sacudia e cheirava seu suco de uva imitando fielmente o tio Sam, que estava provando seu vinho. Ela viu que Mark também havia notado e procurava conter um sorriso. A visão até levou um sorriso para o semblante mal-humorado de Alex.

— Não podemos simplesmente brindar a mim — protestou Maggie. — Precisamos de um brinde para todo mundo.

Mark ergueu a taça.

— Ao triunfo da esperança sobre a experiência — disse ele, e todos bateram as taças de novo.

Maggie sorriu para ele. Um brinde perfeito, ela pensou, no que acabou sendo um dia perfeito.

Depois do jantar e da sobremesa com torta e café com leite para Holly, eles tiraram os pratos, limparam a cozinha e colocaram as sobras em potes. Sam ligou a televisão, achou um jogo de futebol americano e se esticou em uma poltrona reclinável. Satisfeita, Holly aconchegou-se em um canto do sofá e logo caiu no sono. Maggie a cobriu com uma coberta e se sentou ao lado de Mark na outra ponta do sofá. Renfield foi para a sua caminha e se largou com um resmungo de contentamento.

Embora Maggie não se importasse

muito com futebol, ela gostava do ritual de assistir a um jogo no Dia de Ação de Graças. Isso a lembrava de todos os Dias de Ação de Graças que havia passado com o pai e os irmãos, todos vaiando, gritando e protestando com as decisões do juiz.

Alex foi até a porta.

— Eu vou indo — falou ele.

— Fique e veja o jogo — disse Sam.

— Vamos precisar de ajuda para comer as sobras — acrescentou Mark.

Alex fez que não com a cabeça.

— Obrigado, já passei tempo suficiente em família. Foi um prazer

conhecer você, Maggie.

— Foi um prazer também.

Sam revirou os olhos depois de Alex sair.

— Espalhando alegria e felicidade por onde ele passa.

— Com o casamento dele acabando — disse Maggie —, é normal ele passar por um período sombrio.

Os irmãos pareceram achar aquilo extremamente divertido.

— Querida — falou Mark —, o Alex está em um período sombrio desde os dois anos de idade.

Em certo momento, Maggie se viu

apoiada na dobra do braço de Mark. O corpo dele estava duro e quente, seu ombro suportando a cabeça dela com perfeição. Ela não assistiu ao jogo direito, a tela da televisão ficou como uma mancha de cores enquanto ela absorvia a sensação de estar perto de Mark.

— O macarrão com queijo —
começou ele — era ainda melhor do que eu tinha imaginado.

— Ingrediente secreto.

— Qual é?

— Não conto o meu se você não contar o seu.

Havia um sorriso na voz dele.

— Você primeiro.

— Eu coloco um fiozinho de azeite de trufa no molho. Agora conte o que você coloca no café.

— Um toque de açúcar de bordo.

Ele pegou a mão dela, o polegar acariciando por cima dos nós dos seus dedos. A sensualidade casual enviou um tremor sutil pelo corpo dela. Maggie sentiu tanto prazer como desespero, reconhecendo só para si que, para uma mulher que estava decidida a não se envolver, tinha feito uma porção de escolhas questionáveis nos últimos tempos.

O que Elizabeth havia dito mesmo? Que, quando parasse de parecer uma paquera, então se tornaria um problema. E era impossível para Maggie negar que aquilo havia passado do flerte, passado muito do superficial. Ela poderia amá-lo se deixasse acontecer. De um jeito profundo, apaixonado e destruidor.

Ele era a armadilha que ela certa vez prometera desesperada para si mesma que evitaria.

— Tenho que ir — sussurrou ela.

— Não, fique.

Mark olhou nos olhos dela e, o que quer que tenha visto, fez com que levasse a mão para o seu rosto num

gesto de carinho extremamente gentil.

— O que foi? — murmurou ele.

Maggie abanou a cabeça, tentou forçar um sorriso e se afastou dele. Sentiu que os músculos do rapaz ficaram tensos em protesto à medida que ela abandonava o quente conforto da proximidade dele. Aproximando-se de Holly, que ainda estava em um sono profundo, ela se curvou para dar um beijo na menina.

— Você vai embora? — perguntou Sam, erguendo-se da poltrona reclinável.

— Não precisa se levantar — disse Maggie, mas Sam foi até ela e colocou

os braços ao redor do seu corpo em um abraço fraternal.

— Sabe — disse ele, afável —, se você perder o interesse pelo meu irmão, eu sou uma alternativa revigorante.

Maggie riu e fez que não com a cabeça.



Enquanto Mark caminhava com Maggie para fora da casa, foi preenchido por um imenso desejo, afeição e compaixão, tudo enlaçado por uma linha de frustração. Entendia o conflito interior dela, provavelmente melhor do que ela teria acreditado. E se encontrou na

situação de ter de forçá-la, com cuidado, a algo para o que estava determinada a nunca estar pronta. Se fosse apenas questão de ser paciente, ele teria dado a ela toda a paciência do mundo. Mas isso não seria suficiente para fazê-la superar seus medos antigos.

Ele a deteve na varanda da frente, querendo conversar por um ou dois minutos antes de saírem para a brisa gelada.

— Você vai trabalhar na loja amanhã?
— perguntou ele.

Maggie fez que sim com a cabeça, sem olhar direito nos olhos dele.

— Vai ficar corrido de agora até o

Natal.

— Que tal jantarmos uma noite desta semana?

Isso a fez olhar para ele. O olhar dela foi suave e sombrio, sua boca tinha um toque de melancolia.

— Mark, eu...

Ela parou, engoliu seco e pareceu tão abatida que ele, por instinto, a abraçou. Ela ficou dura, apertando os antebraços, mas ele continuou a segurá-la. A respiração dos dois se misturou.

— Por que o Sam pode abraçar você — sussurrou Mark — e eu não?

— Um tipo diferente de abraço — ela

conseguiu dizer.

Mark baixou a testa para a dela.

— Porque você me deseja —
murmurou ele.

Maggie não negou.

Um longo momento se passou e ela se desdobrou e deslizou os braços em volta dele.

— Não sou o que você precisa —
falou ela, a voz abafada contra o peito dele. — Você precisa de alguém que possa assumir um compromisso com você e com a Holly. Alguém que possa ser parte da sua família.

— Você fez uma simulação muito boa

hoje.

— Tenho mandado sinais confusos para você. Sei disso. Desculpe.

Maggie suspirou e seu tom ficou pesaroso.

— Parece que você é tentação demais para eu aguentar.

— Você devia simplesmente ceder — disse ele, com gentileza.

Mark sentiu uma agitação de risada correr pelo corpo dela. Mas, quando ela levantou o olhar, sua respiração presa em outro riso, ele viu que os olhos dela estavam brilhando com lágrimas não derramadas.

— Meu Deus, por favor não faça isso
— sussurrou ele.

Uma única lágrima escorregou pelo rosto dela e ele a limpou com o polegar.

— Se você não parar, Maggie, vou fazer amor com você bem nesta varanda gelada com todas as lascas.

Maggie enterrou o rosto contra o corpo dele, respirou profundamente e levantou o olhar de novo.

— Devo parecer uma covarde. Mas conheço as minhas limitações. Você não sabe o que eu passei vendo meu marido morrer devagar por mais de um ano. Isso quase me matou. Não posso fazer de novo, nunca mais. Aquela foi minha

única chance.

— Sua única chance acabou quase depois de começar — Mark soou impaciente, adorando a sensação dela em seus braços. — Seu casamento nunca teve a chance de decolar. Você nunca teve a hipoteca, o cachorro, os filhos, as discussões sobre de quem é a vez de lavar a roupa.

Olhando para a curva trêmula dos lábios dela, ele não pôde deixar de beijá-la, com muita dureza e rapidez para ser prazeroso.

— Não vamos fazer isso agora. Vamos, vou levar você para o seu carro.

Os dois ficaram em silêncio enquanto

ele a acompanhava até o carro. Maggie virou-se para olhá-lo, e ele aninhou o rosto dela entre suas mãos e a beijou de novo, desta vez se demorando até sentir que ela também o beijava.

Erguendo a cabeça, Mark ajeitou os cachos rebeldes dela e falou com a voz rouca.

— Ficar sozinha não é segurança, Maggie. É só ficar sozinha.

Depois de ela ter entrado no carro, ele fechou a porta com cuidado e a observou ir embora.



Para alívio de Maggie, seu relacionamento com Mark voltou ao normal no dia depois da Ação de Graças. Ele levou café para a loja e estava tão relaxado e charmoso que ela poderia ter quase acreditado que aquela cena na varanda da casa dele nunca tinha

acontecido de fato.

Na segunda-feira, dia de folga de Maggie, Mark pediu a ajuda dela para comprar decorações de Natal, já que ele e Sam não tinham um único enfeite. Maggie o acompanhou a várias lojas em Friday Harbor para dar conselhos sobre itens como arranjos de plantas frescas para as cornijas das lareiras e as portas, uma guirlanda para a porta da frente, um par de velas grossas e pesadas em suportes de vidro mercurizado e um pôster do Papai Noel retrô emoldurado. A única coisa a que Mark fez objeção foi uma pirâmide de frutas ornamentais no estilo de Williamsburg como centro de mesa.

— Odeio frutas falsas — falou Mark.

— Por quê? São lindas. É o que os vitorianos usavam como decoração nas festas.

— Não gosto de nada que pareça que eu posso comer, mas não posso. Preferiria ter frutas de verdade.

Maggie olhou para ele com uma exasperação divertida.

— Não duraria tempo suficiente. E, se for feita de frutas de verdade e você comer, o que vai fazer então?

— Comprar mais frutas.

Depois de terem colocado o restante das compras na caminhonete de Mark,

ele conseguiu convencer Maggie a jantarem juntos. Ela havia tentado recusar, dizendo que era muito parecido com um encontro, mas ele a persuadira, dizendo que seria como um almoço, só que mais tarde. E ela cederia. Foram a um restaurante intimista a sete quilômetros de Friday Harbor e se sentaram numa mesa perto da lareira de pedra. No brilho da luz de velas, comeram suculentas vieiras do Alasca cobertas com *confit* de pato e queijo de cabra, e filé mignon reluzindo com uma fina camada de café expresso com tâmaras.

— Se isso tivesse sido um encontro — disse Mark depois —, teria sido o

melhor da minha vida.

— Foi um bom treino — falou Maggie, rindo —, para quando você tiver um encontro de verdade com alguém.

Porém, mesmo para ela, isso soou falso e vazio.

Durante as semanas anteriores ao Natal, a ilha explodiu em atividades, shows, comemorações, concursos de iluminação e festivais. O que Holly mais aguardava era o desfile anual de barcos iluminados. Realizado pelo Clube de Navegação de Friday Harbor e pelo Clube de Iatismo da Ilha de San Juan, era uma frota de embarcações decoradas

e completamente iluminadas que ia de Shipyard Cove até o Clube de Iatismo e voltava. Até os barqueiros que não participavam do desfile amarravam luzes nos seus barcos. A última embarcação da frota seria a do Papai Noel, de onde ele desembarcaria na doca da Spring Street. Seria recebido por músicos e andaria em um caminhão dos bombeiros até o centro de convalescentes.

— Quero assistir com você — disse Holly a Maggie, que prometeu ir até a doca depois de fechar a loja e encontrá-los lá.

Uma enorme multidão se espalhava pela doca e pela área ao redor, no

entanto, e o clamor animado do público do desfile e das pessoas que cantavam canções de Natal era quase ensurdecedor. Maggie vagou em meio à turba, passando por aglomerações de famílias com crianças e casais e grupos de amigos. Os barcos iluminados brilhavam e faiscavam na escuridão, provocando gritos de animação nos espectadores. Com o coração pesado, Maggie percebeu que não conseguiria encontrar Holly e Mark com facilidade, isso se os encontrasse.

Tudo bem, disse a si mesma. Eles se divertiriam sem ela. Ela não fazia parte da família. Se Holly ficasse decepcionada por ela não aparecer, não

seria por muito tempo.

Porém, nada disso ajudou a aliviar o aperto em sua garganta ou a pressão de ansiedade em seu peito. Continuou procurando em meio à multidão, passando por entre as famílias.

Pensou ter ouvido seu nome. Parou e se virou, passando os olhos ao redor. Teve o vislumbre de uma menina em um casaco de inverno e um gorro vermelho. Era Holly, parada com Mark, acenando para ela. Maggie arfou levemente de alívio e foi ao encontro dos dois.

— Você perdeu alguns dos barcos — exclamou Holly, pegando na mão dela.

— Desculpe — disse Maggie, sem

fôlego. — Foi difícil encontrar vocês.

Mark sorriu e colocou um braço em volta dos ombros dela, puxando-a contra a lateral do seu corpo. Ele olhou para baixo na direção do rosto dela, pois a sentia como se recuperasse o fôlego.

— Você está bem? — perguntou ele

Maggie sorriu e fez que sim com a cabeça, perigosamente perto de cair no choro.

Não, ela pensou. *Não estou bem*. Sentia como se tivesse acabado de ter um daqueles sonhos em que tentava encontrar alguém ou alguma coisa que sempre ficava fora do seu alcance, um daqueles pesadelos que a faziam

acordar em pânico. E agora estava onde mais queria estar, com as duas pessoas com quem mais queria estar no mundo.

Parecia tão certo que a assustou.



— Tem certeza de que não quer comprar uma árvore? — perguntou Mark na segunda-feira seguinte, enquanto Maggie o ajudava a colocar sua árvore na caminhonete.

— Não preciso de uma — disse ela, alegre, cheirando os vestígios frescos de seiva em suas luvas enquanto ele amarrava a árvore. — Sempre passo o Natal em Bellingham.

— Quando você vai?

— Na véspera.

Vendo o leve franzir de sobrancelhas dele, Maggie disse:

— Antes de ir, vou deixar um presente para a Holly debaixo da árvore, para ela abrir na manhã de Natal.

— Ela preferiria abrir com você lá.

Maggie piscou, sem ter certeza de como responder. Aquilo significava que ele queria que ela passasse o Natal com ele? Estaria pensando em convidá-la?

— Sempre fico com a minha família no Natal — falou ela, cuidadosa.

Mark fez que sim com a cabeça, abandonando o assunto. Ele a levou para a casa no Vinhedo Rainshadow e, juntos, arrastaram a árvore para dentro com dificuldade. A casa estava silenciosa, com Holly ainda na escola. Sam havia ido para Seattle visitar amigos e fazer compras de fim de ano.

Maggie sorriu quando viu a proliferação de flocos de neve de papel branco pendurados nas passagens das portas e no teto.

— Alguém esteve ocupado.

— A Holly aprendeu a fazer na escola — contou Mark. — Agora ela se transformou em uma fábrica de flocos de

neve.

Ele acendeu a lareira, enquanto Maggie desembulhava pacotes de luzes brancas e piscantes para a árvore.

Em uma hora, colocaram a árvore no suporte e a enfeitaram com as luzes.

— Agora, a parte mágica — disse Maggie, apertando-se para entrar no espaço estreito atrás da planta.

Ela colocou o fio das luzes na tomada e a árvore começou a brilhar e a reluzir.

— Não é mágica — disse Mark, mas ele estava sorrindo ao se afastar para ver a árvore.

— O que é, então?

— Um sistema de pequeninos bulbos iluminados pelo movimento de elétrons em material semicondutor.

— Sim.

Maggie levantou um dedo indicador significativamente enquanto se aproximava dele.

— Mas o que faz as luzes *piscarem*?

— Mágica — disse ele, resignado, com os lábios se contraindo.

— Exato.

Ela lhe deu um sorriso largo e satisfeito.

Mark deslizou as mãos pelo cabelo dela, segurou sua cabeça e a olhou.

— Eu preciso de você na minha vida.

Por um momento, Maggie não conseguiu se mexer nem respirar. A declaração foi surpreendente por ser tão franca, por ser tão direta. Ela não podia se virar para o outro lado, só podia encará-lo, embasbacada com a expressão dos olhos azuis-esverdeados dele.

— Há pouco tempo eu disse à Holly que o amor é uma escolha — falou Mark. — Eu estava errado. O amor não é uma escolha. A única escolha é o que você vai fazer com ele.

— Por favor — sussurrou ela.

— Entendo do que você tem medo. Entendo por que é tão difícil para você. E você pode escolher não arriscar. Mas eu vou amar você de qualquer forma.

Maggie fechou os olhos.

— Você tem todo o tempo de que precisar — ela o ouviu dizer. — Posso esperar até você estar pronta. Mas eu precisava falar como me sinto.

Ela ainda não conseguia olhar para ele.

— Talvez eu nunca esteja pronta para o tipo de compromisso que você quer. Se você estivesse pedindo apenas sexo sem importância, não seria problema. Isso eu poderia fazer. Mas você...

— Certo.

Os olhos dela se abriram de repente.

— Certo o quê?

— Eu aceito o sexo sem importância.

Maggie olhou fixamente para ele, desconcertada.

— Você acabou de dizer que estava disposto a esperar!

— Estou disposto a esperar pelo compromisso. Mas, enquanto isso, posso me contentar com sexo.

— Então... você não se importaria em ter uma relação física que não fosse a lugar nenhum?

— Se for a sua melhor oferta.

Encarando-o, Maggie viu o lampejo de uma risada nos lábios dele.

— Você está fazendo piada comigo — falou ela.

— Não mais do que você está fazendo comigo.

— Você não acha que eu vou até o fim com isso, acha?

— Não — respondeu ele com delicadeza —, não acho.

Maggie estava muito agitada para ser capaz de organizar todo o emaranhado de emoções dentro de si. Havia indignação, medo, alarme, até um toque

de diversão... Mas nada disso era responsável pelo calor vibrante e trêmulo que começava a percorrer todo o seu corpo. A sensação se acumulava em lugares que aumentavam seu rubor e faziam a consciência que ela tinha da presença dele ser insuportável. Ela o queria, bem naquele momento, com uma necessidade de enlouquecer, fazer bater o coração, entorpecer.

Maggie ficou vagamente impressionada por sua voz estar estável quando perguntou:

— Onde é o seu quarto?

Ela teve a satisfação de ver os olhos dele se arregalarem, o brilho de

diversão sumindo.

Mark a levou escadas acima, olhando para ela de tempos em tempos como se quisesse garantir que ainda estava com ele. Entraram no quarto dele, limpo e com poucos móveis, as paredes pintadas de uma cor neutra que não podia ser definida à luz fraca de um dia de dezembro.

Antes que pudesse perder a coragem, Maggie tirou os sapatos, a malha e a calça jeans. O ar frio do quarto a fez tremer enquanto ficou parada ali com a roupa de baixo. Mark se aproximou e ela levantou a cabeça, vendo que ele tinha tirado a malha e a camiseta, a parte de cima do seu corpo nua, musculosa e

bela. Os movimentos dele eram cuidadosos, gentis, como se estivesse tentando não assustá-la. Ela quase conseguia sentir o olhar dele ao deslizar por ela, parando em seu rosto.

— Como você é bonita — sussurrou ele, acariciando o ombro dela.

Pareceu que ele levou uma eternidade para terminar de despi-la, beijando cada novo centímetro de pele que lhe era revelado.

Por fim, ela se deitou nua na cama, estendendo as mãos para cima na direção dele sem ver direito. Ele arrastou sua calça jeans, tirando-a, e a trouxe contra seu corpo, a pele dele

quente como se estivesse febril sob as mãos exploradoras dela. Ele a beijou, sua boca procurando com habilidade, depois exigindo, e ela se abriu para ele, entregando tudo.

Novas sensações se revelaram, prazer se fortalecendo em reação às explorações da boca dele, suas mãos gentis, e o calor quase a dominando.

Apoiando seu peso sobre ela, Mark afastou o cabelo de Maggie para longe do seu rosto suado.

— Você achou mesmo que poderia ser menos do que isso? — perguntou ele delicadamente.

Maggie o encarou, balançada até a

alma. Para eles não podia haver nada menos do que amor, nada menos do que para sempre. A verdade estava ali na velocidade mútua da pulsação deles, o choque de desejo que ressoava entre os dois. Ela não podia mais negar.

— Me ame — sussurrou ela, ansiando por enfim possuí-lo.

— Sempre. Maggie, meu amor...

Mark então a penetrou, num prazer quente que a preencheu com seu deslizar implacável. Ele era muito forte, dentro dela, por cima dela. Ela sentiu as ondas de prazer chegando mais fortes, inclinando-se um pouco para trás, depois para a frente de novo, mais alto,

até ela gritar, maravilhada. Suas mãos agarraram as costas dele, os músculos escorregadios de suor unindo-se com força sob as palmas dela. Ele a seguiu, achando seu próprio escape na enseada doce e poderosa do abraço dela.

Depois, ficaram deitados em silêncio, seus corpos apertados em uma proximidade íntima.

Havia mais perguntas a serem feitas, respostas que teriam de ser encontradas. Porém, por ora, tudo podia esperar, enquanto ela continuava embebida em um senso de novidade e possibilidade. E esperança.



Véspera de Natal

Alguns dos presentes embrulhados tiveram de ser mexidos enquanto Alex e Sam montavam o trem elétrico para circular ao redor da árvore de Natal. Holly gritou de felicidade, correndo de

pijama de flanela para seguir o trem em movimento. Renfield se arrastou para a frente e observou, desconfiado.

Ficou combinado que Holly poderia abrir um presente na véspera de Natal, e o restante esperaria até a manhã seguinte. Naturalmente, ela escolheu a maior caixa, que era o trem. Outra caixa, ainda bem embrulhada, continha uma casa de fadas que Maggie começou para ela, junto com tintas, sacos de musgo seco e flores, um pote de cola com brilho e outros materiais para Holly decorá-la.

Mark se sentou no sofá ao lado de Maggie, que ajeitava uma pilha de livros de Natal que eles haviam lido em voz

alta.

— Está ficando tarde — murmurou Maggie. — Daqui a pouco eu preciso ir.

Os nervos dela formigaram agradavelmente quando ele se inclinou para falar em voz baixa no seu ouvido.

— Passe a noite aqui comigo.

Maggie sorriu.

— Achei que houvesse uma regra de que visitas não podem dormir aqui — sussurrou ela.

— Sim, mas tem uma exceção: uma visita pode dormir aqui se eu for me casar com ela.

Ela deu um olhar de reprovação para

ele.

— Você está forçando de novo,
Nolan.

— Você acha? Então, é provável que
não vá gostar de um dos presentes que
eu vou dar para você amanhã.

O coração dela deu um pulo.

— Ah, meu Deus.

Ela colocou a cabeça entre as mãos.

— Não permita que seja o que eu
acho que é.

Ela o olhou por entre os dedos.

Mark sorriu.

— Tenho motivo para ter esperança.

Você teve dificuldade de me dizer não nos últimos tempos.

O que era mais ou menos verdade. Maggie baixou as mãos e o encarou, aquele homem bonito e impossivelmente sensual que estava mudando a vida dela em um tempo tão curto. Sentiu uma onda de felicidade tão forte que mal conseguiu respirar.

— É só porque eu amo você — falou ela.

Ele estendeu as mãos para ela, inclinando a cabeça sobre a dela, sua boca firme e doce.

— *Eca* — Maggie ouviu Holly exclamar, rindo. — Eles estão se

beijando de novo!

— Nós só temos uma chance — disse Sam a ela. — Vamos subir para não ter que ver os dois.

— Está na hora de eu dormir?

— Já passou meia hora da hora de você dormir.

Os olhos de Holly se arregalaram.

— O Papai Noel vai chegar logo. Temos de colocar os biscoitos e o leite.

— E não se esqueça das cenouras para a rena — disse Maggie, desenroscando-se de Mark e indo para a cozinha com Holly.

— Você acha que o Renfield pode

assustar o Papai Noel? — perguntou Holly, sua voz ecoando para a sala de estar.

— Com todos os cachorros que o Papai Noel já viu? Sem chance...

Ficando em pé e se alongando, Alex disse:

— Eu vou indo. Está na minha hora de dormir também.

— Você vai voltar amanhã, não vai?
— questionou Sam.

— A Maggie vai fazer o café da manhã?

— Pelo menos na função de supervisora.

— Estarei aqui, então.

Alex foi até a porta e parou para olhar de novo para eles.

— Eu gosto — ele os surpreendeu ao dizer, pensativo. — Parece meio... família.

Ele foi se despedir de Holly e Maggie e saiu.

— Acho que ele vai ficar bem — observou Sam. — Principalmente quando o divórcio tiver terminado.

Mark deu um sorrisinho.

— Acho que todos nós vamos ficar bem.

Holly voltou para a sala e colocou um

prato de biscoitos e um copo de leite na mesa de centro.

— Renfield — falou ela —, *não* coma nada disso.

O buldogue balançou a parte de trás do corpo.

— Vem, molequinha — Sam a chamou. — Vou colocar você na cama já.

Holly olhou para Mark e Maggie.

— Vocês vêm me dar um beijo de boa-noite?

— Em alguns minutos — prometeu Maggie. — Só vamos arrumar um pouquinho e deixar as coisas prontas

para amanhã.

Ela observou, amorosa, enquanto Holly galopava escada acima.

Conforme Mark foi desligar o trem, Maggie foi até o prato de biscoitos e tirou do bolso um pedaço de papel.

— O que é isso? — perguntou ele, voltando para ela.

— Um bilhete que a Holly queria que eu colocasse ao lado do prato.

Ela mostrou a ele.

— Você sabe o que ela quis dizer com isso?

Querido Papai Noel

obrigada por transformar meu desejo
em realidade.

com amor

Holly

Mark colocou o bilhete na mesa de
centro e os braços em volta de Maggie.

— Sim — respondeu ele, olhando-a
suavemente. — Eu sei o que ela quis
dizer.

E, ao inclinar a cabeça e beijá-la,
Mark Nolan enfim acreditou em magia.